



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



**Priscilla Martins Dornelas**

**As noções de masculino e feminino: concepções ideológicas e papéis de gênero.**

**UBERLÂNDIA  
2019**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



**Priscilla Martins Dornelas**

**As noções de masculino e feminino: concepções ideológicas e papéis de gênero**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientador(a): Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke

**UBERLÂNDIA  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

D713n  
2019

Dornelas, Priscilla Martins, 1993  
As noções de masculino e feminino [recurso eletrônico] : concepções ideológicas e papéis de gênero / Priscilla Martins Dornelas. - 2019.

Orientador: João Fernando Rech Wachelke.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.1235>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Psicologia. 2. Ideologia. 3. Homens - Psicologia. 4. Mulheres - Psicologia. I. Wachelke, João Fernando Rech, 1982, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

---

CDU: 159.9

Angela Aparecida Vicentini Tzi Tziboy – CRB-6/947

## As noções de masculino e feminino: concepções ideológicas e papéis de gênero

Dissertação aprovada para a obtenção do título de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 28 de fevereiro de 2019.

---

Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke (Orientador)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maristela de Souza Pereira (Examinadora)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho (Examinadora)  
Universidade Federal Fluminense- Rio de Janeiro



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Para meus pais, Cirene e Osvaldo,  
os quais sempre me incentivaram  
e nunca me deixaram esquecer  
que para alcançar os resultados  
deve-se estabelecer um caminho.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



***AGRADECIMENTOS***

Agradeço às divindades superiores pelas dádivas, proteções e inspirações que recaíram sobre mim.

À Universidade Federal de Uberlândia, ao seu corpo docente e administrativo, que contribuíram para a realização desse trabalho.

Ao meu orientador “monge” João Wachelke por compartilhar seus saberes, por sua paciência e dedicação. Sou grata por despertar meu espírito de pesquisadora.

Aos meus pais e ao meu irmão André, por terem fornecido todos os tipos de suporte para que eu conseguisse concluir essa jornada.

Ao “digimundo”, meu círculo de amigas que colaborou imensamente para que eu me tornasse quem sou hoje. Por cada conselho, amor, cumplicidade e apoio.

À minha amiga Marina que ouviu incansavelmente trechos desse trabalho e me apoiou durante todo o processo.

Ao meu grande incentivador Victor Matheus por me amparar nos momentos de desassossego e ansiedade. Obrigada pelo carinho, companheirismo e principalmente pelos cafés.

A todos os amigos, especialmente Lincoln e Thiago, obrigada por acreditarem e me encorajarem.



## **RESUMO**

O estudo teve o objetivo de caracterizar as concepções de adultos Uberlandenses sobre os papéis de gênero que permeiam o imaginário social e verificar a existência de assimetrias nas representações de traços de feminilidade ou masculinidade. O marco teórico orientou-se pelo conceito de gênero e sua história, relacionando-o com estereótipos e papéis de gênero, bem como teorias sobre a ideologia para tratar das assimetrias entre os gêneros e a dominação masculina; linguagem para demonstrar como os traços são reproduzidos nos discursos cotidianos; e *thêmata* devido à sua capacidade de instaurar ideias quando associadas ao discurso e as representações sociais. A amostra foi de 1000 participantes residentes em Uberlândia-MG, 52,7% do sexo feminino, com idades entre 20 a 49 anos. Os participantes responderam um questionário estruturado que abordava opiniões sobre traços característicos de homens e mulheres. Os dados foram submetidos a análises descritivas de frequências com cruzamentos conforme características sociais dos participantes, bem como a análise de correspondências múltiplas. Os resultados demonstram que os traços de dominância e instrumentalidade são considerados masculinos enquanto submissão e expressividade são traços atribuídos ao feminino. Às mulheres foram atribuídos os traços de *sensibilidade, beleza, emoção, delicadeza, ternura, cuidado, submissão, obediência, cooperação, tolerância e razão*. Já os homens foram mais representados pelos traços de *agressividade, força, egoísmo, poder e competição*. A análise desses traços verificou a existência de padrões normativos, regras ou obrigações sociais que podem estruturar uma relação assimétrica dos papéis de gênero. A atribuição dos traços revela um desnivelamento de poder entre homens e mulheres, de acordo com a lógica dos estereótipos e *thêmata*, onde os papéis femininos ainda aparecem ser inquestionáveis.

Palavras chave: Antinomia, ideologia, gênero, papéis, *thêmata*, traços.



## **ABSTRACT**

The purpose of this study was to characterize the conceptions of Uberlândia adult population about the gender roles that permeate the social imaginary and verify the existence of asymmetries in the representations of femininity or masculinity traits. The theoretical framework was guided by the concept of gender and its history, relating it with stereotypes and gender roles, as well as theories about ideology to deal with gender asymmetries and male domination; language to demonstrate how traits are reproduced in everyday discourses; and thématas due to their ability to instill ideas when associated with discourse and social representations. A theoretical framework consists of concepts and, together with their definitions and reference to relevant scholarly literature, existing theory that is used for your particular study. The sample was made of 1000 participants residing in Uberlândia-MG, with 52.7% being female, aged between 20 and 49 years. Participants have found a structured questionnaire that addressed the assessments of the characteristic traits of men and women. The data were submitted to descriptive analysis of frequencies with crossings according to the social characteristics of the participants, as well as the analysis of multiple correspondences. The results demonstrate that the dominance and instrumentality traits are considered masculine, while submission and expressiveness are traits attributed to the feminine. Women received the traits of sensitivity, beauty, emotion, delicacy, tenderness, care, submission, obedience, cooperation, tolerance and reason. Men were more represented by the traits of aggressiveness, strength, selfishness, power and competition. These traits analysis verified the existence of normative standards, rules or social obligations that may structure an asymmetrical relationship of the gender roles. The traits attributions reveals an unevenness of power between men and women, according to the logic of stereotypes and thématas, which the feminine roles still appear to be unquestionable.

Keywords: Antinomy, ideology, gender, roles, thématas, traits.



## **SUMÁRIO**

|  |    |
|--|----|
| Marco Teórico .....  | 1  |
| Gênero e história das relações de gênero .....                           | 2  |
| Concepções históricas dos gêneros .....                                  | 5  |
| Dimensões de gênero: representações, papéis e estereótipos sociais ..... | 10 |
| Assimetrias entre os sexos: uma relação de poder .....                   | 14 |
| Alguns estudos sobre gênero e atribuições de traços .....                | 20 |
| Ideologia, linguagem e oposições .....                                   | 26 |
| O papel da ideologia .....   | 28 |
| Antinomias e thêmata .....   | 32 |
| Objetivos .....  | 41 |
| <i>Objetivo geral</i> .....  | 41 |
| <i>Objetivos específicos</i> .....                                       | 41 |
| Método .....   | 42 |
| <i>Participantes</i> .....   | 42 |
| <i>Instrumento</i> .....   | 44 |
| <i>Procedimentos</i> .....   | 45 |
| Análise de dados .....   | 45 |
| Resultados .....   | 47 |
| Discussão .....  | 72 |
| <i>Associação entre os traços e variáveis sociais</i> .....              | 72 |
| <i>Traços diferentes para homens e mulheres</i> .....                    | 73 |
| <i>Capacidade de explicação dos traços</i> .....                         | 77 |
| <i>Novas exigências, traços antigos</i> .....                            | 79 |
| <i>Considerações sobre os sistemas sociais</i> .....                     | 83 |
| <i>Questionamentos e vicissitudes</i> .....                              | 85 |
| Considerações finais .....   | 87 |
| Referências .....  | 89 |
| Apêndice 1 .....   | 95 |
| Apêndice 2 .....   | 96 |

## Marco Teórico

“Quero pedir desculpa a todas as mulheres  
 que descrevi como bonitas  
 antes de dizer inteligentes ou corajosas  
 fico triste por ter falado como se  
 algo tão simples como aquilo que nasceu com você  
 fosse seu maior orgulho quando seu  
 espírito já despedaçou montanhas  
 de agora em diante vou dizer coisas como  
 você é forte ou você é incrível  
 não porque eu não te ache bonita  
 mas porque você é muito mais do que isso” (Kaur, 2017, p.218)

O meio social age constantemente sobre os indivíduos determinando comportamentos, regras e valores. Com base nessas condutas aprendemos como agir em determinados contextos, como conversar, vestir-se, demonstrar sentimentos ou até mesmo reprimir alguns deles. Essas expectativas variam de acordo com a posição social ocupada por cada pessoa na sociedade, isto é, a inserção nos grupos determina os papéis que devem desempenhar.

As crenças sobre como as pessoas são e como devem agir seguem a ordem do senso comum; associam-se comportamentos e características gerais de pessoas ou grupos sem considerar sua singularidade. Ao falar dos grupos formados por homens ou mulheres é possível afirmar que a sociedade espera e demanda determinados comportamentos e características de cada um. É comum acreditar que as mulheres possuem um dom natural de zelo e cuidado, devido à sua capacidade de gerar filhos, enquanto os homens devem demonstrar sua força para poder manter o lar e sua família longe dos perigos. Basicamente essa é a lógica que será abordada no decorrer deste trabalho, o estudo dos papéis de gênero a partir dos traços associados a homens e mulheres, ancorados em suas origens históricas e funcionalidade social.

A princípio será apresentada a conceituação da categoria gênero e sua evolução histórica; essa classificação se relaciona com os estereótipos e papéis de gênero. Em seguida o texto contará com referências teóricas de algumas pesquisas com a mesma lógica ou temática

com o intuito de elucidar questões pertinentes conforme contribuições consolidadas academicamente. Para a argumentação teórica serão apresentados posteriormente os conceitos de ideologia, linguagem em oposições e *thémata*, que permitem explicar características e a operação social dos fenômenos investigados.

### **Gênero e história das relações de gênero**

Para tratar das características que as pessoas associam a homens e mulheres, é necessário inicialmente definir a categoria gênero e justificar seu uso, contrapondo-o ao sexo. A categoria sexo está relacionada à constituição dos cromossomos das características biológicas e anatômicas de cada organismo. Segundo o Dicionário Aurélio da língua portuguesa (Ferreira, 2001), sexo é um conjunto de atributos que diferenciam os seres vivos com base em suas funções reprodutoras; seria a diferenciação dos órgãos externos (pênis/vagina) que diferencia o macho da fêmea. Portanto, a conceituação do termo sexo está relacionada aos atributos biológicos, mais especificamente aos órgãos reprodutores femininos e masculinos, o modo como funcionam e suas características hormonais (Santana & Benevento, 2013).

O termo gênero é descrito como uma forma de categorização dos sexos e de suas diferenças; aborda também aspectos históricos, sociais e comportamentais. Na classificação dos sexos são encontradas duas classes: homem e mulher. Os sujeitos são agrupados de acordo com características em comum, a classe composta por homens forma o gênero masculino e a de mulheres forma o gênero feminino (Guedes, 1995).

A classificação em gêneros é cercada por polêmicas e é de difícil definição. Com base nessas possíveis confusões, Amâncio (2003) descreve que o essencial para compreender a importância da conceituação de gênero é saber que a distinção dos sexos permite investigações sociais. Assim, gênero como substituto de sexo tem o propósito de ir além do determinismo

biológico e de abranger os fatores históricos e sociais que legitimam as divisões em categoriais sociais de acordo com os sexos.

O uso do termo gênero ganhou destaque na década de 1980, para falar sobre opressão e desigualdades, utilizado principalmente por autoras feministas que empregavam o conceito de formas variadas. O uso dessa terminologia colaborou para reflexões sobre o determinismo biológico, normas sociais, culturais e como elas são capazes de desenvolver representações sobre papéis femininos e masculinos (Musskopf, 2014).

As definições atribuídas ao conceito “gênero” servem para explicar diversos fatos sociais. Os entendimentos e aplicações desse substantivo apresentam diferenciações entre os sexos, essas diferenças são geralmente debatidas por vieses biológicos e psicológicos.

“gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (Scott, 1986, p.1054)

Por outro lado, a distinção feita pela oposição de gêneros acabou distanciando ainda mais a realidade de homens e mulheres. O uso do termo que pretendia fugir do determinismo biológico tornou-se aparentemente um substituto para os conservadores que reproduziam o enquadramento do padrão biológico, comportamental e da atribuição de papéis sociais (Musskopf, 2014).

Enquanto o termo gênero tentava se estabelecer academicamente, rumores da falta de embasamento teórico do conceito foram espalhados, principalmente por integrantes do movimento antifeminista. De acordo com esses rumores, seria impossível deixar as definições biológicas fora do binômio masculino/feminino. Simpatizantes da causa afirmavam que a lógica feminista não fazia sentido, pois ao mesmo tempo que as feministas declaravam a

igualdade entre os sexos, eram automaticamente inseridas em um nível de subordinação comprovando a crença tradicional das diferenças entre os sexos (Marques, 2011).

Ao analisar criticamente essa situação, estima-se que a definição de gênero incitou a insegurança social, principalmente daqueles que pregavam o conservadorismo, visto que a aplicação da nova expressão estava intimamente ligada à desestruturação da dominação masculina.

A diferenciação dos termos sexo, gênero e sexualidade, demonstra que as relações de gênero são construídas por disposições do poder:

Definindo gênero, podemos dizer que se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais (Santana & Benevento, 2013, p.1).

Beauvoir (1970) reforça que toda a história feminina foi criada por homens; essa autonomia forneceu a eles a oportunidade necessária para que criassem normas morais, valores, crenças e doutrinas. Ao tratar de negócios e relações de poder os homens só se correspondiam com outros homens, enquanto a mulher pertencia ao grupo de bens e objeto de troca do sexo oposto. Diante disso, as mulheres nunca tiveram contato direto para competir com os homens.

Ao cogitar fugir dos ideais impostos pelos homens e naturalizados por toda a sociedade, as mulheres que protestavam contra o que havia sido naturalizado eram classificadas como um mal para o mundo, descritas como usurpadoras do poder político, adúlteras e feiticeiras (Del Priore, 1994).

Segundo Scott (1986), quando gênero é utilizado para substituir mulheres, o termo também apresenta informações sobre o sexo oposto. Assim, homens e mulheres estão inseridos no mesmo ambiente social e as ações de um interferem na do outro. Oliveira e Amâncio (2017) salientam que o uso da palavra gênero e a atribuição de papéis femininos e masculinos

ocorreram de forma assimétrica; com isso uma relação de dominação simbólica foi estabelecida e precisa ser questionada.

Ao assumir os fundamentos sociais que estão presentes na definição de gênero, assume-se também que ela estabelece diretrizes comportamentais e regulamentais para homens e mulheres (Amâncio, 1992). Em outras palavras, os sentidos atribuídos na conceituação de gênero estabelecem modos de comunicação, os quais são disseminados por signos e produzem representações sociais, isto é, conhecimento sobre temas da sociedade elaborados e compartilhados por grupos (Guedes, 1995).

### **Concepções históricas dos gêneros**

Durante o Renascimento o foco estava no ser humano, a igreja e Deus haviam sido deixados em segundo plano por um período. Isso pode ser observado nas obras de arte que reproduziam novos aspectos da anatomia humana, e nas teorias científicas criadas nesse período (Brandini, 2007). Laqueur (1986) também trata do Renascimento como uma fonte de especulações: com os olhares voltados para a anatomia humana e aos detalhes apresentados nas artes, os indivíduos começaram a atribuir significados às diferenças.

Em meados do século XVIII, a diferenciação de características entre os sexos era marcada pelo determinismo biológico. Nesse momento da história as representações criadas sobre os sexos baseavam-se nas diferenças sexuais biológicas e reafirmavam a lógica de papéis de gênero. De acordo com os achados de medicina dessa época os autores costumavam descrever o corpo masculino com superioridade, enquanto o corpo feminino era descrito como limitado à maternidade. Temas como menstruação ou a passagem para a vida reprodutiva eram tratados com pudor e misticismo desmotivando qualquer tipo de prazer feminino relacionados ao sexo, portanto o ato sexual para a mulher servia somente para procriar (Rohden, 2001).

Os julgamentos sobre características de homens e mulheres embasavam-se tão somente em diferenças sexuais anatômicas. Segundo Laqueur (1986), até o século XIX, a concepção que se tinha sobre os sexos biológicos era que homens e mulheres possuíam o mesmo sexo, assim as diferenças concebidas pela natureza eram irrelevantes. Ao analisar os corpos anatomicamente as distinções eram caracterizadas somente pela ausência ou presença do órgão masculino. Nessa lógica a mulher também possuía um pênis que não havia sido desenvolvido como o do homem, esse pensamento disseminava uma crença maior de igualdade entre os sexos e impossibilitava a comparação entre as pessoas; no lugar disso o homem era comparado com a perfeição da natureza.

Foi justamente o rompimento do ideal de homem com a perfeição da natureza que originou as primeiras diferenciações, com isso a anatomia e a fisiologia passaram a explicar as características corporais e as diferenças entre os seres. Essa separação justifica também a passagem das sociedades comunitárias para o modelo individualista (Le Breton, 2006), pois esse rompimento enfraqueceu a ideia de completude entre os seres humanos e incentivou a autonomia e independência.

As diferenciações serviram como justificativa para o desequilíbrio entre as condições sociais, os conceitos biológicos atribuíram aos corpos femininos funções diferentes como a reprodução da espécie. A adoção desse modelo exigia que a mulher se dedicasse exclusivamente ao lar, visto que ao pertencer ao núcleo familiar as mulheres não poderiam ou não eram consideradas aptas para realizar outras atividades no meio social, como atuar na esfera política (Oliveira & Amâncio 2017).

Durante o século XIX, no tempo vitoriano, pouco se falava sobre a sexualidade dos homens e mulheres, devido ao seu funcionamento como uma relação de poder. Falar sobre isso envolve interesses de outros pilares: familiares, educacionais, estatais e científicos. E como

esses núcleos são precursores de regras e possuem importância social, alguns assuntos tendem a ser censurados de acordo com seus interesses, limitando-se a contextos e ouvintes específicos (Foucault, 2001).

O núcleo familiar, por exemplo, tinha como foco a união matrimonial heterossexual, seguindo uma ordem de poder e lógica econômica: inicialmente a mulher pertence ao pai, após negociações passa a pertencer ao marido. Esses dois têm como função gerar filhos e consequentemente enriquecer economicamente o Estado. Por isso, a sexualidade das crianças e dos idosos foi totalmente anulada nesse período da história, pois não trazia resposta positiva ao sistema. O regime vitoriano orientou por muito tempo a sexualidade humana e ainda se fez presente no período contemporâneo (Foucault, 2001).

Ao tratar da esfera dos prazeres, Foucault (2005) afirma que os “afrodisia”, isto é, os atos, gestos, contatos e maneiras de se obter prazer, possuem um valor ativo que é atribuído ao masculino durante a relação sexual; inversamente, há a atribuição de passividade à mulher. Essas associações comportamentais são explicadas por meio da naturalização, como se decorressem de origens biológicas.

Durante o século XIX, a sexualidade foi tão reprimida que acabou temporariamente se tornando inexistente como um tema de discussão. A função da sexualidade era somente procriar. Dessa forma, a partir do desejo masculino de posse e subordinação feminina, a relação sexual se transformou em um vínculo de dominação da mulher pelo homem (Foucault, 2005).

O valor ativo do homem não se limita ao ato sexual. Historicamente aos homens foram atribuídos os papéis de guerreiros enquanto as mulheres cuidavam da casa e tinham a função de procriação. Segundo Beauvoir (1970), a mulher ocupava uma posição sedentária para desempenhar a maternidade; comumente a mulher permanecia em casa, enquanto o homem desempenhava atividades como a caça, pesca e guerrilhas para a manutenção da família.

Soihet e Pedro (2007) demonstram que os historiadores supunham que as mulheres pertenciam a um grupo homogêneo. De acordo com isso, elas eram pessoas que executavam papéis específicos em circunstâncias diferentes, porém todas possuíam a mesma essência. Além disso, a utilização do termo homem como representante universal deixava de lado as mulheres, por mais que afirmassem que “homens” abrangia toda a humanidade os registros contavam somente histórias de líderes, governadores e de batalhas executadas por homens, mais especificamente por homens brancos.

Da mesma forma, nas ciências humanas, Cynthia Russett, citada por Rohden, diz que dificilmente as mulheres eram consideradas individualmente, mas sim em conjunto. Assim os cientistas as classificavam, categorizavam e generalizavam. Nesse modelo homens e mulheres eram separados por regras gerais e padrões normativos que garantiriam uma organização social. O descontentamento com o modo que os cientistas descreviam as mulheres formulou as primeiras e mais importantes reivindicações exigidas pelo movimento feminista (Rohden, 2001).

Em meados de 1970, a mulher estava na luta para conquistar seu lugar no mercado de trabalho e na organização sindical, porém o discurso conservador argumentava que o papel natural da mulher era ser mãe e esposa. Nesse período ocorreram muitas reivindicações na busca da emancipação econômica, social e aumento do combate à opressão (Nogueira, 2010).

Ainda nessa época, no auge de movimentos como o feminismo, o corpo servia como objeto de intervenções designando a expressão *body-art*. Tudo o que domava os indivíduos foi colocado em contestação, os novos ideais adotados remetiam a uma suposta liberdade que até então não era conhecida. Esses novos modos de agir colocavam as antigas ideologias em um processo de mudanças radicais (Le Breton, 2006).

Os anos seguintes foram importantes para a incorporação de políticas públicas focadas na saúde, segurança feminina, trabalho, discriminação, medidas protetivas, entre outras. A

partir de 1990, as conquistas femininas ganharam força, houve melhorias na remuneração salarial e aumento de vagas de trabalho, porém a visão de família patriarcal não foi desconstruída. O papel doméstico continuou sendo atribuído à esposa enquanto o marido era visto como o provedor da renda; o salário da mulher seria apenas um complemento. Essa visão desigual de trabalho ainda existe: ela desqualifica a função feminina, desvaloriza o trabalho e influí nas construções de pensamento da sociedade (Nogueira, 2010).

Após várias exigências feitas nos anos 90, as brasileiras conseguiram conquistar melhores prestações de serviços e promoções de direitos. No ano de 2002, foi criada a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher com *status* de ministério. Demonstrando em consolidações que as reivindicações trouxeram resultados (Bonetti, Fontoura & Marins, 2009).

Em 2006, uma figura feminina alterou o código penal para a inserção da lei Maria da Penha, que visa proteger todas as mulheres da violência doméstica e familiar. Uma das últimas conquistas atuais das mulheres entrou em vigor em 2015: o feminicídio condena os crimes praticados contra a mulher devido ao seu gênero.

A história da mulher brasileira segue determinados estereótipos que remetem a uma lógica de inércia, isso é resultado do patriarcado científico, onde a história era escrita somente por homens e demarcada por ideais masculinos. Na maioria dos achados históricos as mulheres são retratadas como “autossacrificada”, “submissa sexual” e “reclusa” (Del Priore, 1994, p.11).

Mesmo após conquistar seu espaço no mundo as mulheres sofrem com determinados padrões. Méndez (2005) descreve que a imagem de mulher ideal que almeja se casar e cuidar dos filhos são construções da sociedade que ainda prevalecem nos dias atuais. A adoção desses princípios é percebida como obstáculo para alcançar a emancipação feminina.

### **Dimensões de gênero: representações, papéis e estereótipos sociais**

D'Amorim (1997) e Santos (2010) concordam que para entender como são formuladas as relações de gênero é necessário considerar como são representados os homens e as mulheres, como eles devem se comportar (ou como se comportam), e como isso influencia na formação de pensamentos e atitudes estereotipadas. Desse modo, é essencial abordar as representações sociais, os papéis e os estereótipos.

As representações sociais são concepções elaboradas e compartilhadas no meio social que organizam o conhecimento do senso comum, ou seja, ideias e significados que compõem a realidade coletiva (Jodelet, 2001). Elas constroem sentidos e percepções por parte dos indivíduos, se estabelecem como uma consciência padronizada de pensamentos e ações. As representações são difundidas pelo comportamento, por organizações e pelos meios de comunicação (Moscovici, 1978). São explicações que as pessoas formam sobre determinadas questões sociais relevantes, e que orientam suas práticas. Santos (2010) ressalta que essas concepções determinam os padrões sociais de comportamento a serem seguidos por cada pessoa.

No que diz respeito às representações sociais envolvendo os gêneros, há evidências e muito material histórico para ser analisado. Apenas para fins ilustrativos gostaria de reproduzir os escritos de Nye (1995) sobre a herança filosófica e sua ligação direta com a conceituação de papéis de gênero. Segundo a autora, na teoria democrática de Locke, todos os homens deveriam ter o direito a negócios livres, menos as mulheres pois elas não poderiam estar inseridas no meio social civil; em sua perspectiva por mais que as mulheres não devessem submissão total aos homens, no contexto familiar o homem é quem dita as normas, pois é naturalmente mais forte. Hume compactuava com essa ideia ao afirmar que os homens “são os líderes naturais do lar”. Além disso, o filósofo descreveu algumas qualidades que uma mulher deveria ter: “recato”

e “castidade”. Rousseau assegurava que as mulheres eram mais fracas, criadas para a reprodução e não para o âmbito social, sua educação deveria ser voltada para ser mãe e agradar seu marido, para tanto deveriam aprender a instigar o desejo de seu esposo e concomitantemente evitar o desejo alheio. Em meio à Revolução Francesa, no contexto iluminista que priorizava a razão, o público feminino ainda era descrito como desprovido de razão.

Desde os clássicos da filosofia, os autores, ao reservar lugares, atividades e funções diferentes para homens e mulheres, já defendiam papéis sociais diferenciados de acordo com os gêneros. Santos (2010) afirma que essa construção social reflete a desigualdade entre os gêneros ao delimitar traços, valores e regras de convívio. Inicialmente, a tradição desse sistema excluía o sexo feminino dos meios de produção e em troca lhe ofertava como única opção o lar, esposo e o papel materno. Para justificar a divisão desigual, o mercado e a religião disseminavam princípios doutrinadores e crenças que defendiam a inferioridade da mulher.

Para Santana e Benevento (2013), os papéis de cada gênero começam a ser definidos antes mesmo do nascimento, quando os pais escolhem as cores do quarto ou as roupas do bebê. Isso simboliza uma expectativa social baseada no sexo. Durante o crescimento dessa criança, desde cedo, é possível perceber que os ensinamentos dos pais, instituições e todo o meio social designam modos específicos de sentimentos e comportamento. Geralmente é possível encontrar os garotos praticando atividades mais dinâmicas como jogar bola enquanto as garotas praticam atividades mais serenas como colorir ou brincar com bonecas. Quando meninas se comportam de maneira mais enérgica, tendem a ser repreendidas pelos adultos, que afirmam não ser “comportamento de moça”.

As crianças são criadas de formas diferentes: os meninos tendem a ser mais livres e independentes, devido à crença de que são mais fortes, já as meninas devem ser mais cuidadas, pois tendem a ser mais sensíveis e necessitam de proteção. Oliveira (1983) compactua com essa

lógica: para o autor, a sociedade em que estamos inseridos orienta meninos e meninas de formas desiguais. Esse modelo ensina o que é ser homem ou mulher, estipula comportamentos que faz com que cada um dos sexos percorra trajetórias de vida diferentes. Isso pode ser percebido sem muito esforço: na escolha de brinquedos, na preferência por cores, na prática de esportes, etc.

Connell (2015) conta que a sociedade define a aprendizagem de acordo com os gêneros. Os meninos, ao serem incentivados a jogar bola, aprendem a ser mais agressivos; enquanto as meninas ao serem incentivadas a brincar de boneca, aprendem a ser cuidadosas.

Em meio a essas normatizações sociais se constitui o conceito dos papéis de gênero, que formulam crenças sociais que são compartilhadas entre os grupos cumprindo expectativas e funções, com isso produzem um consenso que estrutura a cultura e uma ordem social. Os princípios iniciais são configurados a partir da observação e percepção das diferenças de habilidades e comportamentos entre homens e mulheres (Eagly & Wood, 2011).

Com base nisso são estabelecidas definições típicas daquilo que se é esperado por cada gênero (Eagly & Wood, 2011). Em consequência dessa categorização são atribuídas aprovações e restrições; incentivos positivos para ações que obedecem a norma e negativos para os que fogem do padrão (Negreiros & Féres Carneiro, 2004).

De acordo com D'Amorim, (1997) homens e mulheres podem exercer vários papéis sociais em diversos contextos como no trabalho, lar ou família. Os estudos sobre papéis de gênero avaliam o quanto o gênero em si (masculino e feminino) implica na adoção de determinados comportamentos. A conceituação básica de papéis de gênero aponta uma definição importante para as ciências sociais, pois os papéis fornecem dados para a análise do ambiente individual e social. Assim, os estudos sobre papéis de gênero abrangem outros papéis sociais que são executados por todos os sexos. O foco da análise de gênero é compreender até

que ponto determinados papéis sofrem com a influência da diferenciação sexual conforme o que é esperado socialmente.

Os estereótipos de gênero pertencem a um grupo de preconcepções a respeito de traços descritos como apropriados ao gênero masculino e o feminino. Essas preconcepções são formuladas a partir de crenças individuais ou de um grupo (D'Amorim, 1997). Amâncio (1992) explica que a sociedade estabelece e julga comportamentos adequados para cada sexo de acordo com funções sociais desejáveis, por exemplo: o contexto feminino é o espaço privado (lar, família) onde são expressos sentimentos, cuidado e zelo, já o contexto masculino é universal, assim os homens conseguem transitar em diferentes contextos sem entrar em dissonância do que descrito como naturalmente masculino e o que é esperado socialmente (Amâncio 1992, 1993).

Coutinho e Menandro (2015) salientam que as mulheres sofrem com cobranças mais marcantes e homogêneas, principalmente no que diz respeito às características de como uma mulher deve ser boa esposa, mãe afetuosa e dedicada. Essa categorização reforça a ideia de universalidade dos traços e comportamentos femininos, com isso o senso comum consegue se consolidar e funcionar como uma forma de controle.

Os estereótipos são conhecimentos construídos historicamente e compartilhados por várias pessoas. Augoustinos e Walker (1998) contam que os estereótipos são encontrados na sociedade, no discurso e na comunicação do dia a dia, por isso podem ser descritos como representações que variam de acordo com situações e contextos, entretanto é importante ressaltar que nem todas as representações sociais são estereótipos. Os autores acentuam que alguns estereótipos tendem a ser mais significativos para a sociedade e para os grupos como os estereótipos de gêneros, idades, ocupações, classes, raças e etnias.

Cabe apontar a forte relação entre os conceitos de representações sociais e estereótipos. Pode ser afirmado que os estereótipos são um tipo específico de representações sociais, compartilhados por ampla comunidade, em vez de grupos restritos – potencialmente, toda uma sociedade –, que têm por objeto grupos. Portanto, estereótipos de gênero corresponderiam, sob essa perspectiva, a representações sociais majoritárias a respeito de homens e mulheres.

Além disso, é possível ter representações sociais sobre papéis, ou mesmo estudar os papéis sociais que são determinados pelos estereótipos e representações ligados aos gêneros. Isso se deve ao fato de que alguns estereótipos são representações sólidas que apresentam características normativas e prescritivas, o que determina relações intergrupais e estruturas sociais (Augoustinos & Walker, 1998).

Esses pensamentos orientam o comportamento e produzem normas, por isso devem ser considerados com alto grau de importância. Além disso, esses estereótipos revelam a existência de assimetrias entre os sexos, o que favorece e justifica diversas práticas sociais (Amâncio, 1992). Santos (2010) acrescenta que os estereótipos podem apresentar um caráter sexista que busca justificar as relações de desigualdade entre os sexos. Portanto, as representações, papéis e estereótipos sociais devem ser tratados com prioridade pelos estudos de gênero, pois avaliam a formação de opinião, valores, crenças e atitudes disseminados no meio social.

### **Assimetrias entre os sexos: uma relação de poder**

Pesquisar sobre a história das mulheres em determinadas perspectivas parece irônico, dado que a maioria das autoras que fizeram isso de forma crítica descrevem que a história foi escrita por homens que delegavam leis, falavam sobre as funções de uma mulher perfeita, de um homem trabalhador que deve manter sua família e de um estado completamente igualitário.

A investigação histórica permite constatar que as representações das relações entre os gêneros e a formação de identidade são influenciados pela atribuição de papéis sociais e

estereótipos. Além disso, toda essa estruturação social tem como plano de fundo a instalação e manutenção de relações de poder. Então, é necessário compreender como funciona a lógica de delegações de papéis e estereótipos, além disso é importante verificar por que ela ocorre de forma assimétrica.

O poder de decisão e o poder político sempre estiveram do lado masculino. Após a revolução industrial, acreditava-se na possibilidade de maior igualdade, mas isso não aconteceu, pois a reformulação dos valores manteve as normas da burguesia (Beauvoir, 1970).

A inserção da mulher no mercado de trabalho surgiu por necessidade, pois com o aumento das indústrias e a falta de mão de obra para ocupar todas as funções, foi necessário incluir funcionárias. Esse processo colaborou para a emancipação feminina, o próprio sistema capitalista teve que investir em escolarização e capacitação para melhor desempenho no trabalho. Entretanto, as mulheres ocupavam os piores cargos e seus salários eram inferiores. Foram insatisfações como essas que permitiram que as trabalhadoras produzissem reflexões e participassem de ações conjuntas, sindicatos e greves, desconstruindo a imagem de passividade feminina. Portanto, o sistema capitalista colaborou para estruturação dos novos papéis sociais de gênero (Méndez, 2005).

Com o aumento do número de mulheres que trabalhavam fora de casa e maior representatividade em público, a massa feminina começava a ameaçar os ideais de inferioridade impostos pela sociedade patriarcal. Em resposta a isso os homens criaram a “ciência da mulher”, a teoria foi elaborada para explicar diferenças entre homens e mulheres com base na sexualidade e na função reprodutiva. Foi uma reação aos movimentos feministas, onde os cientistas da época tentavam explicar as mudanças nos papéis femininos. De acordo com essa teoria, vários argumentos de cunho pseudocientífico revelavam a inferioridade feminina com base na anatomia, fisiologia, psicologia, biologia, entre outras (Rohden, 2001). Segundo Rohden (2001), a criação dessa ciência não foi apenas uma resposta contra os movimentos femininos,

mas sim uma tentativa masculina de se manter no poder espalhando informações dissimuladas. Posteriormente a ciência da mulher e das diferenças, após passar por diversas transformações e aperfeiçoamentos, ficou conhecida como ginecologia.

Mesmo tendo conquistado o direito de lutar pelo seu espaço e pela igualdade, as mulheres lidam com ideais que foram naturalizados socialmente. Beauvoir (1970) apontou que após a revolução industrial, elas foram das fábricas para os escritórios e para as faculdades, mas não deixaram de acreditar que o casamento é a carreira ideal. A maternidade deve ser fruto de um casamento feito com um príncipe encantado. Os pais reforçam a ideia do casamento e investem mais nos filhos, o que mantém o ciclo de inferioridade e o senso de que pessoas do sexo feminino são seres frágeis que se sustentam com o apoio masculino.

Segundo Beauvoir (1970), em seu tempo os pais ainda educavam as filhas com o foco principal no casamento, investiam mais nisso do que no desenvolvimento profissional. Essa crença é tão reforçada que as mulheres acabam absorvendo esse conceito como ideal de vida. Esse pensamento constrói mulheres menos especializadas, inferiores ao sexo masculino e profissionais não integrais. Atualmente, por mais que o foco da educação tenha mudado, o sucesso feminino ainda está correlacionado com o casamento e construção de uma família.

Blay (1975) conta que as mulheres nunca tiveram o real poder de escolha. Quando se fala em mercado de trabalho quem dita as regras é a dinâmica econômica, as mulheres são treinadas como um exército de reserva onde são inseridas no trabalho somente quando há necessidade do mercado. Mesmo quando apresentam preparo e habilidades para desempenhar certos papéis, o trabalho feminino segue um padrão básico em que as mulheres são orientadas para áreas de trabalho classificadas como femininas, a maioria da área administrativa e saúde, como secretárias ou cuidadoras. A autora explica que o trabalho e sua remuneração têm forte ligação com o papel social executado pelos indivíduos. Historicamente os homens são treinados

para que ao se tornarem adultos entrem no mercado de trabalho, garantindo seu sustento e o futuro da família.

No Brasil, por volta de 1970, o início vida profissional se distingua nos dois sexos: quando o rapaz começava a trabalhar era motivo de orgulho para a família e comemoração entre amigos, o rapaz passava a ser visto como responsável e maduro, pois estaria no processo preparatório para cumprir suas obrigações e independência econômica. Já para a jovem esperava-se que o trabalho fosse temporário, seu trabalho era visto como necessidade econômica que deveria acabar assim que se casasse (Blay, 1975).

Inicialmente a participação das mulheres no mercado de trabalho sofreu com a discriminação e preconceito. As justificativas adotadas afirmavam que as mulheres estariam ocupando funções masculinas e que ao trabalhar fora de casa as mulheres não conseguiriam desempenhar suas principais tarefas como cuidar da casa e da família, pois isso poderia enfraquecer o laço sagrado do casamento (Coutinho & Menandro, 2015). Blay (1975) ressalta que os papéis femininos que são quase inquestionáveis são os de dona de casa, mãe e esposa. O trabalho fora do lar é considerado um papel extra, que sofre com constantes questionamentos se é ou não um verdadeiro papel feminino.

Apesar de ter ocorrido um aumento da atuação feminina no mercado de trabalho, as vagas e posições ofertadas mantiveram o caráter de maior instabilidade e menor reconhecimento, quando comparadas à atuação masculina. De acordo com Neto, Costa & Helal (2016) atualmente as mulheres tendem a apresentar melhor preparo e qualificação (incluindo maiores níveis de escolaridade) do que os homens, entretanto ocupam cargos mais informais, recebem salários menores e possuem mais obrigações domésticas, o que diminui seu tempo produtivo. A ocupação no mercado informal está relacionada à falta de garantias e direitos trabalhistas, isso afeta principalmente as mulheres, já que essas vagas são ocupadas

principalmente por elas. Com isso fica explícito que as diferenças vêm acompanhadas de certas desigualdades.

Assumir as diferenças entre homens e mulheres auxilia na reflexão das noções da vida social; o gênero é indispensável a condição humana. Segundo Bourdieu (2002), representações sobre gênero possuem um significado de sexualidade e de divisão sexual. Analisando a própria anatomia e as diferenças entre os sexos, a primeira divisão entre os gêneros é de origem biológica que ao se expandir produz significados sobre a realidade social. Com base nas diferenciações foram criados princípios como a dominação dos homens sobre as mulheres, Bourdieu (2002) afirma que a diferenciação anatômica pode ser usada como justificativa natural das diferenças sociais entre os gêneros, especialmente na divisão do trabalho.

As ideias provenientes dessas diferenciações expõem a existência de determinados estereótipos do que se é esperado por homens e mulheres. Por mais que a sociedade tenha passado por modificações, alguns pensamentos criaram raízes e são utilizados como justificativas para comportamentos sexistas. D'Amorim (1997) descreve os estereótipos de gênero como atribuições de traços e características apropriadas para homens e mulheres. Essas atribuições se dão com base nos sistemas de valores, crenças individuais e coletivas.

As mulheres são descritas no modo passivo com traços como paciência, delicadeza, fragilidade e emoção, à medida que os homens ocupam o modo ativo sendo associados a “agressividade, força e dinamismo” (Santana & Benevento 2013, p.4). Com base no senso cultural comum os homens tendem a ser descritos como mais independentes e agressivos do que as mulheres, enquanto estas são vistas como dependentes e amorosas (Oliveira, 1983).

Pensar nessas características como diferenças naturais entre os gêneros mascara a desigualdade e permite a instauração da segregação e distanciamento entre os papéis de gênero. A masculinidade é apresentada por traços que justificam e, assim, reforçam a dominação

masculina. Para os homens é plausível executar ações que incluam agressividade ou competitividade. O masculino também está relacionado com a virilidade física e sexual, ela representa de certo modo a honra masculina (Marques, 2011).

Segundo Bourdieu (1998), isso ocorre porque o homem viril supostamente é capaz de deflorar a mulher e garantir a procriação. Convém aos homens afirmar a todo momento sua virilidade, tanto na reprodução sexual quanto na social. Essa afirmação é exibida aos outros e se manifesta contra a feminilidade. Isso pode explicar determinadas atitudes dos homens diante de mulheres, suas atitudes tendem à dominação e posse.

No que diz respeito ao ato sexual em si, existe uma noção que descreve que sexualmente os homens buscam ser objetivos, em suas conquistas almejam a obtenção do orgasmo enquanto as mulheres acreditam que a sexualidade não se limita a isso, desejando maior afetividade como falar, tocar, acariciar, abraçar. Para as mulheres é permitido demonstrar a afetividade e o interesse além do ato físico, enquanto para os homens o ato tende a ser agressivo e físico (Bourdieu, 1998; Méndez, 2005).

Além disso, é possível notar a repulsa masculina ao serem associados a traços femininos, não há espaço para expressar a passividade e correr o risco de receber os temidos rótulos como afeminados ou homossexual (Bourdieu, 1998). No outro lado da balança, as mulheres que executam atividades que em geral são realizadas por homens, são estigmatizadas como masculinas, fato recorrente no mundo dos esportes.

Assim como foi dito por Santana & Benevento, (2013, p.6), “entende-se então que perder a feminilidade ou a masculinidade é uma ameaça constante, e para que isso não ocorra existem regras que devem ser acatadas desde infância, nos tipos de brincadeiras, nos modos, próprio de ser meninos e meninas”. Com isso é possível perceber que os papéis de gênero conseguem influenciar desde a infância até a vida adulta. Wolf (1992) conta que as mulheres

estão entre os grupos que mais sofrem com as pressões sociais. Com o passar do tempo as mulheres conquistaram seu espaço e poder. Mais mulheres possuem poder aquisitivo, maior reconhecimento e mais opções de campos de atuação, no entanto o senso comum e o modo como algumas mulheres se sentem pode estar sofrendo um retrocesso em alguns aspectos, como no ponto de vista das representações do físico.

### **Alguns estudos sobre gênero e atribuições de traços**

As diferenças construídas entre homens e mulheres estão associadas a um conjunto de traços relacionados à personalidade. São padrões de comportamentos, pensamentos e sentimentos que são estabelecidos previamente pela sociedade. A compreensão desses traços permite estudar a classificação dos gêneros e a atribuição de funções sociais em diferentes contextos.

Ao falar sobre estereótipos sexuais, Amâncio (1992) afirma que as pesquisas revelam que os traços de instrumentalidade, independência e dominação são associados ao masculino. Enquanto isso, traços de expressividade, dependência e submissão são associados ao feminino. Isso acontece mesmo em contextos e culturas diferentes. A diferenciação entre os gêneros é internalizada através da socialização, orientações adequadas e expectativas que resultam na formação da identidade. Esse processo acontece de maneira diferente para os homens e mulheres. Segundo a autora, os estudos dos estereótipos demonstram que há menos traços com conotações positivas associados ao sexo feminino.

Ao homem, são atribuídas, em maior grau, qualidades orientadas para metas (independência, afirmação, decisão, necessidade de realização), que lhe permitem um desempenho adequado de seu papel, tanto no ambiente familiar como no extrafamiliar, no que se refere a ocupação de posições de liderança. Por outro lado, são atribuídas as mulheres, em maior grau, qualidades orientadas para o contato interpessoal (amabilidade, sensibilidade com os outros, emotividade, necessidade de afiliação), que lhe permitem desempenhar eficazmente um papel doméstico no âmbito da família (Ferreira, 1995, p.155)

Em um de seus estudos sobre as imagens que criamos das pessoas, que correspondem aproximadamente à noção de representações, Amâncio (1992) realizou uma pesquisa exploratória em que 188 sujeitos com idade entre 22 e 45 anos descreveram a si próprios, a uma pessoa do mesmo sexo e uma pessoa do sexo oposto. Foi feita uma análise fatorial de correspondência que permitiu uma análise quantitativa e qualitativa. A partir disso, foram selecionados 94 adjetivos que melhor representaram a variedade do vocabulário e por fim uma lista de adjetivos foi apresentada a 182 sujeitos. Os resultados demonstraram que a metade da amostra classificou os traços em masculino e feminino de acordo com conhecimentos sobre estereótipos sexuais e não em suas opiniões. Outra metade, após a orientação para classificar em positivo (qualidades) e negativos (defeitos) na pessoa adulta, responderam da mesma forma, com base nos estereótipos. De acordo com os resultados existem menos traços femininos do que masculinos, os traços femininos positivos foram menos citados do que os masculinos e na maioria foram relacionados com a função social maternal. Já os traços masculinos não abarcaram traços físicos, nenhuma dimensão considerada negativa e nenhum papel ou função específica. Diferente disso, os traços femininos englobaram traços físicos, afetivos, papel da mulher na família, dependência e submissão.

Na análise das normas de comportamento, a autora avaliou os estereótipos que demonstrariam os comportamentos femininos e masculinos. Foi feita uma análise de conteúdo de 10 entrevistas, com ambos os sexos, no contexto organizacional. Foi solicitado que os indivíduos relatassem situações que haviam sido marcantes na carreira profissional; os participantes leram um episódio onde um trabalhador desviava uma quantia alta de dinheiro e responderam um questionário sobre a formação de impressões. Os resultados demonstraram que as decisões femininas apresentaram fortemente os traços: “sentimental”, “sensível”, “afetuoso”, “dependente” e “frágil”. As masculinas apresentaram médias elevadas em traços como: “audacioso”, “corajoso”, “forte”, “independente”, “autoritário”, “dominador” e

“paternalista”. Os traços negativos femininos foram associados às mulheres que tomam uma decisão não feminina, assim os estereótipos são normativos para as mulheres (Amâncio, 1992).

As explicações de comportamentos criados com base nesses estereótipos foram investigadas posteriormente por Amâncio em uma pesquisa: 112 indivíduos responderam uma escala contendo explicações do comportamento. Os resultados demonstraram uma assimetria de gênero onde mulheres são percebidas como “masculinas” quando o comportamento é descrito como fora da normalidade feminina. O comportamento feminino é estipulado por normas comportamentais com base em estereótipos ou pelo contexto (Amâncio, 1992).

Formiga (2006) conta que na década de 40, com movimentos ocorridos na psicologia social, os processos psicológicos foram colocados em foco e integrados às dimensões dos estudos cognitivos e da fisiologia; assim os estados emocionais que antes eram descritos de forma fragmentada passaram a ser avaliados como componentes dessas dimensões. Segundo o autor, a cultura desempenha um papel importante nos estudos sobre as desigualdades de gênero, pois é ela que reproduz as regras sociais e cognitivas que são adotadas pelos indivíduos. Dentro dessa lógica, homens e mulheres tendem a aderir a protótipos de comportamentos daquilo que é socialmente estipulado para eles. Em outras palavras, os indivíduos agem de acordo com aquilo que é esperado pela sociedade e buscam a aprovação de outros para criar suas identidades. A formulação da identidade geralmente segue os esquemas de gênero, as crenças defendidas pela sociedade e os papéis executados por homens e mulheres no convívio social. As emoções são descritas como moldes que se formam a partir de experiências contínuas. Elas são frutos de uma construção social compreendidas em práticas contextuais, ou seja, nem sempre as emoções se manifestam de modo universal, elas seguem uma ordem predeterminada socialmente (Formiga, 2006).

Para investigar as diferenças existentes entre os gêneros, Formiga (2006) utilizou a escala de protótipos construída por Paez e Vergara (1992) a fim de demonstrar como os

indivíduos expressavam alegria, tristeza e raiva, e compreender quais os elementos característicos de cada uma dessas emoções. A amostra foi composta por 350 sujeitos, todos estudantes dos níveis fundamental e médio da rede privada e pública de educação, em Palmas-Tocantins. 51% da amostra eram mulheres e 49% homens, com idades entre 15 a 22 anos. Os resultados demonstraram que as emoções das mulheres são mais representativas do que as dos homens; a *raiva* assim como as outras emoções, foram associadas a sintomas de estresse. A *alegria* e a *tristeza* foram descritas principalmente em situações agradáveis, afetivas ou em situações onde as mulheres se sentiam superestimadas. Traços de cooperação e ajuda mútua também foram mais associados ao sexo feminino. A *tristeza* foi relacionada à morte de alguém querido ou a sentimento de impotência, incapacidade, solidão e injustiça. Além disso, os resultados demonstram que as mulheres apresentam maior exteriorização das emoções, pois os scripts impostos socialmente permitem esse tipo de comportamento. A sociedade estipula condutas e crenças diferentes para homens e mulheres “por exemplo, a de que homem não chora, tem que ser forte e viril, e as mulheres são mais sensíveis, sorridentes, tem facilidade a compreensão, etc.” (Formiga, 2006, p.11)

De acordo com o autor, as diferenças entre os gêneros na maioria das vezes se apresentam de forma estereotipada, o que reforça a percepção dos papéis atribuídos e estabiliza uma ordem inquestionável. A reprodução de comportamentos esperados faz com que os estereótipos passem despercebidos utilizando a explicação da naturalidade social (Formiga, 2004).

O autor conclui que as emoções como alegria e tristeza tendem a ser relacionadas ao público feminino. Além disso, o sexo feminino é visto como sexo frágil onde, sob pressão, apresenta maior facilidade em chorar. Enquanto isso, os homens são colocados do lado oposto das mulheres, é desejável socialmente que os homens reprimam suas emoções, pois a

manifestação de determinadas emoções pode afeminar os homens; dessa forma, a expressão das emoções seriam “coisas de mulher” (Formiga, 2006).

Barros, Natividade e Hutz (2013) construíram e validaram uma escala de papéis de gênero, realizando um levantamento de traços femininos e masculinos. Inicialmente a lista de traços possuía 107 itens que foram escolhidos com base em outras medidas: papéis tipicamente masculinos escolhidos pelos próprios autores, expressões retiradas da escala *Bem Sex Role Inventory* (BSRI) e também da versão brasileira do (BSRI). Após essa primeira aplicação, feita em 202 pessoas, no sul do Brasil, foram selecionados 10 adjetivos principais para a segunda etapa da pesquisa. Os atributos femininos escolhidos foram: sensível, afetuosa(o), acolhedor(a), compreensiva(o), delicada(o), emotiva(o), amável, intuitiva(o), detalhista, vaidosa(o); e os masculinos, líder, com poder, séria(o), administrador(a), prática(o), atlética(o), autoconfiante, reservada(o), que gosta de correr riscos, livre. A segunda parte da pesquisa contou com a aplicação de um questionário *on-line*, respondido por 510 pessoas, em 4 regiões diferentes do Brasil. Os participantes deviam responder os itens de acordo com a concordância da caracterização do item como masculino ou feminino. Os resultados obtidos sustentaram a existência das atribuições masculinas e femininas que foram apresentadas pela escala, além disso o instrumento se mostrou válido ao determinar os itens com precisão. De acordo com essa amostra as mulheres tendem a ser descritas principalmente como mais sensíveis, acolhedoras e amáveis, enquanto os homens são descritos como autoconfiantes e líderes (Barros, Natividade & Hutz, 2013).

Em grande parte da reaplicação do *Bem Sex Role Inventory* em território brasileiro, é possível afirmar que a lógica dos papéis de gênero é recorrente e atual. O pensamento dos indivíduos tende a seguir a ordem do que é esperado por homens e mulheres. Existe a atribuição de traços de modo contrário (mulheres com traços masculinos, ou vice-versa), entretanto a lógica predominante ainda é a dos papéis de gênero (Formiga e Camino, 2001; Batista et al

2015). De acordo com Formiga e Camino (2001), vários aspectos devem ser levados em consideração para analisar essas diferenças, como a interpretação particular das pessoas, a interação com o meio social, seu histórico de vida, cultura e assim por diante.

Um estudo realizado por Leal (2016) utilizou a análise do discurso na linha foucaultiana para verificar as características que compõem a feminilidade, de acordo com publicações jornalísticas da revista *Época*. Essa pesquisa tinha como intuito verificar como as mulheres estariam sendo representadas por essa mídia. Para isso foram analisadas matérias com temas de gênero e trabalho. De acordo com o método foucaultiano o discurso, textos e imagens servem como produtores de ideias e como “fluxos de poderes”. Logo, verificar os produtos midiáticos permitiria também explorar as estruturas sociais criadas, como os papéis de gênero.

A análise das matérias publicadas entre 2010 e 2013 demonstrou que as mulheres são retratadas em um patamar inferior aos homens, pois eles seriam mais racionais enquanto elas mais emotivas. Por isso, em um ambiente de trabalho as mulheres deveriam se subordinar ao modelo masculino para que houvesse maior eficácia. Além disso, outras características foram ressaltadas de acordo com as matérias: mulheres são naturalmente multitarefas, mais sensíveis, possivelmente invejosas, escandalosas, frágeis, emotivas, choronas e imprevisíveis; homens seriam insensíveis, racionais, objetivos, contidos, práticos e confiáveis.

O estudo de Leal (2016) demonstrou a existência de um desnívelamento de poder, onde a mulher deve se adaptar a um ambiente considerado masculino e para que haja harmonia deve reprimir suas características denominadas naturais. Existe um reforço dos estereótipos e papéis de gênero onde a mulher ainda é retratada como “supermulher” ocupando a esfera doméstica, familiar e de trabalho, enquanto o homem consegue desempenhar um papel mais livre.

Os resultados das pesquisas apresentadas revelam que as características femininas são ramificações dos principais papéis tradicionais desempenhados pelas mulheres: mãe, esposa e dona de casa. As mulheres tendem a ser descritas com maior expressividade de traços,

sentimentais e emotivos, enquanto os homens são descritos como mais reservados e fortes. A quantidade de traços associados a cada gênero varia de acordo com essa lógica. Além disso, é importante ressaltar que o homem possui maior liberdade social, uma vez que sua caracterização não vem acompanhada de cobranças, diferente das mulheres que são sempre questionadas sobre a adoção de alguns papéis (como estar bonita, não casar ou ter filhos).

Os resultados revelam também que os estereótipos são mais fortes do que opiniões individuais. Eles guiam a lógica do pensamento e determinam traços de homens e mulheres, que por sua vez reforçam os papéis de gênero. As atribuições de traços ocorrem de forma quase excludente, assim cada papel é associado mais a um gênero do que outro. Com o passar do tempo algumas ideias passaram por mudanças, no entanto ainda é comum que traços femininos não sejam atribuídos aos homens e vice-versa. Esse processo é caracterizado por oposições que efetuamos no processo de formulação do pensamento e estruturação da linguagem. Essas oposições, chamadas conceitualmente de antinomias, possuem uma função importante pois são capazes de reafirmar padrões e operar como ideologias justificando lógicas como os papéis de gênero.

### **Ideologia, linguagem e oposições**

Ao considerar os diferentes papéis atribuídos a homens e mulheres, entende-se que a construção de determinados temas que qualificam os gêneros atribui direitos e deveres por simples classificações, simultaneamente definem vantagens e desvantagens para cada grupo. Essas classificações são frutos de processos mentais que se manifestam através da linguagem, podendo instalar e manter as relações de poder, como as que são abordadas neste trabalho.

Pensar sobre a construção de comportamentos e normas sociais certamente permite afirmar que a linguagem possui um valor transformador, pois sustenta a comunicação, a elaboração de sentidos e a transmissão de cultura. A fala provém da essência social, por meio

da fala e da linguagem os indivíduos conseguem se comunicar, transmitir o que pensam, o que sentem e suas intenções (Krech, Crutchfield & Ballachey, 1962).

Os signos utilizados na linguagem são compostos por sentidos sociais que são inscritos pelo discurso, forma de manifestação de ideologias. Assim, os sentidos encontrados nas palavras vão além do sistema linguístico e relevam aspectos construídos por uma história social. No discurso é possível encontrar princípios, regras e normas que se relacionam com ideias já manifestadas pela sociedade (Melo Costa, 2016).

Para Freire (2014) o discurso representa história, valores e conceitos construídos por sentidos que se desenvolvem e se tornam formas gerais de ver o mundo. A linguagem é censurada por valores éticos, políticos e morais, portanto mesmo que sejamos livres para nos comunicar existe um poder premeditado que limita a liberdade do falante. Desse modo, o discurso formula práticas sociais e de pensamento que podem ser compostas por ideologias que disseminam sentidos dominantes em uma luta por poder.

Dentre os vários sentidos encontrados na linguagem, o sentido conotativo representa o plano de fundo das ideias expostas, dos sentimentos e ações pertencentes a uma determinada palavra, possui também elementos inexplícitos (Krech, Crutchfield & Ballachey, 1962). Desta forma, pode-se dizer que é neste âmbito da linguagem que moram as ideologias.

A linguagem se apresenta de forma dissimulada, por isso ao analisar somente a estruturação de conteúdos discursivos explícitos não é possível perceber o significado pertinente de alguns conteúdos linguísticos.

Não há representações sem linguagem, do mesmo modo que sem elas não há sociedade. O lugar linguístico na análise das representações sociais não pode, por conseguinte, ser evitado: as palavras não são a tradução direta das ideias do mesmo modo que os discursos não são nunca as reflexões imediatas das posições sociais (Moscovici, p.219, 2003).

A identificação das ideologias difundidas pela linguagem é feita através da observação crítica de estruturas já solidificadas socialmente. Nessa situação, a análise do discurso pode ser usada como arma para questionar ordens preestabelecidas que envolvem princípios de poder. As ideologias que circulam nas práticas comunicativas podem ser materializadas no discurso através de enunciados, expressões, palavras, fala e escrita. Portanto, a análise das palavras, escrita, fala, enunciados e expressões são extremamente importante nos estudos da ideologia e também das representações sociais (Augoustinos & Walker, 1995).

Diante disso, é possível dizer que o discurso também é uma forma de ação. Por meio do discurso, os indivíduos definem sua realidade, podem atuar sobre o mundo e sobre outros indivíduos através das representações. O discurso contribui na estruturação social, pois o seu uso estabelece identidades, relações e posições sociais, ampara o sistema de crenças e conhecimentos (Fairclough, 2001). Nessas representações é possível encontrar pressupostos, crenças ou ideias sobre um determinado fato, tema, objeto ou pessoa que pertence a um determinado grupo, gerado pela interação social.

### **O papel da ideologia**

Os estudos sobre gênero podem se beneficiar quando são associados ao conceito de ideologia, devido à ampla atribuição de traços e derivações que podem ser correlacionados a cada sexo e a interpretação dos efeitos dessas associações. Essas atribuições são capazes de se infiltrar tanto em situações individuais quanto sociais, na criação de costumes, crenças, valores ou cultura (Doise, 1984). Desta forma, faz-se necessário compreender como essas atribuições acontecem, como chegam ao ponto de ser naturalizadas como verdades inquestionáveis, como criam expectativas e cobranças sociais diferentes para homens e mulheres e como estabelecem relações de poder.

A conceituação de gênero possui diferentes significados que desempenham ações políticas importantes; isso deve ser observado com cautela para que seja possível compreender como as relações sociais se organizam no decorrer da história. Um dos conceitos apresentados por Scott (1986) propõe que o uso de gênero funciona como uma maneira de estabelecer as relações sociais constituídas pelas diferenças observáveis entre os sexos ou também uma maneira de fundamentar as relações de poder.

Através da exploração histórica das categorias de gênero, é possível perceber como os símbolos culturais são inseridos no meio social. Eles criam representações do que é ser homem ou mulher. Essas representações passam a ser ditadas como normas e expressas por instituições religiosas, educacionais, científicas e políticas. São essas organizações que impulsionam o funcionamento substancial das relações sociais, o que também afeta a formação de identidades (Scott, 1986).

O conceito de ideologia está relacionado com os diferentes modos de como as formas simbólicas se associam com o poder e como isso é disposto no meio social. Sendo assim, o estudo da ideologia é uma forma de compreender como a atribuição de sentido cria e sustenta as relações de dominação. O papel das formas simbólicas é estabelecer e sustentar as relações dominantes, dando significados e sentidos resistentes às relações de dominação garantindo a sua reprodução (Thompson, 2000).

A concepção de ideologia mais célebre é a marxista, que defende a ideia de que a forma inicial da consciência é alienação (conceito relacionado ao produto do trabalho), pois as primeiras ideias que chegam à consciência são anteriores e superiores a práxis, determinando as ações humanas. E é através disso que a ideologia se manifesta, como um poder que conduz a ação material dos homens. A partir dessas ações, ideais podem ser difundidos e legitimados, isso tem forte ligação com as classes dominantes que são favorecidas pelo seu poder. Essa

alienação não é um erro de consciência, mas sim o resultado das ações sociais dos homens. Seguindo esse pensamento, ideologia seria uma ferramenta de dominação, um modo de disseminar conceitos como verdades incontestáveis transformando a classe dominada em sujeitos conformados com a realidade que lhes é apresentada. Essa realidade constrói uma rede imaginária com valores reais que são aplicados de modo invertido, sendo uma ilusão essencial para a dominação. Ela se populariza através do senso comum criando verdades (Chauí, 1980).

Em outra perspectiva, o conceito de ideologia proposto por Thompson (2000) aborda três aspectos: os sentidos, a dominação e como os sentidos servem para manter as relações de dominação. O sentido se refere às formas simbólicas encontradas na sociedade. As formas simbólicas podem ser tanto linguísticas quanto não linguísticas como é o caso das imagens. Essas formas simbólicas são modos de manipulação que perseveram na sociedade, nas crenças, valores e representações que reafirmam a dominação sem nenhuma coerção evidente. A dominação acontece quando as relações de poder se estabelecem de forma assimétrica. Já o sentido para a manutenção da dominação pode ser descrito de diversas maneiras, mas a maioria delas tem a ver com a interação do poder com a vida social em um determinado contexto.

O autor define cinco modos de operação da ideologia: por legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. A legitimação garante que a dominação seja sustentada pela representação de ideias como legítimas, justas e que merecem apoio. A dissimulação estabelece as relações de dominação pela ocultação, negação ou disfarce que desvia a atenção das relações e processos de dominação presentes. Por unificação entende-se que a dominação é feita através da criação de uma identidade coletiva, onde todos os sujeitos passam a ser iguais, com essa padronização há também a necessidade de que os pensamentos e ações sigam um determinado modelo. A fragmentação realiza a dominação não unindo as pessoas em uma coletividade, mas expurgando os sujeitos que possuem a capacidade de questionar e se apresentam como riscos aos grupos dominantes. Por fim a reificação estabelece e sustenta as

relações de dominação pela naturalização da situação, os processos são descritos como acontecimentos naturais e inevitáveis.

Em outra perspectiva, Bourdieu explica que não utiliza o termo ideologia pois acredita que a palavra é mal utilizada em vários contextos, segundo ele o termo é muito vago e acabou caindo em um uso comum que em certas ocasiões é utilizado em sentido pejorativo. Ele substitui o termo ideologia por conceitos como dominação simbólica, poder simbólico ou violência simbólica (Bourdieu & Eagleton, 1996).

Ao falar sobre a divisão dos sexos, o autor conta que ela parece ter sempre existido como se tudo pertencesse a uma ordem natural das coisas e é por isso que a divisão social entre os sexos consegue ser reconhecida e legitimada. Ou seja, a falta de questionamento profundo e a lógica da reprodução das ideias dominantes, garantem a manutenção da dominação masculina. Nesse contexto as diferenças biológicas, principalmente as diferenças entre os órgãos sexuais, são utilizadas como explicações para as diferenças sociais como a atribuição de papéis de gêneros ou a divisão de trabalho (Bourdieu, 2002).

Bourdieu (1998) explica que as diferenças entre os corpos de homens e mulheres não indicariam nenhuma subjugação em sua essência natural, a dominação é instalada na medida em que ocorrem as sobreposições de significados. Desta forma, possuir ou não determinado órgão não determinaria as diferenças da divisão social, o que define isso é o valor simbólico da virilidade e honra que são atribuídos ao sexo masculino, por exemplo.

Longe de as necessidades da reprodução biológica determinarem a organização simbólica da divisão social do trabalho e, progressivamente, de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos. A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (Bourdieu, 1998, p.33).

Ainda dentro da lógica de atribuição de significados e instauração da dominação masculina, podem ser mencionados fatos históricos como as lutas femininas. A luta baseada nas diferenças sexuais possivelmente corroborou para a materialização das ideologias. Segundo a lógica apresentada por Marques (2011), a luta pelos direitos femininos salientou as diferenças da antinomia feminino/masculino, ao exigir igualdade as mulheres eram vistas como subordinadas aos homens. Aqui é possível perceber a essência do funcionamento ideológico, onde os dominados ao perceber a dominação lutam para mudá-la, enquanto a classe dominante enfrenta esse conflito com justificativas para se manter no poder.

### **Antinomias e thêmata**

O estudo da linguagem tem sido crescentemente enfatizado pela psicologia social devido à sua capacidade de representação e atribuição de significados, principalmente para explicar os modos de ver o mundo que guiam os comportamentos humanos. A linguagem apresenta um amplo potencial para observações. Com o foco social, sabe-se que nas formas de comunicação são encontrados conteúdos de origem econômica, política, cultural e ideológica (Fairclough 2001).

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma, os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideológica são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções. (Fairclough, 2001, p. 94)

Uma das capacidades humanas vinculada à linguagem, essencial para a construção do conhecimento social, que é pertinente também para entender as representações sobre os gêneros

é descrita por Marková (2006) como capacidade de distinção. Os seres humanos são capazes de realizar distinções para garantir sua sobrevivência e produzir julgamentos no meio social.

A classificação, oposição ou antinomias de fenômenos é um modo fundamental para considerar a inteligência humana e os pensamentos. Elas pertencem a um conjunto de características básicas de julgamento e argumentação social. Os indivíduos possuem um modelo de pensamento e avaliação de fenômenos dividido em polos opostos que auxiliam em distinções fundamentais para a vida, como julgar se algo é bom ou ruim para você, comestível ou veneno, macho ou fêmea, e assim por diante (Marková, 2006).

Esse tipo de categorização de pensamentos pode ser utilizado em diversos estudos dentro da psicologia como em escalas de personalidade, diferenciação semântica, avaliação em concordância ou discordância de itens. Esse método de análise é bastante utilizado para medir construtos latentes, como valores, opiniões ou atitudes. Com acesso ao conteúdo implícito pode ser bem aproveitado nos estudos sobre ideologias, uma vez que dificilmente as pessoas assumem determinadas ideologias.

Uma das maiores distinções que podemos reconhecer facilmente é a antinomia feminino/masculino, que permeia este trabalho. Devido ao seu caráter universal, a distinção entre os sexos é uma das maiores categorizações, dado que ocorre em diferentes culturas e afeta todos os seres humanos. Além disso, devido à capacidade cognitiva das pessoas essa diferenciação acontece desde muito cedo (Moya & Gomes, 1991).

A teoria das antinomias no pensamento revela que a organização de seus elementos possui relações de interdependência. Isso quer dizer que os componentes são pensados em pares criados mutuamente, por exemplo: o adjetivo bom está mutuamente associado ao seu antônimo mau, para concluir que algo é bom o mau também é considerado. Da mesma forma, o sexo masculino está reciprocamente associado ao seu oposto, o sexo feminino. Esse tipo de

julgamento pode ser associado a avaliações afetivas e emocionais, logo o termo “bom” pode ser relacionado a sentimentos positivos enquanto “mau” a sentimentos negativos, o mesmo acontece com outras antinomias.

As antinomias seguem um curso natural no qual o pensamento humano é moldado em opostos sem que seja necessário pensar muito nisso. É comum que os indivíduos aprendam de forma natural a fazer distinções ao pensar em inúmeras coisas, como diferenciar o que é comestível do incomestível. O conceito de antinomias está relacionado a outro conteúdo importante para os estudos em psicologia social, principalmente no que diz respeito à estruturação das representações sociais: os *thémata*.

Segundo Marková (2006), as antinomias estruturam as representações sociais que são disseminadas culturalmente, isto é, as antinomias são organizadas em *thémata* que perpassam o conhecimento social e, portanto, também fazem parte do discurso popular e consequentemente geram as teorias do senso comum elaboradas e compartilhadas socialmente. Os *thémata* são concepções que possuem longa história, e por serem ideias primitivas e gerais, contribuem para originar representações e ideologias (Moscovici, & Vignaux, 2003; Wachelke, 2013).

Apesar disso, nem todos os pensamentos provenientes do senso comum formam *thémata*. Como foi descrito por Marková, o estabelecimento dessas antinomias marcantes acontece somente se:

no curso de certos eventos sociais e históricos, isto é políticos, econômicos, religiosos, etc., elas [as antinomias de pensamento] se transformam em problemas e se tornam o foco da atenção social e a fonte de tensão e conflito. É durante tais eventos que as antinomias no pensamento são transformadas em *thémata*: elas entram no discurso público, se tornam problematizadas e ainda mais thematizadas. Depois então, começam a gerar representações sociais em relação ao fenômeno em questão. (Marková, 2006, pp. 252-253)

Retomando a lógica, a inserção de cada thema infere uma noção de sistemas opositos, assim a organização por thémata produz uma dupla significação de polos de atitudes como se pudesse opinar a favor ou contra determinada ideia. Marková (2006) cita alguns exemplos de thémata mais utilizadas no discurso público: “liberdade” versus “opressão”, “justiça” versus “injustiça” e algumas do discurso Ego-Alter: “moralidade” versus “imoralidade” “liberdade” versus “opressão”, entre outras.

O conceito de thema foi inicialmente utilizado por Holton suas pesquisas empíricas levaram-no a postular a existência do que ele batizou de “thema” ou “themata” e que ele definiu como “concepções primeiras” às quais os homens de ciência aderem, que modulam a maneira pela qual a imaginação deles é governada (Lima, 2008, p. 244).

Alguns anos depois o conceito foi adotado por Moscovici e Vignaux e adaptado para o uso em psicologia social. Para esses autores os thémata pertencem ao plano axiomático, ou seja seu conteúdo é construído com base em termos iniciais. São concepções, ideias, noções ou imagens “fontes” que agem pelo pensamento social, sustentado por crenças, tradições, valores e modos de ver o mundo (Lima, 2008).

Moscovici (2003) concorda que a utilização da oposição homem/mulher é uma das maiores utilizadas por diferentes línguas. Essa oposição possibilita a aplicação de conceitos thémata por exemplo: a atribuição de força ao “homem” e à atribuição de graça à “mulher”.

Dentre alguns dos comportamentos perpassados por essa oposição, Moya Morales (1993) apresenta o exemplo da máxima “homem não chora”; de acordo com a lógica do pensamento antinômico e a assimetria das relações de gênero, é possível afirmar automaticamente que se os homens não choram as mulheres choram. Portanto, a definição de qualquer conceito está correlacionada ao seu oposto. A consolidação dessas ideias podem durar por longos períodos, definindo nossos comportamentos, conformidades, condutas e formação de identidade.

As crenças centrais que formulam as representações sociais são formadas por thêmata, também chamadas por alguns autores de temas. Com base nos escritos de Moscovici e Vignaux, os thêmata funcionam como plano de fundo de pensamentos preexistentes, são ideias formuladas sobre as crenças, valores, costumes, modos de ver o mundo e de ver os indivíduos (Lima, 2008).

O estudo dos thêmata é relevante, pois eles possuem a capacidade de gerar as representações sociais. Essas representações podem ser mantidas por longos períodos e afetar a perpetuação de pensamentos ideológicos. Moscovici (2003) reforça que as representações sociais procuram maneiras de se legitimar e consolidar ao longo do tempo. O funcionamento das representações é apoiado pela lógica de oposições correlacionadas ao social, indivíduos, modos de ser e todo o mundo de forma total, enquanto isso acontece a linguagem registra tudo.

As oposições encontradas nas representações sociais podem atuar por intermédios semânticos, devido a sua capacidade de elaborar e organizar os modelos discursivos, modos de pensar e a própria cultura. Um exemplo citado por Moscovici (2003) foram os grupos argumentativos “feminismo/machismo”, na maioria dos discursos é possível identificar a associação da mulher com atividades do lar enquanto o homem é relacionado ao trabalho. Os conflitos presentes nesse tipo de discurso permitem a comparação e análise das características que são atribuídas aos indivíduos fundamentando as oposições.

Dentre algumas funções da ideologia está a estruturação das representações sociais. As ideologias são colocadas em um nível acima das representações sociais, pois são instaladas de forma mais estáveis e abstratas. Essa superioridade de nível está relacionada com o poder de disseminação das ideologias, uma vez que as ideologias representam categorias mais amplas de objetos sociais e as representações sociais limitam-se a um objeto (Wachelke, 2013).

Para Thompson, as representações sociais devem sempre ser analisadas em cada contexto antes de se afirmar que elas funcionam como um modo de dominação (Guareschi, Roso & Amon, 2016).

Pela lógica apresentada acima, a análise das representações sociais, do discurso, assim como as antinomias e thêmata presentes nele, se faz importante para que se possa compreender como as ideologias e as relações de poder são formuladas e enraizadas na esfera social. Como já foi dito, a oposição que interessa aqui é: homem/mulher. Explorar essa dimensão permite identificar o que há no plano de fundo, como se dá a estruturação das identidades, posições sociais, atribuição de crenças e papéis, valores ou relações de poder.

Se os thêmata possuem a capacidade de estabelecer e consolidar ideias importantes, quando integrados ou aliados ao discurso disseminam maneiras de interpretar e atuar no meio social. Eles guiam os sentidos que homens e mulheres atribuem aos fatos, aos sexos e a si mesmo e os orientam em práticas distintas através da argumentação discursiva.

A divisão em temas e as representações dos papéis ideais tendem a ser estereotipadas em concordância com uma realidade que utiliza da separação entre os gêneros para garantir uma ordem de maior poder e dominação masculina. Os thêmata possuem o poder de reproduzir sentidos que mantêm essa relação de desigualdade, pois podem ser adotados em discursos sociais e por meios de comunicação em massa, garantindo assim que as desigualdades sejam reproduzidas por qualquer indivíduo que passa a acreditar nisso sem maiores questionamentos.

Mesmo que a ideologia da dominação masculina seja descrita de forma teórica ou abstrata, é ela que define os papéis de gênero ao distorcer as representações do que é papel feminino ou masculino, refletindo a ordem econômica (Nye, 1995). A ideologia masculinizante aparece disfarçada em ideias cristalizadas no meio social e é apoiada por sistemas filosóficos, políticos e econômicos que permitem que os homens atuem como uma classe dominadora e as mulheres sejam dominadas; isso se dá pelas atribuições de posições, valores, regras e

características simbólicas. O uso da linguagem é um exemplo claro de como essas ideias podem ser inseridas de forma sutil, para percebê-las é necessário realizar uma observação crítica dos esquemas linguísticos.

Os estudos apresentados aqui estão em concordância com a revisão realizada por D'Amorim (1997) com pesquisas das décadas de 70, 80 e 90 o que nos leva a acreditar que as mudanças que ocorreram nos estereótipos e papéis de gênero foram menores em comparação com as reivindicações femininas. De acordo com os dados apresentados pelas pesquisas as mulheres são quase sempre associadas a características que remetem expressividade (comportamentos e características direcionadas às relações interpessoais) enquanto os homens são associados à instrumentalidade (direcionados ao êxito e execução de atividades práticas). Na maioria dos estudos avaliando a posição social, gênero e classe os participantes concordam com os estereótipos, mesmo quando pertencem a uma classe de alto nível financeiro tendem a concordar com o papel feminino tradicional.

Apesar das mudanças serem lentas, ao realizar uma comparação desses estudos é possível constatar que houve um desenvolvimento nas posições e funções ocupadas por mulheres. A sociedade está mais tolerante e permite que homens e mulheres realizem atividades fora de seu papel tradicional (D'Amorim, 1997). Entretanto, a questão em foco é por que os estereótipos ainda prevalecem de maneira tão forte e como os papéis de gênero conseguiram se manter ativos por tanto tempo.

Esta pesquisa tem o intuito de descrever as concepções típicas da população sobre os papéis de gênero que permeiam o imaginário social e verificar a existência de assimetrias nas representações de traços de feminilidade ou masculinidade. Ressalta-se que essa investigação não tem como foco a descrição de traços femininos e masculinos, mas sim a verificação da existência de ideologias de gênero presentes nessas concepções da população.

Musskopf (2014) afirma que os estudos sobre as assimetrias entre os gêneros são importantes para entender a estruturação social que produz e dissemina relações sociais de poder. Identificar como essa hierarquia é construída e como as desigualdades são criadas geram considerações sobre a justiça, igualdade de gênero, construção e reprodução de símbolos sociais e regras.

Assim, os estudos de gênero não podem estar desconectados do seu compromisso político com a transformação de relações sociais desiguais e injustas, bem como a criação e da visibilização de outras formas de produção de conhecimento que não estejam alinhadas com a ideologia heterossexual e com um modelo heterocêntrico de sociedade. O compromisso político direciona para o cotidiano de relações marcadas pela desigualdade e injustiça construídas e mantidas com base em ideias pré-definidas sobre o lugar e papel de cada um/a, a partir de marcadores de identidade falsamente construídos como verdade última e definitiva. (Musskopf, 2014, p.26)

Analizar essas questões permite maior compreensão dos papéis sociais assumidos pelos sujeitos. É importante reconhecer o modo como a sociedade descreve os traços dos gêneros e estabelece padrões normativos. Ao falar sobre escolhas e obrigações, os ideais que permeiam o imaginário social vêm acompanhados de um peso, pois a categorização feminino/masculino produz regras do comportamento e a atribuição dos papéis de gênero retrata uma organização assimétrica. Os estudos sobre essas assimetrias refletem na luta pela igualdade de gênero, libertação feminina e emancipação das obrigações que são justificadas pela condição natural biológica.

Para fazer isso é necessário levar em conta as posições sociais diferentes que os indivíduos ocupam, de modo a entender o quanto há de concordância ou divergência nas concepções de masculino e feminino, para avaliar possibilidades de mudança ou permanência. A faixa etária foi limitada aos adultos com o intuito de acessar opiniões mais cristalizadas, pessoas que provavelmente já vivenciam a dinâmica de uma família e estão imersas nos modelos de feminilidade e masculinidade como os papéis domésticos. A escolaridade e a renda,

como foi dito anteriormente, podem ser formas de descrever o funcionamento das classes sociais e a construção de pensamentos.

Em síntese são apresentados os seguintes questionamentos: Quais os traços associados pela população a homens e mulheres? Quais as relações entre as diferentes posições sociais ocupadas pelas pessoas e os traços que atribuem aos gêneros? Quais as características dos papéis sociais de gênero compatíveis com esses traços?

## **Objetivos**

### **Objetivo geral**

- Descrever os traços atribuídos pela população adulta überlandense a homens e mulheres, bem como verificar a existência de significados ideológicos nas concepções de gênero

### **Objetivos específicos**

- Caracterizar frequências de traços masculinos e femininos por adultos residentes em Uberlândia, Minas Gerais;
- Comparar frequências de traços masculinos e femininos por grupos de escolaridade, faixa etária e gênero;
- Verificar a existência de assimetrias nos traços masculinos e femininos identificados;
- Avaliar a desejabilidade social dos traços masculinos e femininos;
- Explorar os efeitos das antinomias, representações sociais e thêmata;
- Avaliar aspectos ideológicos dos traços masculinos e femininos.

## **Método**

Este estudo possui caráter quantitativo e exploratório de opiniões comuns e/ou ideológicas sobre aspectos relacionados aos gêneros: feminino e masculino. A coleta dos dados foi realizada no segundo semestre de 2017 na cidade de Uberlândia, por membros do grupo de pesquisa Eclipse: Laboratório de Investigação em Psicologia Social Semiótica, grupo vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

A amostragem foi não-probabilística, com critérios de idade mínima e equilíbrio entre os sexos. Os participantes foram abordados em locais públicos como praças, ruas, parques e em alguns casos em suas casas, em comum acordo de disponibilidade e anonimato.

## **Participantes**

O estudo contou com 1000 participantes, 473 (47.3%) do sexo masculino e 527 (52.7%) do sexo feminino. A faixa etária variou de 20 a 49 anos que foram organizados em 3 grupos: de 20-29, 30-39, 40-49.

A renda familiar também foi dividida em grupos: 0 até 2 salários-mínimos (R\$ 1.874) n = 207, entre 2 e 3 salários-mínimos (de R\$ 1.875 a R\$ 2.811), n = 260; entre 3 e 5 salários-mínimos (de R\$ 2.812 a R\$ 4.685) n = 269, e mais de 5 salários-mínimos (mais de R\$ 4.685) n = 231. A Figura 1 apresenta o cruzamento das faixas de renda e níveis de escolaridade dos participantes.

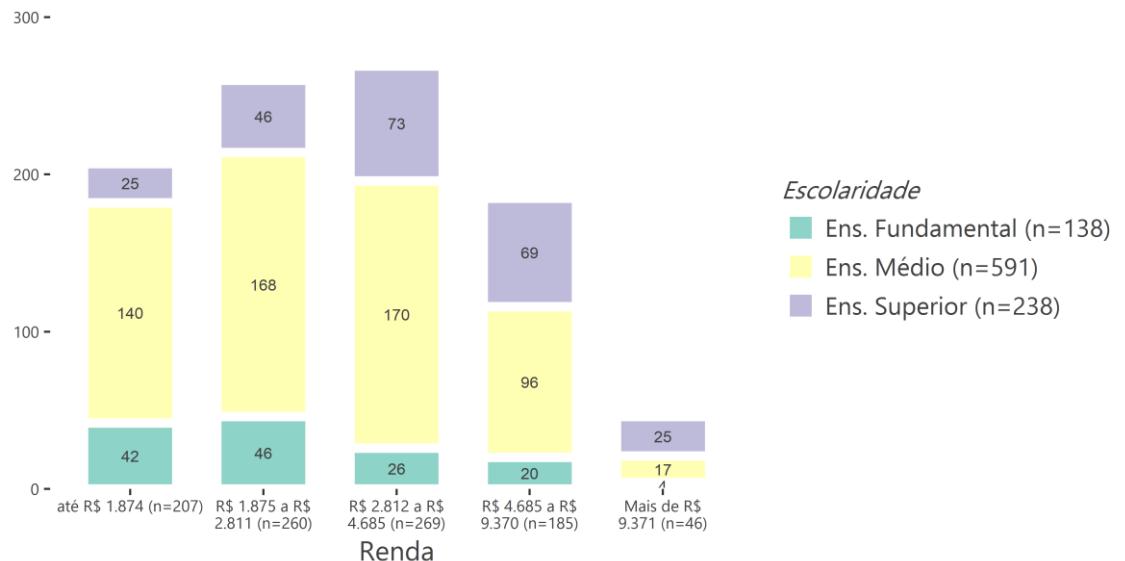


Figura 1. Respostas da amostra geral de renda estimada e escolaridade

Grande parte dos participantes declarou estar em um relacionamento estável ou casados 46,4%; outros 19,7% disseram estar namorando; 28,9% solteiros e 4,9% divorciados(as) e viúvos(as). A maior parte da amostra se declarou heterossexual (88,6%). A escolaridade foi representada por 13,9% do ensino fundamental, 61,4% ensino médio e 24,6% ensino superior. A Figura 2 apresenta cruzamento da variável sexo e os níveis de escolaridade dos participantes.

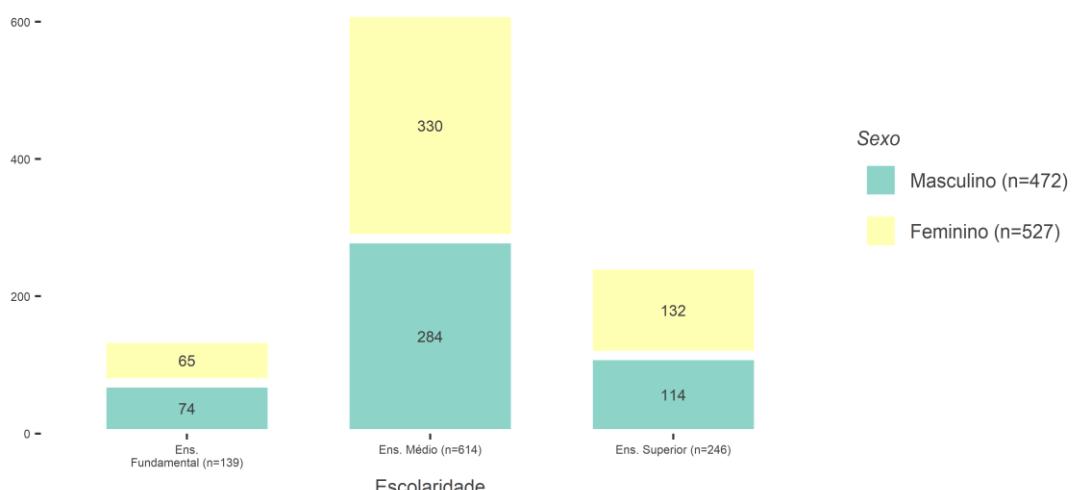


Figura 2. Respostas da amostra geral separadas por sexos e escolaridade

## Instrumento

Inicialmente o instrumento foi testado em um estudo piloto: foram aplicados 20 questionários estruturados em voluntários convidados no campus da Universidade Federal de Uberlândia. Esse processo teve o intuito de questionar os participantes sobre a clareza das perguntas, concordância entre os itens, dúvidas e demais aspectos. Além disso, foi possível diminuir a quantidade de itens do questionário deixando somente os mais representativos.

Nessa etapa o questionário possuía 40 adjetivos que abordavam opiniões sobre comportamentos ou traços característicos de homens e mulheres, que deveriam ser classificados em: *Quase sempre do homem (HH)*: quando o participante considerasse que a característica era quase sempre relacionada aos homens; *Quase sempre da mulher (MM)*: considerasse quase sempre relacionada às mulheres; *Mais do homem (H)*: quando avaliasse a característica mais frequentemente relacionada aos homens do que às mulheres, mas nem sempre; *Mais da mulher (M)*: quando considerasse mais frequentemente relacionada às mulheres que aos homens, mas nem sempre, *Ambos (A)*: quando avaliasse que a característica fosse típica de homens e mulheres igualmente, e por último (?): caso não soubesse responder de forma alguma. Além disso, no final do questionário foram colocadas as questões sociodemográficas.

Os itens foram escolhidos e elaborados de acordo com a revisão bibliográfica, citada anteriormente na introdução, buscando dar conta das dimensões de instrumentalidade e expressividade, e também em outros questionários como o EPAQ (Questionário Estendido de Atributos Pessoais) de Spence, Helmreich e Holahan (1979) e o BSRI (Inventário de Papéis Sexuais de Bem) (Bem, 1974).

Após a adequação do instrumento restaram os seguintes itens: *emoção, tolerância, delicadeza, cuidado, sensibilidade, responsabilidade, cooperação, obediência, ternura, beleza* e *submissão* (traços mais expressivos); *trabalho, força, competição, razão, egoísmo, agressividade e poder* (traços mais instrumentais).

## Procedimento

Os questionários foram aplicados por membros da equipe de pesquisa, todas cursando o mestrado acadêmico em psicologia, devidamente preparadas e capacitadas para esclarecer qualquer questionamento. O grupo de aplicadoras foi subdividido por bairros para contemplar as zonas da cidade em maior extensão. Foram escolhidos locais públicos e com alto fluxo de pessoas, como praças, ruas centrais, e também em residências. Buscou-se contemplar bairros de regiões amplas da cidade, mas sem preocupação especial com representatividade estatística.

As pessoas foram abordadas de forma aleatória, restringindo ao público adulto; após concordarem com a participação ouviram as instruções de um cartão ditas pela aplicadora. Nele foi explicado que a pesquisa estava vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, as perguntas abordariam opiniões típicas sobre o comportamento e características de homens e mulheres, ressaltando que não havia resposta certa ou errada, apenas a opinião de cada um.

Conforme a Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016 (Conselho Nacional de Saúde) que esclarece que as pesquisas em ciências humanas, de opinião pública e amostra anônima, não devem ser analisadas por Comitê de Ética.

## Análise de dados

A análise dos dados consistiu em estatísticas descritivas de frequências e associações de variáveis. A programação estatística foi efetuada no ambiente de software do R (R Core Team, 2018). A princípio, foi analisada através de uma distribuição em frequências a classificação das respostas apresentadas em percentuais que indicam as opiniões sobre os traços (masculinos ou femininos) para a amostra em geral (ver Resultados).

Posteriormente, a estatística descritiva avaliou cruzamentos das respostas referentes à atribuição de traços aos gêneros com os grupos de faixa etária, sexo e escolaridade, por meio

de tabelas de contingência. Para isso foram aplicadas as funções de visualização gráfica dos pacotes sjPlot (Lüdecke, 2018) e ggplot2 (Wickham, 2009), com gráficos para apresentar proporções.

Também foi utilizada a análise de correspondências múltiplas, que permite explorar as relações entre mais de duas variáveis, que tendem a ser selecionadas pelas mesmas pessoas (atração) ou são selecionadas por pessoas diferentes. Trata-se de análise realizada com base numa matriz indicadora, com indivíduos em linha e variáveis em coluna (Greenacre, 2007). Aqui, as variáveis foram as modalidades de resposta aos traços. A análise de correspondências múltipla foi utilizada para identificar as principais associações entre os traços, ou seja, serviu para investigar se a caracterização de um traço descrito como feminino ou masculino estava relacionado a outro, por exemplo, verificar a relação entre: agressividade e delicadeza, poder e submissão, etc.

Finalmente, foram utilizados gráficos de dois andares (*double-decker plots*), onde foi possível expor e comparar o cruzamento de um conjunto de variáveis em um plano de dois andares. No double decker as colunas são dispostas lado a lado com a mesma altura; a barra de listras fixadas abaixo são rótulos que correspondem a cada variável. Sua interpretação pode ser feita principalmente pela verificação das frequências através da diferenciação de largura entre as colunas, porcentagem e pelas cores aplicadas a cada categoria (Hofmann, 2001).

Para todas as análises foi utilizado o programa R (R Core Team, 2018), e os pacotes FactoMineR (Lê, Josse, & Husson, 2008), ggplot2 (Wickham, 2009), vcd e factoextra (Kassambara, & Mundt, 2016).

## Resultados

Na Figura 3 foram reunidas as respostas globais dos participantes (n = 1000) referentes à classificação de traços femininos e masculinos. Em cada traço, dados omissos foram excluídos da análise. Os resultados agrupados gerais demonstraram que os traços mais associados às mulheres foram *sensibilidade, beleza, emoção, delicadeza, ternura, cuidado, submissão, obediência, cooperação, tolerância e razão*. Já os homens foram mais representados pelos traços de *agressividade, força, egoísmo, poder e competição*.

Os traços mais expressivos como: *emoção, sensibilidade, ternura, cuidado e delicadeza* foram predominantemente femininos tendo pouquíssima associação com o masculino. Inversamente, *força, egoísmo e agressividade* quase não foram associados às mulheres, sendo descritos como traços principalmente dos homens. *Poder* também se mostrou distintivo, levando não somente em consideração que foi mais associado aos homens do que às mulheres, mas também ao fato de que somente 5,5% das pessoas responderam que ele seria uma traço quase sempre associados às mulheres. Ainda dentro dessa lógica, mas fora da característica de expressividade, *beleza* foi prevalentemente associada às mulheres, somente 0,7% disseram ser um traço exclusivamente masculino. O mesmo aconteceu com o traço de *submissão* (homens 5%; mulheres 57,6%) apesar de ambos (beleza; submissão) terem tido representatividade na resposta “ambos” a atribuição desses traços às mulheres foi muito maior.

Os traços equiparados entre os gêneros foram: *responsabilidade* (homens 9,8%; mulheres 29,4%) e *trabalho* (homens 19,7%; mulheres 11,4%). Apesar disso, a expressão desses traços respeita a lógica dos estereótipos que associam em maior quantidade responsabilidade às mulheres e trabalho aos homens.

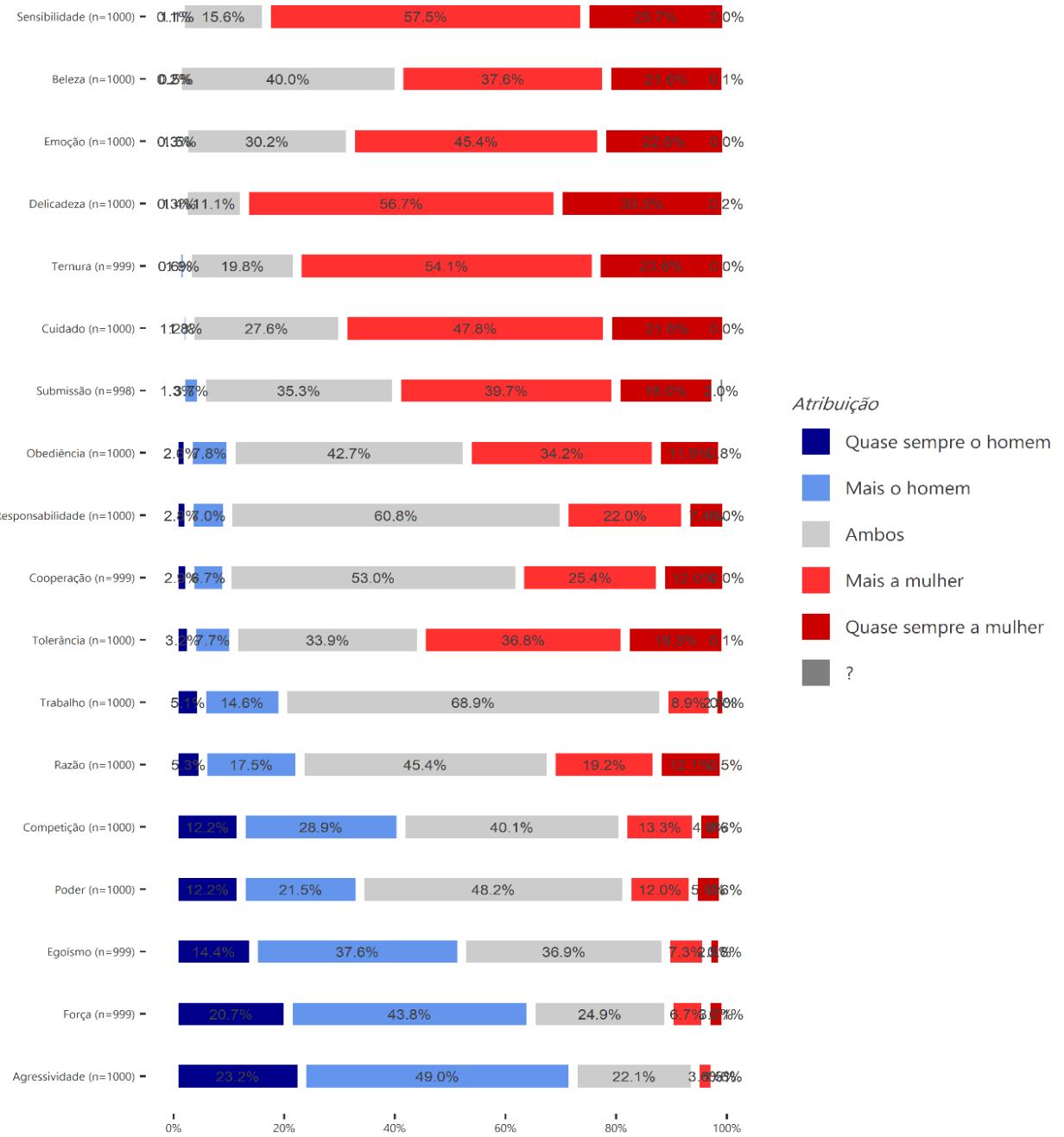


Figura 3. Frequência de respostas de atribuição de traços aos gêneros na amostra geral.

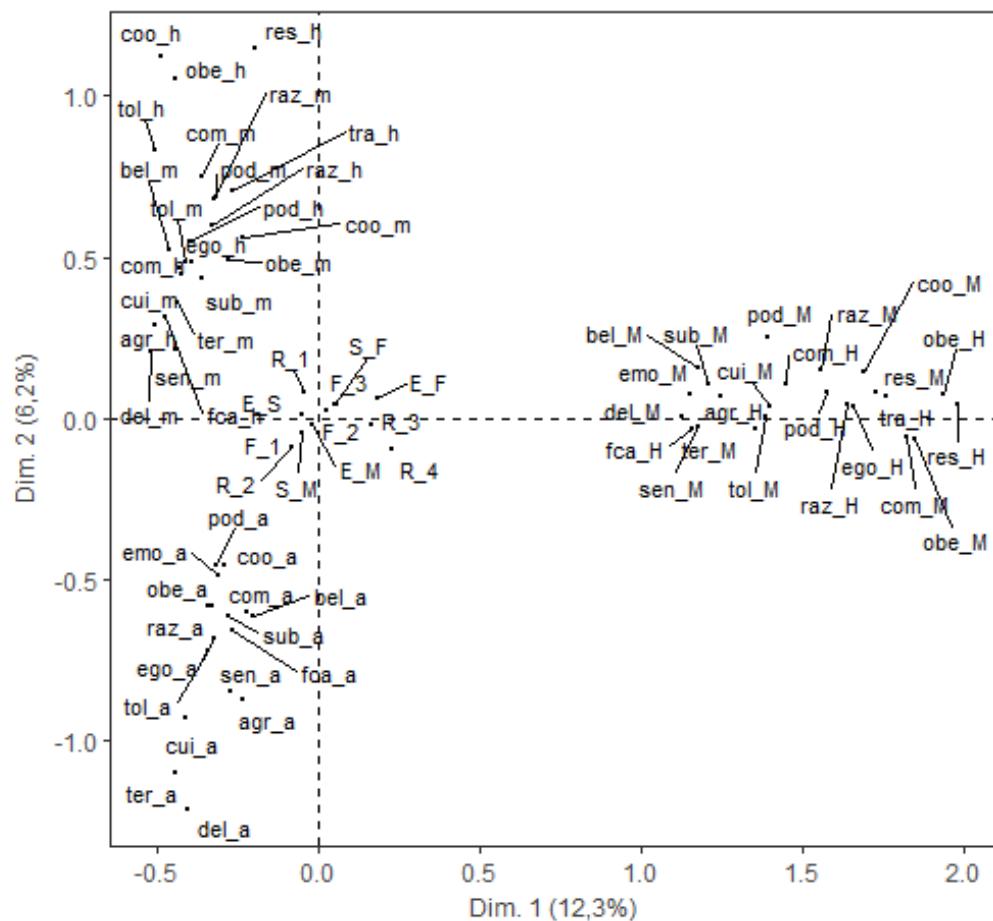
Foi realizada uma análise de correspondências múltiplas a partir das respostas aos traços. Por meio da análise foram identificadas 72 dimensões. Considerando que a inércia é calculada por  $I = \chi^2 / n$  (qui-quadrado de Pearson dividido pelo total de frequências), a primeira dimensão ou fator teve autovalor 0,49, responsável por 12,29% da inércia total, e a segunda teve autovalor 0,25 (6,18% da inércia). A terceira dimensão teve autovalor 0,14 (3,47% da inércia) e a quarta 0,12 (3,06% da inércia). Portanto, do primeiro autovalor para o segundo há uma queda de poder explicativo de 6,11 pontos percentuais de inércia; do segundo para o terceiro 2,64; do terceiro para o quarto o valor diminuiu para 0,4. Pelo contraste do poder explicativo das dimensões e sua queda abrupta a partir da terceira dimensão, foi escolhido o plano fatorial das dimensões 1 e 2 para sintetizar as variações nos dados. Somando as inércias das duas dimensões, o primeiro plano da análise explica 18,5% da variabilidade dos dados.

Para essa análise foram utilizadas como variáveis ativas os 18 traços, multiplicados por 5 modalidades de respostas ( $H$  – quase sempre o homem;  $h$  – mais do homem;  $a$  – ambos igualmente;  $m$  – mais da mulher;  $M$  quase sempre da mulher), totalizando 90 categorias. As três letras iniciais de cada traço os identificam: sen- sensibilidade, bel- beleza, emo- emoção, del- delicadeza, ter- ternura, cui- cuidado, sub- submissão, obe- obediência, res- responsabilidade, coo- cooperação, tol- tolerância, tra- trabalho, raz- razão, com- competição, pod- poder, ego- egoísmo, fca- força, agr- agressividade.

Em cada dimensão, a contribuição média de uma variável (categoria, variável ativa) para o fator foi calculada por  $100 / (18 \times 5) = 1,11$ ; qualquer valor acima desse foi considerado relevante. As categorias com contribuições para o fator acima de 1,11 foram utilizadas na interpretação da dimensão. As variáveis de posição social (escolaridade – E, F até ensino Fundamental, M até ensino médio, S até nível superior; renda familiar – R, nível 1 até R\$ 1.874, nível 2 de R\$ 1.875 até R\$ 2.811, nível 3 de R\$ 2.812 até R\$ 4.685 e nível 4 mais de R\$ 4.685; sexo – S, M masculino e F feminino; F faixa etária, nível 1 de 20-29 anos, nível 2 de 30 a 39

anos, nível 3 de 40 a 49 anos) foram projetadas como suplementares, para auxiliar na interpretação sem participar do cálculo dos eixos.

A Figura 4 representa as categorias com contribuições maiores que a média nas dimensões 1 ou 2 da análise de correspondências múltiplas. Os traços mais relevantes para a variância se concentram nas extremidades da figura; nela também é possível encontrar algumas variáveis suplementares, projetadas mais próximas da origem.



*Figura 4. Mapa das dimensões 1 e 2 da análise de correspondências múltiplas referente às respostas de atribuição de traços aos gêneros, com projeção de variáveis suplementares.*

O padrão geral visível no gráfico é de respostas dos participantes centradas nas mesmas opções para traços diferentes. Na dimensão 1, referente ao eixo horizontal, há oposição de respostas de atribuição “quase sempre” aos dois gêneros e respostas de atribuição tendencial

(ou preferencial) para um dos gêneros (“mais do/da...”) e igualitária (“ambos”). A dimensão 2, no eixo vertical, apresenta o contraste subsequente entre os dois últimos tipos de respostas, tendencial e igualitária. Em outras palavras, os padrões mais marcantes de variação nos dados foram as escolhas dos mesmos tipos de resposta pelos participantes para diversos traços diferentes.

Com base na dimensão 1 os traços: coo\_h, res\_h, obe\_h, del\_a, ter\_a, e cui\_a são apresentados do lado esquerdo, sendo coo\_h e res\_h os traços que mais contribuem para a variância da dimensão 1; isso acontece porque traços como responsabilidade e cooperação foram considerados pela maioria da amostra como típicos de “ambos”, com tendências maiores de associação às mulheres (Figura 3); entretanto há uma pequena porcentagem que vai contra essa lógica; assim, esses dois traços são vistos geometricamente mais distantes do conjunto de respostas, e os participantes que indicaram cooperação e responsabilidade como traços tendentes ao homem apresentaram em maior proporção essas respostas conjuntamente que o encontrado no geral da amostra. No lado direito, a atribuição de poder a algo quase sempre da mulher (localizado acima), é a resposta que representa maior contribuição para a variância da dimensão 1. A Figura 3 indica que poder foi descrito pela maioria como um traço de ambos os sexos (48,2%) seguido pelo sexo masculino (33,7%), logo a associação de poder às mulheres se distingue do padrão geral da amostra; o que explica sua localização no mapa.

Na parte de baixo, traços como delicadeza, ternura e cuidado, enquanto atribuídos a ambos, também são vistos mais distantes do conjunto de respostas. O padrão geral demonstra que esses traços foram fortemente associados às mulheres, conforme a Figura 3, com poucas respostas em ambos e quase nenhuma atribuição aos homens.

Para compreender a força das relações entre as variáveis associadas na ACM, foi construída uma tabela de proporções condicionais (Tabela 2) com os cruzamentos de dez das categorias mais importantes em contribuição para as dimensões 1 e 2, bem como as modalidades suplementares mais relevantes. Essa tabela apresenta as proporções relativas das categorias dispostas na análise de correspondência múltipla, de acordo com as condições de seleção e classificação das variáveis. Nela é possível observar uma relação de implicação proporcional (representada pelo símbolo →) entre as modalidades categóricas. As proporções expressas na diagonal principal indicam a proporção de respondentes que escolheu a modalidade de cada coluna. Por sua vez, as modalidades em linha condicionam as proporções das colunas

Assim, enquanto cerca de 44% dos participantes da amostra geral atribuíram força tendencialmente ao homem (fca\_h), dentre aqueles que indicaram que a submissão é uma característica ligada mais à mulher (sub\_m) esse percentual é de mais de 55%. De modo geral, a Tabela 2 apresenta boa representatividade das correlações entre as variáveis, sendo a menor: tra\_a / res\_m (17,7) e a maior: fca\_h / tra\_a (70,8). Com isso é possível inferir que os participantes atribuem “responsabilidade” às mulheres dissociada do traço “trabalho”. Por outro lado, a correlação de “força” atribuída aos homens pode ser entendida como um modo de apoderar-se do “trabalho”.

Tabela 2. Tabela de proporções condicionais envolvendo atribuições de 899 participantes aos traços atribuídos aos gêneros \*.

| →     | n   | agr_h       | tol_m       | fca_h       | sub_m       | obe_m       | ego_h       | pod_h       | bel_m       | tra_a       | res_m       |
|-------|-----|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| agr_h | 443 | <b>49,2</b> | 50,5        | 56,8        | 50,7        | 43,7        | 54,4        | 31,8        | 52,5        | 68,3        | 28,2        |
| tol_m | 331 | 67,6        | <b>36,8</b> | 56,1        | 50,7        | 54,6        | 52,8        | 28,3        | 54,9        | 65,8        | 34,2        |
| fca_h | 395 | 63,7        | 47,0        | <b>43,9</b> | 50,3        | 42,7        | 49,6        | 30,3        | 51,6        | 70,8        | 23,2        |
| sub_m | 361 | 62,3        | 46,5        | 55,1        | <b>40,1</b> | 51,5        | 49,8        | 36,0        | 56,7        | 70,6        | 25,4        |
| obe_m | 314 | 61,7        | 57,6        | 53,8        | 59,2        | <b>34,9</b> | 52,2        | 31,2        | 47,1        | 67,5        | 30,1        |
| ego_h | 343 | 70,2        | 51,0        | 57,1        | 52,4        | 47,8        | <b>38,1</b> | 30,3        | 54,5        | 64,7        | 27,9        |
| pod_h | 189 | 74,6        | 49,7        | 63,4        | 68,7        | 51,8        | 55,0        | <b>21,0</b> | 50,7        | 68,2        | 26,7        |
| bel_m | 344 | 67,7        | 52,9        | 59,3        | 59,5        | 43,0        | 54,3        | 27,9        | <b>38,2</b> | 63,0        | 28,3        |
| tra_a | 614 | 49,3        | 35,5        | 45,6        | 41,5        | 34,5        | 36,1        | 21,0        | 35,3        | <b>60,1</b> | 17,7        |
| res_m | 203 | 60,5        | 55,3        | 44,1        | 43,5        | 46,6        | 47,2        | 24,1        | 47,1        | 53,6        | <b>22,5</b> |
| S_M   | 424 | 50,9        | 36,3        | 45,9        | 36,5        | 30,6        | 40,3        | 20,5        | 40,0        | 66,5        | 17,9        |
| S_F   | 475 | 47,7        | 37,2        | 42,1        | 43,3        | 38,7        | 36,2        | 21,4        | 36,6        | 69,8        | 26,7        |
| R_1   | 416 | 53,3        | 39,1        | 45,6        | 43,0        | 37,5        | 39,9        | 21,6        | 38,2        | 65,1        | 23,5        |
| R_2   | 257 | 45,9        | 36,5        | 47,0        | 39,6        | 34,2        | 40,0        | 21,0        | 36,9        | 73,1        | 20,6        |
| R_3   | 181 | 47,5        | 33,7        | 36,4        | 35,3        | 30,3        | 34,2        | 19,3        | 40,8        | 70,1        | 24,3        |
| R_4   | 45  | 37,7        | 28,8        | 40,0        | 35,5        | 33,3        | 26,6        | 22,2        | 35,5        | 62,2        | 17,7        |
| E_F   | 126 | 49,2        | 34,9        | 44,4        | 36,5        | 33,3        | 31,7        | 19,8        | 36,5        | 63,4        | 17,4        |
| E_M   | 546 | 49,8        | 35,8        | 43,9        | 40,1        | 35,3        | 40,1        | 21,2        | 38,2        | 68,8        | 22,8        |
| E_S   | 227 | 48,0        | 40,0        | 43,6        | 42,2        | 34,8        | 37,0        | 21,1        | 39,2        | 69,6        | 24,6        |

\* Nota. h: atribuição ao homem. a. atribuição a ambos. m: atribuição à mulher

Ainda de acordo com a Tabela 2, enquanto a amostra geral atribui *tolerância* às mulheres em 36,8%, esse percentual sobe para 50,5% para os participantes que atribuem também *agressividade* aos homens, e 49,7% para os que atribuem *poder* ao homem. Enquanto a proporção geral de atribuição às mulheres de *submissão* é 40,1%, para os que atribuem *força* aos homens a atribuição de submissão feminina é de 50,8%, e para os que atribuem poder ao homem, é de 68,7%. Portanto, há uma associação entre atribuição de traços masculinos ativos

e traços femininos passivos: um padrão de respostas pertinente está na força dessas oposições complementares.

Além disso, houve associações mais elevadas entre traços de instrumentalidade, atribuídos aos homens: *egoísmo* e *agressividade* (70,2% de atribuição de agressividade ao homem, contra 49,2% da amostra geral), *força* e *agressividade* (63,7% de atribuição de agressividade ao homem), *poder* e *agressividade* (74,6% de atribuição de agressividade), poder e força (63,4% de atribuição de força ao homem, contra 43,9% da amostra geral). De modo semelhante, os traços de expressividade atribuídos às mulheres também se associam: *submissão* e *beleza* (56,7% de atribuição de beleza à mulher, contra 38,2% da amostra geral), *obediência* e *tolerância* (57,6% de atribuição de tolerância à mulher, contra 36,8% da amostra geral), *obediência* e *submissão* (59,2% de atribuição de submissão à mulher, contra 40,1% da amostra geral).

Em contraste, as relações com as variáveis de características sociais não foram muito importantes, por exemplo: a associação de poder ao homem teve 20% de respostas masculinas e 21% femininas; com as categorias de renda e escolaridade variaram de 19% a 21%. Com isso é possível perceber que os resultados não variaram muito e isso se repetiu em todas as combinações.

As próximas figuras são representações gráficas (*double-decker plot*) que demonstram uma relação entre as respostas de cada traço com as variáveis de posições sociais: faixa etária e escolaridade. Na lateral é possível encontrar a abreviação do nome de cada traço, respostas em “H” quase sempre do homem, “h” mais do homem, “a” ambos, “m” mais da mulher “M” quase sempre da mulher, “S” sexo, “E” escolaridade e “F” faixa etária<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O projeto previa também comparações com a variável renda, mas durante a coleta de dados verificou-se que essa variável teve problemas para interpretação, uma vez que muitos participantes não informaram rendimentos e também não foi levado em conta a quantidade de pessoas que viviam com os respondentes, o

A Figura 5 apresenta a frequência de respostas do traço *trabalho*, para todas as combinações de variáveis sociais dos participantes (sexo, escolaridade, faixa etária) a resposta “ambos” foi predominante, chegando a 75,9% para mulheres de 40 a 49 anos com nível superior, mas restringindo-se a 5% entre os homens dessa faixa etária e escolaridade. Uma tendência observada na maior parte das combinações foi a de proporções um pouco maiores de atribuição masculina ao trabalho por parte de homens que mulheres. Em contraste, para as faixas de 20 a 39 anos, as mulheres atribuíram mais o trabalho ao gênero feminino que os homens. Ao comparar as faixas etárias, o grupo de pessoas mais velhas (40-49 anos) demonstrou ser o mais conservador, pois atribuem na maioria das vezes o traço trabalho aos homens, reafirmando a lógica do papel do homem como provedor de renda.

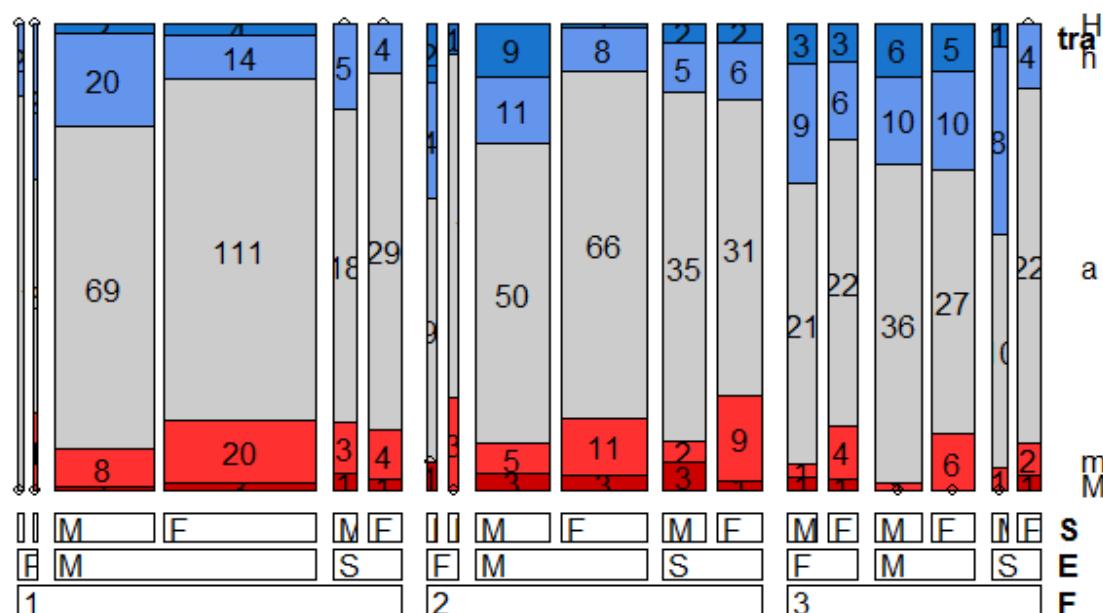


Figura 5. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço trabalho aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

que interferiria na renda por pessoa e seria indicador mais adequado. Como o indicador não forneceu informações confiáveis, optou-se por não enfatizá-lo nas comparações detalhadas.

Na Figura 6, a frequência de respostas sobre *responsabilidade* demonstra que a resposta predominante em todas as condições foi “ambos” 60,8%; em todas as faixas etárias as mulheres tenderam a responder que o traço estaria mais relacionado às mulheres (56%), já para os homens a atribuição de responsabilidade ao sexo feminino foi de 34%. Os homens da faixa etária 1 e 2 (20 a 39 anos) também tenderam a dizer que o traço estaria mais voltado para o sexo feminino (25%) do que ao masculino (9%), em contrapartida os homens mais velhos (40 a 49) apresentaram uma quantidade de respostas iguais para homens e mulheres (0,09%). A faixa etária 1 foi a mais igualitária e as mulheres do ensino médio foram as que mais atribuíram responsabilidade ao sexo feminino.

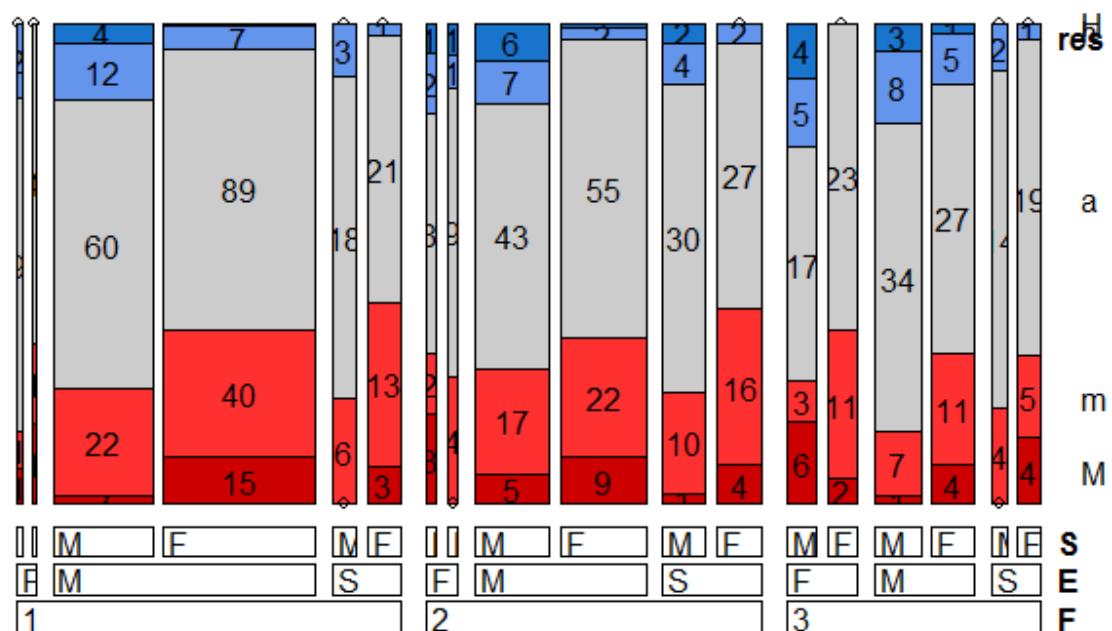


Figura 6. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço responsabilidade aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

Os traços *delicadeza* (Figura 7), *emoção* (Figura 8), *sensibilidade* (Figura 9), *ternura* (Figura 10) e *cuidado* (Figura 11) seguem a mesma lógica de representatividade dentro da amostra. Homens e mulheres concordam majoritariamente, nas diversas posições sociais, que são traços atribuídos ao sexo feminino, tendo menos representatividade de respostas em ambos

e quase nenhuma em quase sempre do homem ou mais do homem; a faixa etária 1 e ensino médio foi a mais igualitária; quanto maior a escolaridade e idade, menor foi classificação em ambos ou atribuições aos homens.

Diferente disso, como mostra a Figura 7, as respostas atípicas atribuídas ao traço *delicadeza* partiram principalmente do grupo formado por pessoas com ensino médio e superior, com idade entre 40-49 anos.

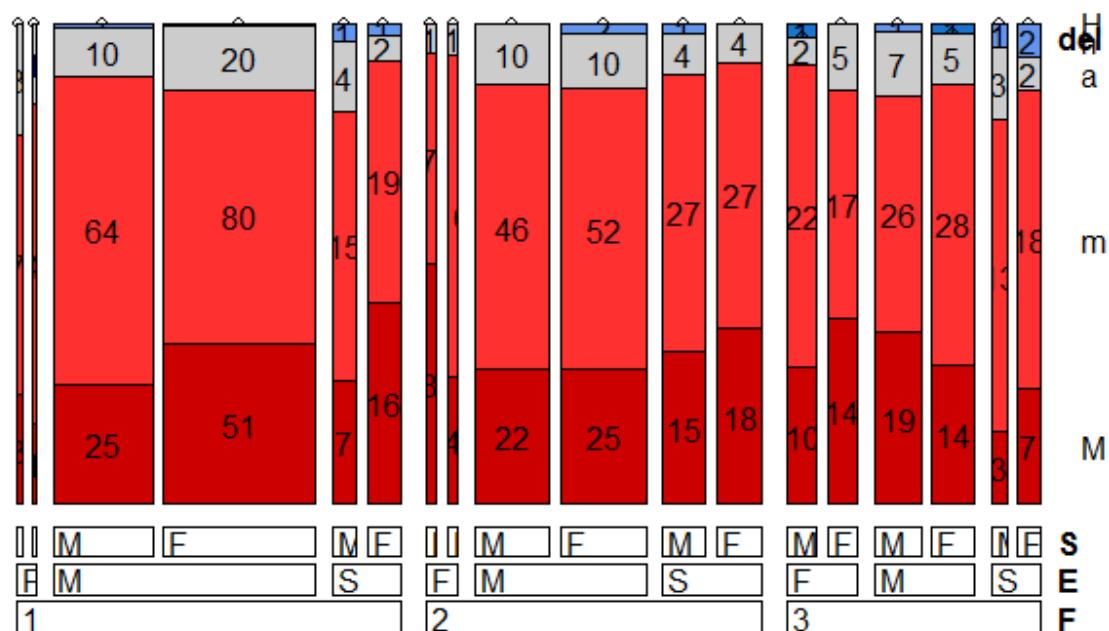


Figura 7. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço *delicadeza* aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes

O traço *emoção* expresso na Figura 8 demonstra que existe uma inclinação maior de que as mulheres associem o traço ao sexo feminino; 340 mulheres afirmaram ser um traço feminino, para as respostas dos homens esse número cai para 252. A faixa etária mais jovem foi a que mais optou pela resposta “ambos”.

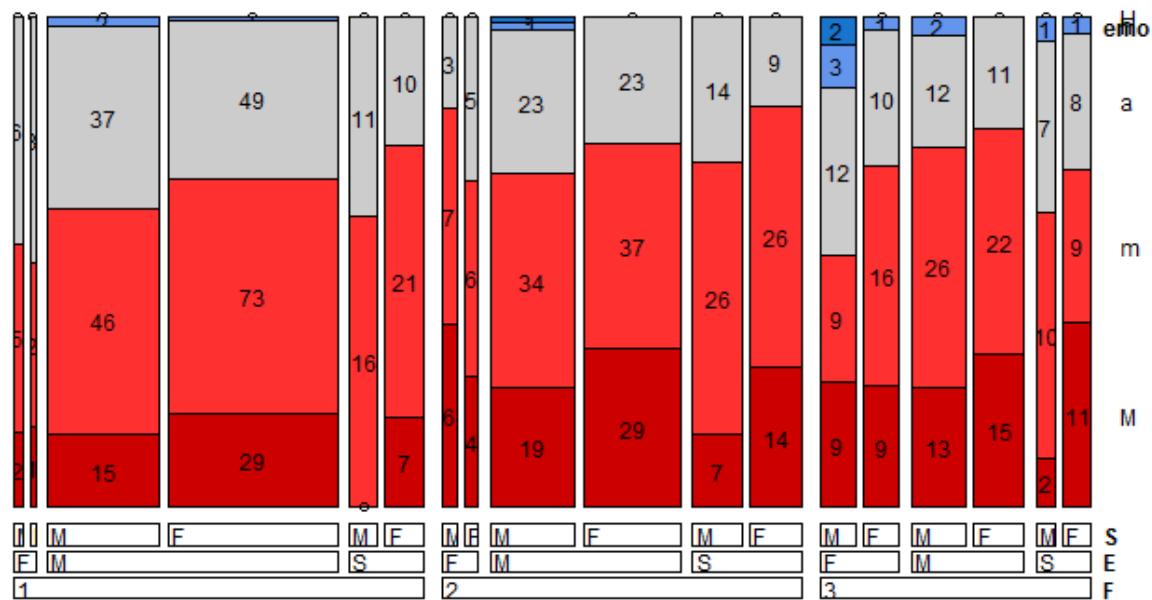


Figura 8. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço emoção aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes

Homens e mulheres concordam de forma simétrica que *sensibilidade* (Figura 9) é um traço voltado mais para as mulheres, tendo pouca representatividade de respostas em “ambos” e somente 1,2% relacionadas ao sexo masculino.

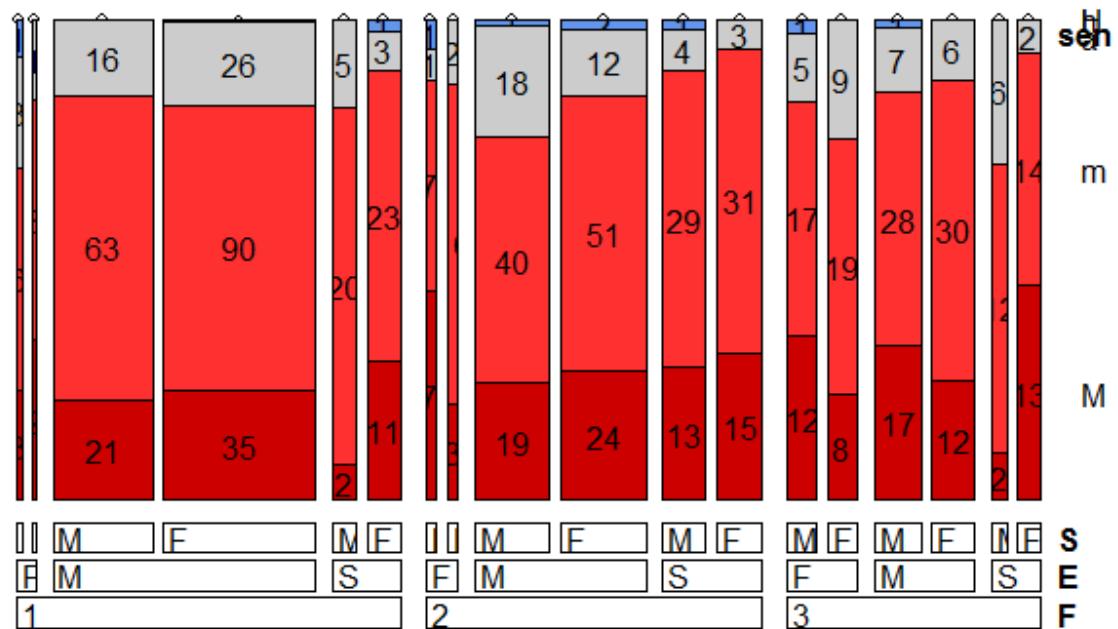


Figura 9. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço sensibilidade aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes

De acordo com a Figura 10, *ternura* foi descrito como um traço feminino; houve baixas frequências de atribuições aos homens. De forma muito sutil, o grupo formado pelos mais jovens foram os que mais optaram pela resposta ambos; quanto mais baixa a escolaridade maior foram as respostas de atribuição aos homens, entretanto o número foi pouco importante totalizando somente 8 pessoas.

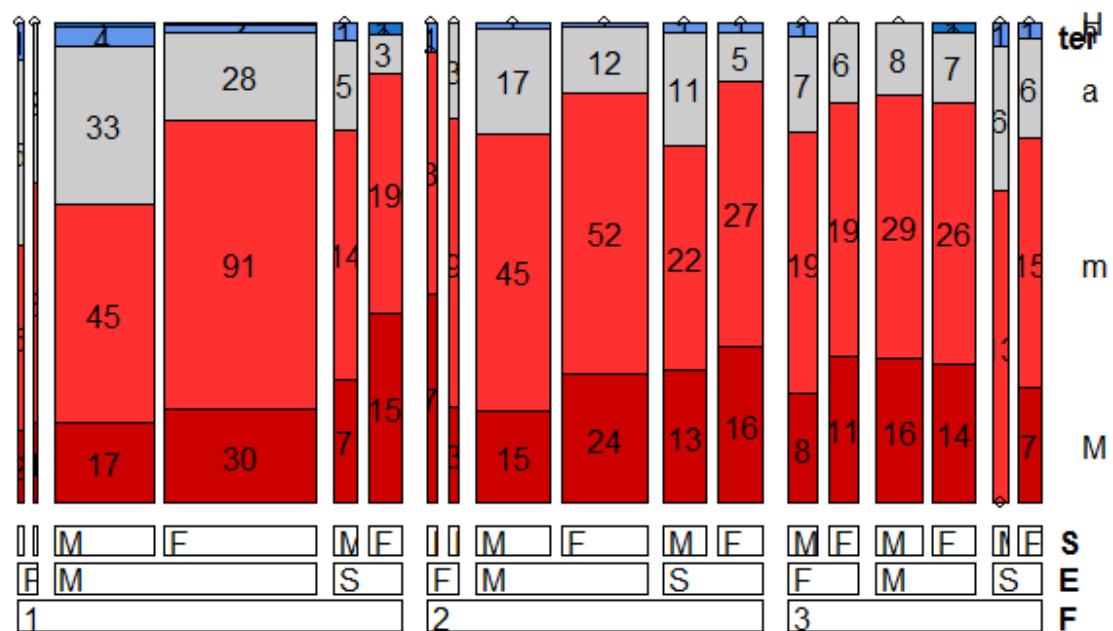


Figura 10. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço ternura aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes

Ao analisar a Figura 11 sobre *cuidado*, é possível perceber que a maioria das respostas se mantiveram simetricamente voltadas para o sexo feminino. Algumas mulheres com idade entre 20 e 29 anos com o ensino médio tenderam a responder mais vezes que o traço estaria relacionado aos homens, no entanto foi um número muito pequeno.

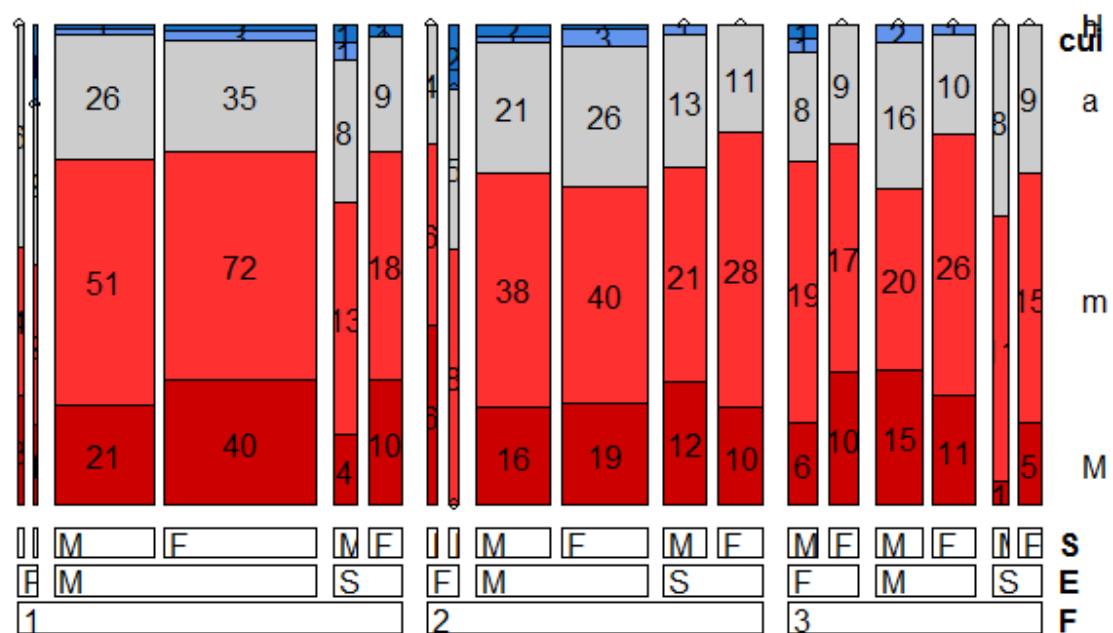


Figura 11. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do cuidado aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes

A Figura 12 demonstra que *tolerância* teve a maioria das respostas atribuídas às mulheres (57,6%); a relação entre faixa e sexo indica que as mulheres da faixa etária 1 foram as que mais responderam “ambos” cerca de 20%; a associação do traço ao sexo masculino teve baixa representatividade sendo a porcentagem mais alta encontrada no grupo de mulheres da faixa etária 1 (6%).

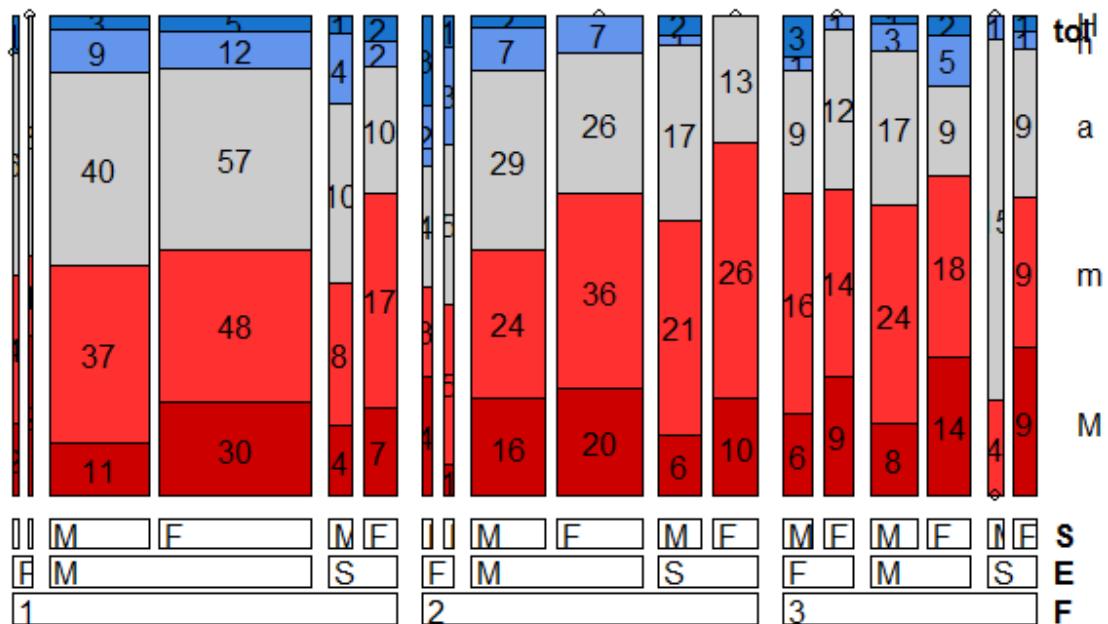


Figura 12. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço tolerância aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes

A Figura 13 demonstra que homens e mulheres atribuem o traço *força* majoritariamente aos homens de forma simétrica; mulheres tendem a atribuir mais força às mulheres (19%) quando comparadas ao grupo de respostas vindas de homens (7%), isso também acontece na opção “ambos” onde as mulheres representaram 42% das respostas e os homens 31%. A medida em que diminui o nível de escolaridade aumenta a associação de poder aos homens, sendo assim as maiores representatividades de força voltada para o sexo masculino vêm de pessoas com o ensino fundamental; e também do público mais jovem (faixa 1), o que permite inferir que os jovens possuem uma visão mais conservadora sobre força.

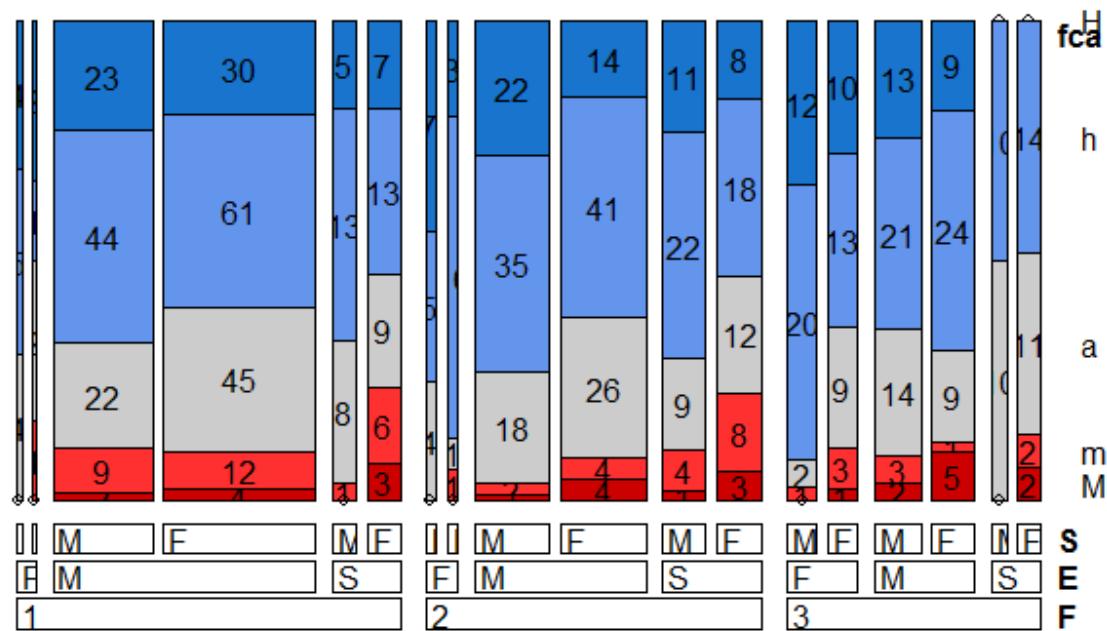


Figura 13. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço força aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

Ao observar a Figura 14 sobre *poder*, é possível constatar que a opção “ambos” foi indicada na maioria das respostas totalizando 48,2%. As mulheres tanto com ensino médio quanto com ensino superior, das faixas 1 e 2, apresentaram uma frequência maior (22%) de atribuição de poder ao sexo feminino quando comparadas aos homens dessas mesmas faixas (11%). O grupo formado por pessoas com 30 a 39 anos foi o mais igualitário, uma vez que as respostas foram iguais em quase todas as classificações. As mulheres da faixa 1 tendem a seguir mais o padrão de atribuição de poder ao sexo masculino, suas respostas foram 5% maiores do que as respostas dos próprios homens.

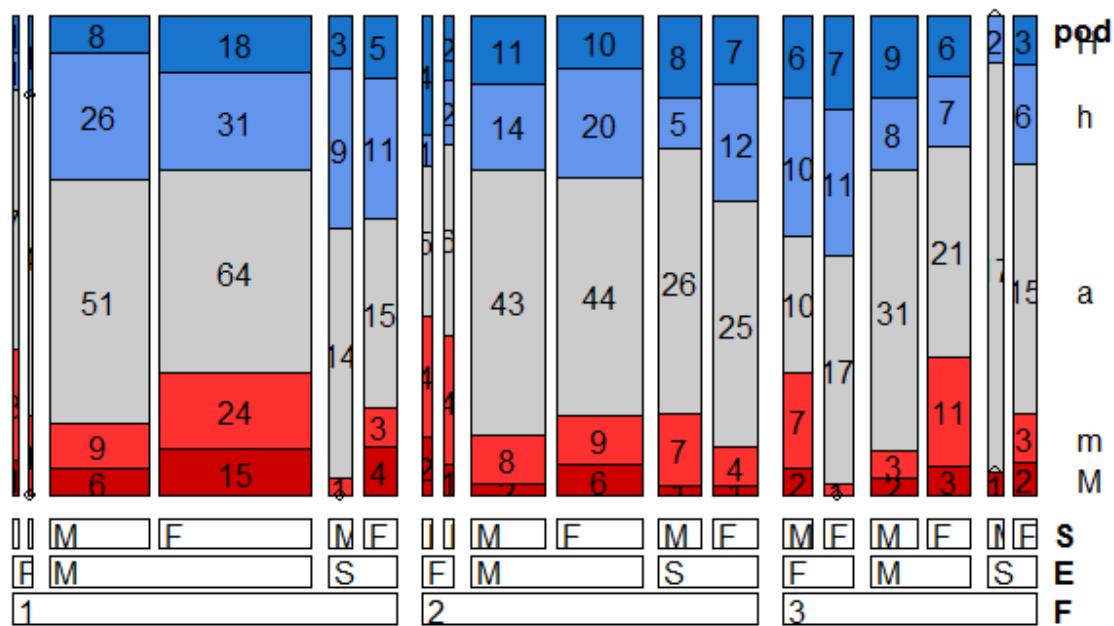


Figura 14. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço poder aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

Na Figura 15 sobre *submissão*, a maioria das respostas foram relacionadas às mulheres 57,6%. Dentre essas respostas 64% vêm do grupo feminino relacionando submissão ao seu próprio sexo; nas respostas masculinas esse número cai e surge uma tendência de respostas voltadas para “ambos” 45%; na faixa 40-49 isso se atenua para as escolaridades inferiores, quanto maior a escolaridade menos isso acontece. De acordo com isso, as mulheres dizem mais do que os homens que submissão é um traço feminino.

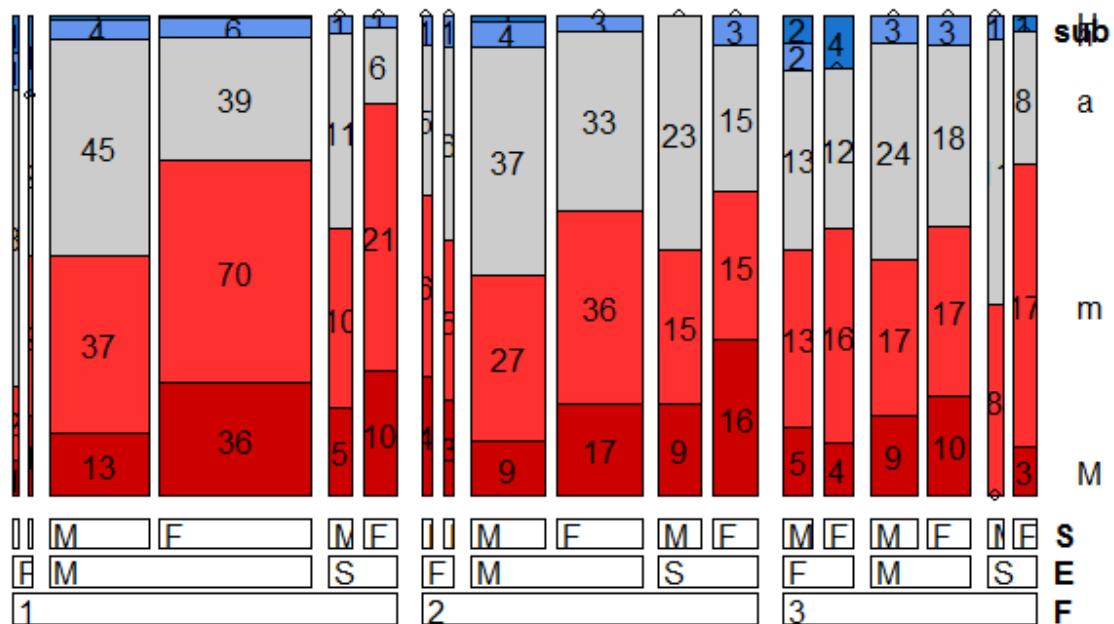


Figura 15. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do submissão aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

O traço *beleza* exposto na Figura 16, evidencia uma amostra equiparada entre as respostas dos homens e das mulheres, ambos concordam que é um traço mais feminino (60%). Apenas 0,7% da amostra disseram ser um traço mais masculino.

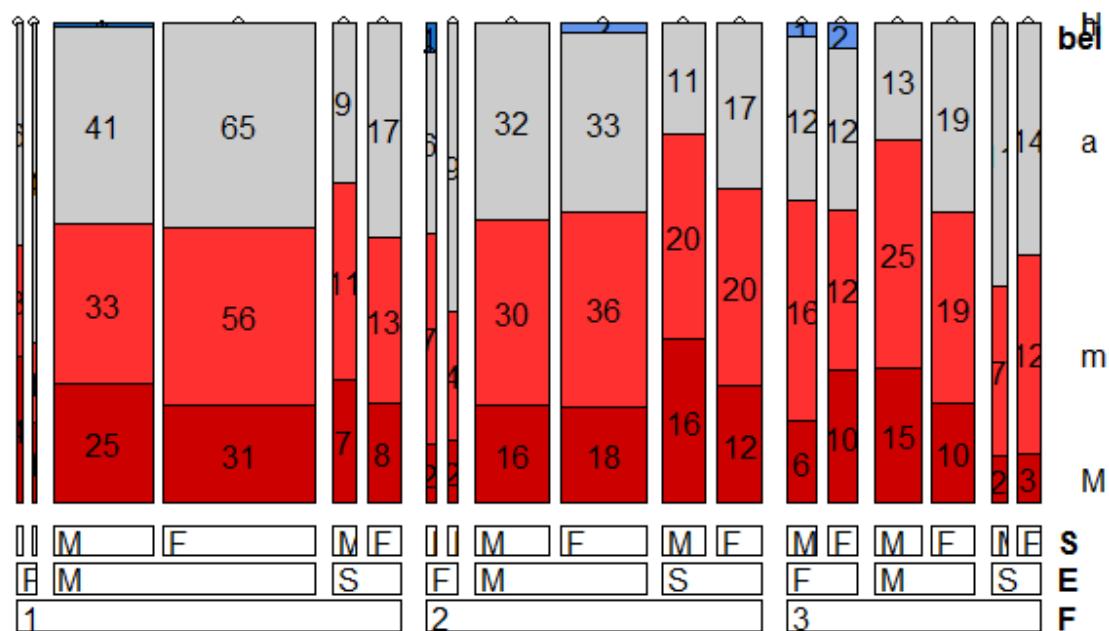


Figura 16. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço beleza aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

A Figura 17 demonstra que *agressividade* foi na maioria das vezes classificada como um traço masculino; em todas as faixas as mulheres, principalmente com o ensino médio, disseram mais do que os homens, que o traço estaria mais associado ao sexo masculino.

A faixa 1 foi a que apresentou maior diferença nas respostas de H e h, sendo que o número de respostas das mulheres chegou a 43%; já nas respostas masculinas essa porcentagem caiu para 30%. Homens com idade entre 30 a 39 anos optaram mais pela resposta “ambos” do que as mulheres da mesma faixa etária. A faixa etária 3 apresentou maior simetria de respostas entre homens e mulheres, variando em apenas 2% de diferenças. De acordo com os níveis escolares, o nível superior foi o mais equiparado entre os sexos, ou seja: apresentou um efeito de sexo contrário comparado ao resto da amostra.

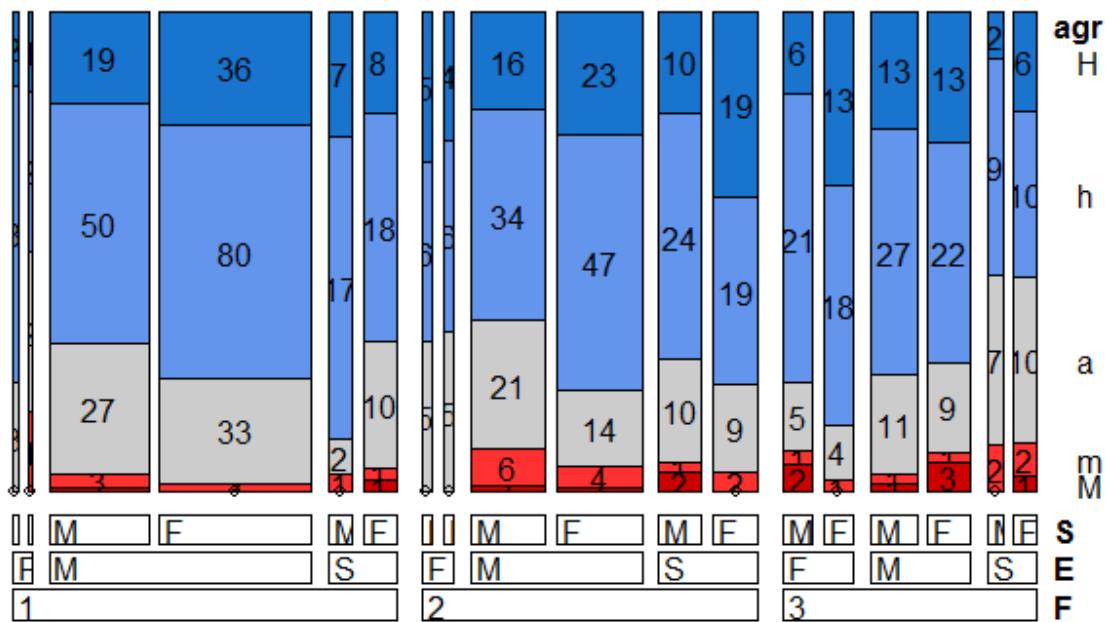


Figura 17. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço agressividade aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

Competição mostrada na Figura 18, teve como respostas predominantes o sexo masculino; mulheres com idades entre 20 e 29 anos foram as que mais associaram o traço ao sexo oposto 24%, homens da faixa etária 2 a maioria do ensino médio e superior tenderam a responder mais “ambos” (21%) do que as mulheres da mesma faixa; isso também foi encontrado nas respostas da faixa 3. Com base nisso, homens tendem a responder mais ambos do que as mulheres, enquanto elas seguem a lógica da atribuição de competição ao sexo masculino.

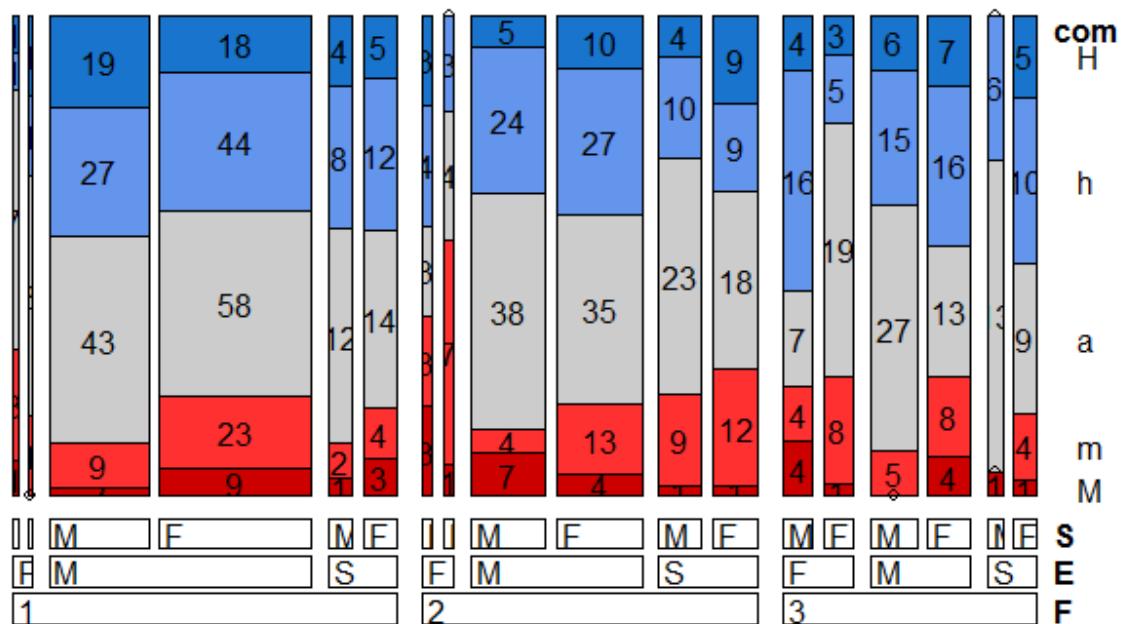


Figura 18. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço competição aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

A observação da Figura 19 permite concluir que *cooperação* foi descrita como um traço de ambos os sexos, 52,9%. Em outra perspectiva, as mulheres tendem a dizer mais do que os homens, que cooperação está relacionado ao sexo feminino; a maior dessas diferenças é representada no gráfico pela comparação de respostas de homens e mulheres da faixa etária 1, onde as mulheres afirmaram mais do que os homens que cooperação está mais relacionado às mulheres. O maior número de respostas atípicas (respostas em H e h) vieram de homens com idades entre 30 a 39.

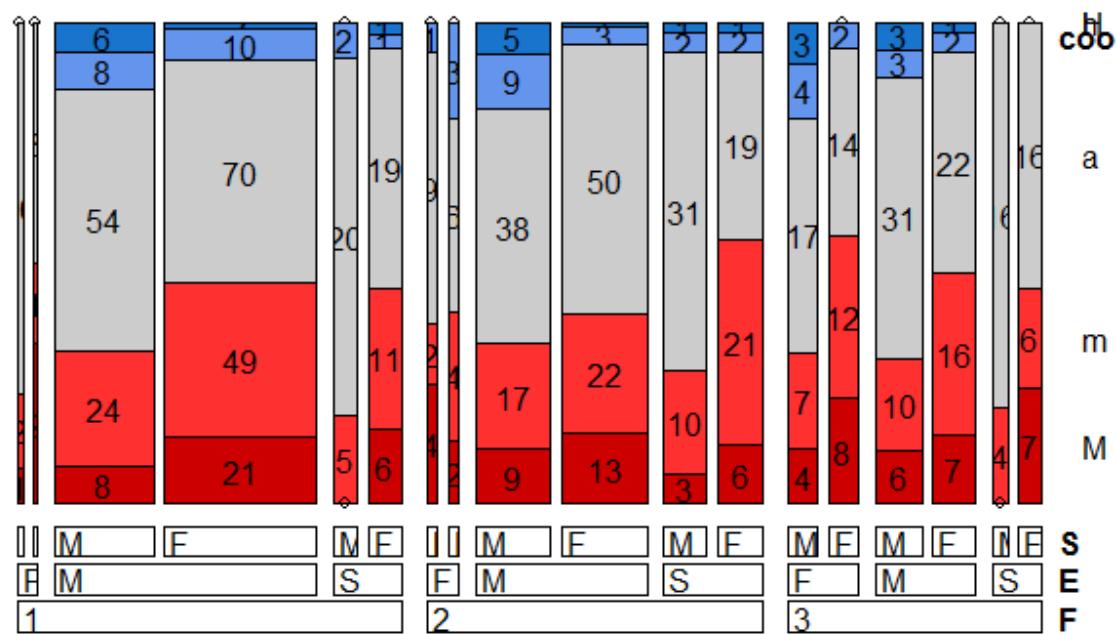


Figura 19. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço cooperação aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

Foram associadas às mulheres a maioria das respostas encontradas na Figura 20, *obediência*; as mulheres da amostra tenderam a dizer mais do que os homens que obediência está relacionado às mulheres, principalmente na faixa etária 3 com ensino médio e superior. Algumas respostas fora do padrão foram encontradas principalmente na faixa etária 3, onde os respondentes associaram o traço mais ao sexo masculino do que nas outras combinações.

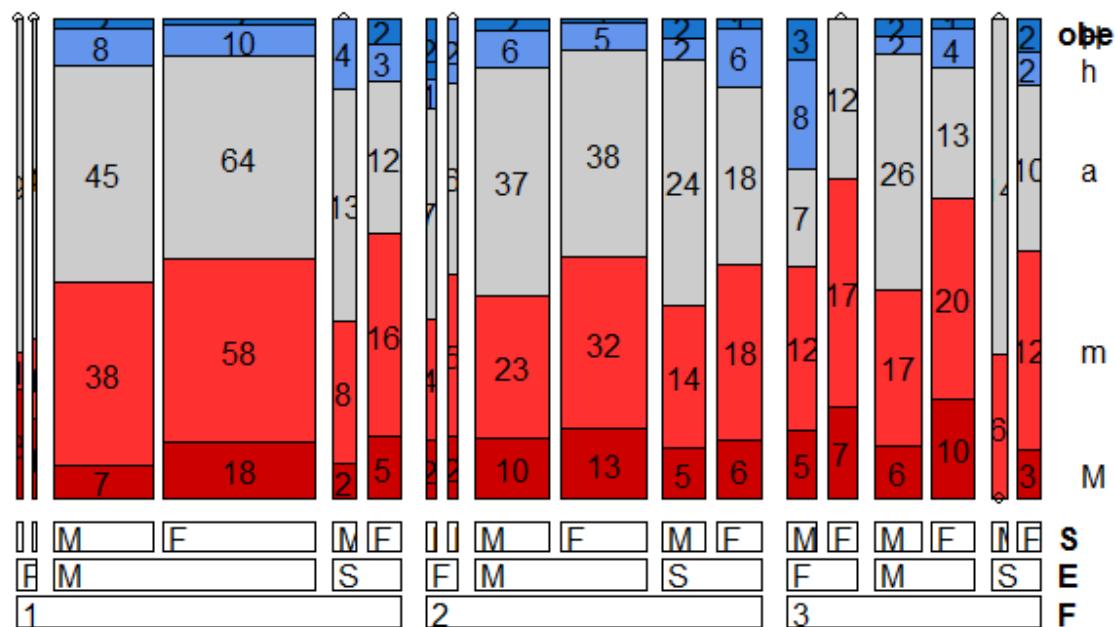


Figura 20. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço obediência aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

A Figura 21 apresenta o número de respostas atribuídas ao traço *razão*, a maioria da amostra optou pela opção “ambos”; seguido por uma tendência de respostas em m e M. A maior quantidade de respostas “a” vieram das mulheres, principalmente com idades entre 30 a 39 anos, com ensino fundamental e médio.

Ao comparar as respostas dos diferentes sexos percebe-se que homens com idades entre 30 a 49 (F2 e F3), afirmaram mais do que as mulheres, que razão é um traço masculino. Diferente disso os homens da faixa etária 1 associaram o traço mais às mulheres (13%) do que ao seu próprio sexo (9%).

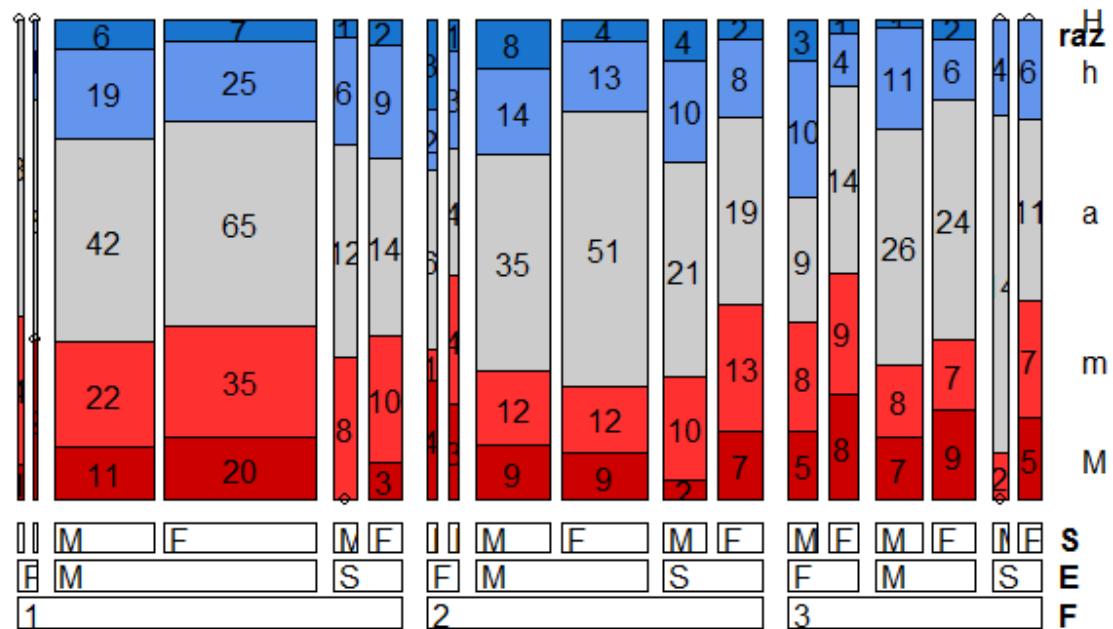


Figura 21. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço razão aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

No último double-decker, egoísmo Figura 22, é possível notar que as respostas foram bem simétricas, a maioria das respostas (52%) foram relacionadas aos homens. Além de pouca representação das respostas relacionadas ao sexo feminino é interessante observar que o número de respostas em M é quase inexistente, principalmente no ensino fundamental onde somente 1 mulher escolheu essa opção. Observando a faixa etária 1 há proporcionalmente menos atribuições aos homens, na faixa 2 é intermediário variando de acordo com a escolaridade (no superior o percentual fica menor) e na faixa 3 o percentual dos homens aumenta. O grupo mais representativo foi composto por mulheres com idade entre 30 a 39 anos, 29% que relacionaram o traço ao sexo masculino; as pessoas mais jovens (F1) apresentaram uma tendência maior de escolha em “ambos”.

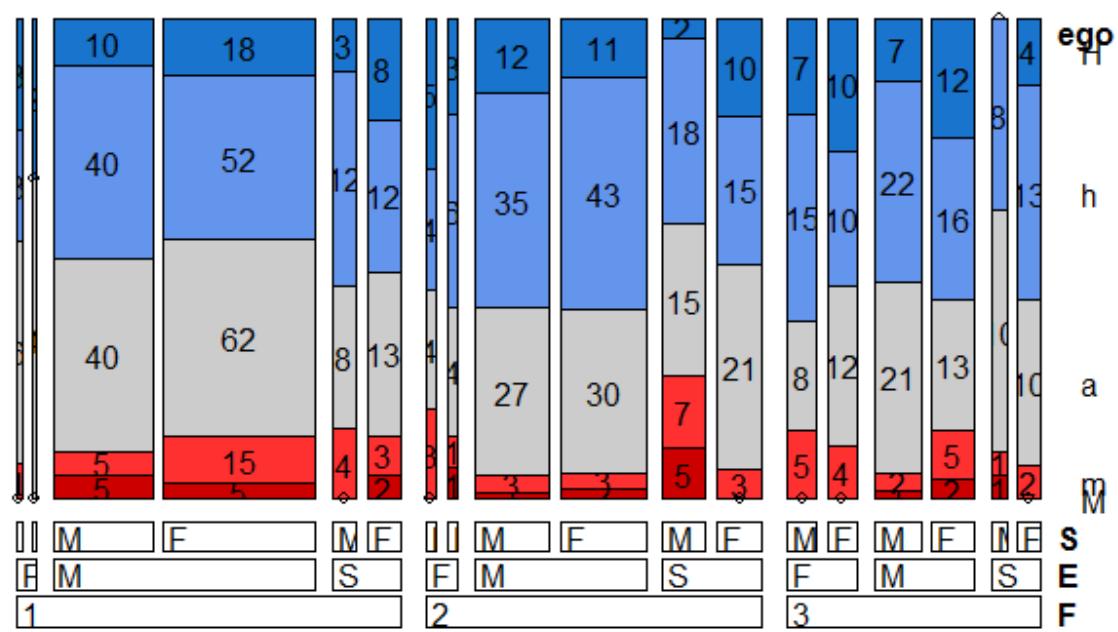


Figura 22. Gráfico double-decker com frequência de respostas de atribuição do traço egoísmo aos gêneros, por sexo, escolaridade e faixa etária dos participantes.

## Discussão

### Associação entre os traços e variáveis sociais

A partir da observação das variáveis foram encontradas algumas diferenças. A maior delas foi representada pela variável sexo, enquanto que faixa etária e escolaridade apresentaram diferenças mais sutis. Essa diferenciação indica um efeito de sexo, que por sua vez significa que as mulheres tenderam a associar alguns traços mais a si próprias, enquanto os homens associaram mais aos homens. Nessa classificação os principais traços foram: trabalho, tolerância, poder, submissão, cooperação e razão.

O traço agressividade apresentou um efeito de sexo contrário, ou seja, as mulheres disseram mais do que os homens que seria um traço masculino. Apesar dos homens também afirmarem ser um traço masculino, o efeito de sexo contrário reforça a resistência masculina em assumir traços negativos, isso está em concordância com a lógica da atribuição de traços mais positivos aos homens, descrita por Marková (2006). Ressaltando a antinomia homem positivo × mulher negativo.

Na maior parte das respostas a faixa etária 1 foi a mais igualitária, tendo apresentado o maior índice de respostas em “ambos” ou atribuição masculino/feminino mais simétrica. Somente em dois traços os mais jovens apresentaram respostas mais conservadoras: força e competição seguiram a tendência de atribuição aos homens. Além disso, é possível perceber que os traços considerados mais masculinos seguem uma lógica mais impositiva, o que leva a retomar a lógica da reafirmação da masculinidade, principalmente vinda dos homens (Bourdieu, 1998; Amâncio, 1992).

Nos traços mais expressivos, é possível perceber que as mulheres dizem, mais do que os homens, que os traços são femininos, principalmente: responsabilidade, delicadeza e emoção. Esse tipo de posicionamento fica mais forte quando os traços podem ser associados à

passividade como: cooperação, obediência e submissão. Ao que parece os homens são mais relutantes em assumir que esses traços são mais associados às mulheres, possivelmente por pensar nas implicações de cada um deles.

Ao comparar as Figuras 6 e 7 com os dados da Tabela 2, é possível afirmar que beleza se apresenta de forma mais sutil do que submissão. Beleza possui quase associação exclusiva ao sexo feminino, enquanto submissão teve um número bem maior de respostas contraditórias comparadas ao resto da amostra. Isso leva a questionar se existe uma resistência em definir as mulheres como submissas, assim como se cobra tão inquestionavelmente que sejam belas – de acordo com a lógica apresentada acima – ou se houve falta de entendimento do termo submissão, tendo em mente que o fluxo da maioria das respostas foi diferente.

As respostas mais tradicionais ou conservadoras vieram do público mais velho, faixa 3. Isso se intensifica ao analisar traços voltados para a orientação e conclusão de tarefas como poder, egoísmo, trabalho e razão. Nas respostas masculinas, quanto maior a escolaridade mais isso acontece, o que pode ser explicado pela relação desses traços com ações voltadas para mercado de trabalho ou sustento familiar, atividades consideradas tradicionalmente masculinas.

### **Traços diferentes para homens e mulheres**

Com base nos dados apresentados é possível dizer que, tanto na distribuição de frequências quanto na análise de correspondências múltiplas, os resultados demonstraram um padrão de atribuição de traços femininos mais passivos e expressivos, enquanto os masculinos foram mais ativos e instrumentais. Ao analisar as tendências de respostas, até mesmo nos traços que foram mais associados a “ambos” essa lógica prevalece.

A maioria das respostas associadas ao sexo feminino podem estar relacionadas à ideia que mulheres são mais capazes do que os homens de doar-se ao outro, reforçando a crença de predisposição natural à maternidade. É possível inferir que os traços cuidado, delicadeza, ternura, tolerância, sensibilidade e emoção foram classificados como femininos de acordo com

essa predisposição e papéis sociais como mãe, cuidadora do lar e da família; além desses, os traços cooperação, responsabilidade e razão apresentam o mesmo raciocínio de acordo com as tendências de respostas voltadas bem mais às mulheres do que aos homens.

Os últimos três traços associados ao sexo feminino, submissão, obediência e beleza, podem ser descritos como ramificações dentro dessa lógica. Submissão e obediência são traços que remetem a falta de liberdade, dependência em relação a determinada autoridade e subordinação ao outro. Isso pode ser relacionado com as obrigações e limitações do lar, filhos, figura do marido ou até mesmo cobranças sociais para que se cumpram esses papéis de gênero superestimados: mãe/esposa.

Os traços associados aos homens, competição, egoísmo, força e agressividade, reforçam a crença de que o sexo masculino está mais voltado para o atingimento de objetivos e metas, garantindo a ascensão pessoal e o sustento familiar; isso prediz que os homens tendem a desempenhar papéis com características mais livres e independentes. Dessa forma, é permitido que os homens expressem mais do que as mulheres traços considerados mal vistos, como egoísmo ou agressividade, em função dos objetivos que almejam alcançar, como por exemplo uma vaga de emprego ou uma posição gerencial. De acordo com Seidler (1991), a definição de masculinidade está relacionada a traços mais racionais; a autonomia e competência permitem que homens exerçam a competição em ambientes públicos, para isso deixam de lado os traços mais emocionais e afetivos.

Bem como na atribuição de traços femininos, os masculinos também seguiram a lógica biologicista e de divisão sexual. As respostas relacionadas aos homens refletem liderança, combate e conquista. O traço força pode ser citado dentro dessa lógica, utilizando argumentos baseados na anatomia e na ideia de que os homens possuem o físico mais forte do que as mulheres e por isso estariam mais preparados para executar determinados papéis como líder e protetor da família.

De acordo com Beauvoir (1970) a força masculina é inegável, a mulher é mais fraca devido à menor capacidade muscular e outros atributos físicos, o que dificulta a competição com os homens. Entretanto, a definição biológica por si só não representaria incapacidades ou limitações, isso só ocorre a partir do momento em que a perspectiva humana assume significações com argumentos abstratos. Se o objetivo fosse debater sobre o que é o fato ou mito, diversos apontamentos poderiam ser feitos, como o de que o corpo feminino possui um sistema imunológico melhor do que dos homens ou que a expectativa de vida das mulheres também é maior. Entretanto, a interpretação comum de força leva a crer que os homens são mais fortes e devem proteger as mulheres.

Para Fisher (1994), uma explicação para maior atribuição de força ao sexo masculino seria o surgimento da agricultura e do arado. Como eram consideradas atividades pesadas que exigiam força física, os homens sobressaíram mais do que as mulheres, o que deu início a um desnívelamento de poder, subordinação feminina e modelo sexual, pois essas atividades representavam interesses financeiros que foram reforçados para além da dinâmica familiar.

Novamente, as separações das atividades não significariam coisa alguma se não existissem as ressignificações sociais. Vale ressaltar que as divisões fazem com que uma pessoa execute mais uma atividade do que outra, o que reflete em preparo e qualificações diferentes, mas não sustenta a ideia de incapacidade de acordo com o sexo.

Ainda entendida como capacidade física, força pode ser voltada negativamente contra a mulher e expressa na forma de violência, assim como a agressividade. Isso deve ser levado em consideração, visto que força e agressividade apresentaram uma forte correlação na análise de correspondências múltiplas, assim como força e submissão e força e poder. Em outras palavras, houve um número importante de pessoas que associaram concomitantemente poder/força e força/agressividade aos homens; submissão às mulheres e força aos homens. Isso pode

(eventualmente) reafirmar a existência de algumas características do modelo sexual citado por Fisher (1994) que refletem no desnívelamento de poder e subordinação das mulheres.

As correspondências dos traços femininos também apresentaram um valor explicativo alto: a combinação de obediência/submissão, obediência/tolerância e submissão/beleza fortalecem a ideia de passividade feminina. Outros dados interessantes foram obtidos pela correlação de tolerância/agressividade e tolerância/poder. Aparentemente as mulheres expressam traços mais complacentes e papéis mais flexíveis, isso reflete na maior liberdade masculina. Esses dados estão em concordância com os estudos de Amâncio (1992), Formiga (2006) e Barros, Natividade e Hutz (2013).

A agressividade e competição, traços que foram associados mais aos homens, quando analisados de forma rudimentar para os animais em geral, podem ser classificadas como características básicas dos machos, que afloram principalmente no cio. Nesse período a competição se torna mais forte, o motivo da disputa entre os machos não é para conquistar sua fêmea, pois o número tende a ser proporcional, a competição surge para reivindicar a procriação da espécie (Beauvoir, 1970). De acordo com essa lógica, o sexo masculino apresenta traços que tentam reafirmar a masculinidade. Isso pode ser exemplificado pelas ações antifeministas descritas por Marques (2017), onde os homens tomaram atitudes consideradas agressivas por medo de serem substituídos por mulheres em ambientes tipicamente masculinos. De acordo com Beauvoir (1970), o medo da substituição representa a perda da virilidade.

Mais uma vez, o que está em foco não é a classificação com base na separação biológica e sim a atribuição de significados. De acordo com Pleck (1995), a importância sobre o conceito de masculinidade não é amparada pela biologia, mas sim no processo pelo qual os homens se tornam homens culturalmente. O autor descreve que a identidade masculina se desenvolve a partir da interação com o meio externo. Esse ambiente tende a tornar os homens mais competitivos do que as mulheres, pois eles devem atestar sua masculinidade através de traços

e comportamentos, diferentemente das mulheres que tendem a ser associadas a uma feminilidade natural, devido ao seu corpo e predisposição à gravidez. Assim, a representação de masculinidade não é plenamente estabelecida, mas sim construída. Isso também explica porque as mulheres são mais cobradas a desempenhar papéis tradicionais.

Um bom exemplo de como os traços podem ser inseridos no ambiente social e assumir papéis de gênero através dessa ressignificação simbólica pode ser encontrado nas estatísticas gerais de acidentes de trânsito. Existem algumas diferenças no comportamento de motoristas de acordo com o gênero. As mulheres tendem a ser mais prudentes e cautelosas, enquanto os homens tendem a ser mais hostis e imprudentes. Em São Paulo, a cada 5 acidentes 4 envolvem homens, somente 1 envolvem mulheres. Os homens tendem a desrespeitar mais as leis, executar ações mais arriscadas como ultrapassagens de risco, fumar ou utilizar celular (Apólice, 2018).

De acordo com o DETRAN, essa estatística se repete na maioria dos estados brasileiros. A explicação dada é a de que mulheres tendem a ser mais cuidadosas, educadas e ponderadas. Além disso, são mais contidas e não se irritam tanto quanto os homens, quando ocorrem conflitos no trânsito (Correio Brasiliense, 2012). Esses argumentos são adotados até pelos contratos de seguro de carros, onde o preço varia de acordo com o gênero.

Dito isso, fica mais claro como os traços determinam os papéis gênero, à medida que a população acredita que homens são mais agressivos eles tenderão a executar ações que comprovem esse traço da forma mais natural possível. O mesmo acontece com os outros traços masculinos e femininos.

### **Capacidade de explicação dos traços**

Ao falar sobre a generalidade dos traços é possível dizer que a definição de gênero apresenta subdivisões explicativas, isso quer dizer que alguns traços são considerados mais básicos do que outros para explicar as relações de gênero. A capacidade de explicação é definida pelo esforço interpretativo que entende que alguns traços dão origem a outros, estabelecendo

condições de subordinação ou possibilidade, conforme as concepções culturais de cada traço e suas relações com comportamentos.

Com base nisso, os traços podem ser reagrupados de acordo com sua capacidade de explicação: delicadeza, cuidado, beleza e submissão representam os traços mais fundamentais relacionados às mulheres, que propiciariam características gerais; enquanto ternura, tolerância, sensibilidade e emoção podem ser descritos como derivações desses traços, características secundárias que encontram suas condições de possibilidade ou causas nos traços primários. Do mesmo modo, poder, força e agressividade representam os traços mais fundamentais masculinos, suas derivações são competição e egoísmo. Avaliando essa subdivisão é possível perceber que os traços mais fundamentais possuem sentidos muito parecidos com os traços que deles derivam e revelam a mesma lógica de papéis de gênero; os traços derivados são apenas mais restritos, referindo-se a contextos mais específicos.

Os traços relacionados a ambos os gêneros, com tendências de respostas mais igualitárias, podem ser reagrupados tanto no grupo de traços femininos quanto nos masculinos. O que muda são os significados de quando são relacionados com uma determinada categoria. De maneira mais clara e exemplificativa: *trabalho* pode ser associado ao traço fundamental feminino *cuidado* e pode ser associado ao traço fundamental *força*, masculino. Em cada situação o significado do traço pode mudar completamente, quando associado ao cuidado implica desempenhar ações que ajudem outras pessoas, como zelo ou apoio; quando associado a força tem a ver com capacidades corpóreas ou mentais de desempenhar alguma tarefa ou serviço. Logo, a própria classificação dos traços determinam os papéis de gênero.

É necessário dizer que nem sempre os traços estarão descritos de forma tão clara, manifestação verbal ou escrita. A capacidade explicativa serve apenas para demonstrar como um pensamento é explicado por outro, assim como na definição das antinomias. Além disso,

muitos traços tendem a apresentar uma falsa igualdade entre os gêneros, são nesses casos que as variáveis sociais entram como esclarecedoras.

Isso pode ser observado em algumas respostas. O traço poder por exemplo, teve a maioria das respostas em ambos, mas ao comparar as respostas focadas nos gêneros é possível afirmar que a associação aos homens foi bem maior. As poucas respostas voltadas para as mulheres revelam a existência de uma disputa entre os sexos, pois as mulheres (principalmente com nível escolar mais alto) atribuíram poder mais ao sexo feminino do que os homens o fizeram.

A lógica por trás da classificação dos traços e suas conexões pode ser explicada pelos conceitos básicos sobre as relações de gênero; a crença inicial de que mulheres possuíam uma essência universal que incluía ser mais afetuosa, sentimental, possuir atributos físicos e cumprir papéis familiares. Para os homens não são exigidos padrões físicos, suas atividades são voltadas para o meio externo, porém não são cobradas funções específicas, os papéis são ilimitados, definidos pela multiplicidade e necessidades da vida adulta (Amâncio 1992; Rohden 2001).

### **Novas exigências, traços antigos**

Mesmo que a explicação de Fisher (1994) sobre a agricultura seja antiga, ainda é válida quando pensada no plano econômico. A globalização fez surgir novas configurações que desestabilizaram o modelo patriarcal doméstico. Isso deu lugar a um novo patriarcado, apoiado pela ordem econômica e consumista. O termo patriarcado, dentro dessa lógica, é empregado de acordo com os processos políticos decorrentes da globalização que passaram a regular a vida social: linguagem, comunicação, símbolos e papéis (representados na maioria das vezes por líderes masculinos) (Connel 2015; Olavarría 2008).

De acordo com essa lógica econômica, podem ser citados dois traços principais: trabalho e beleza. As respostas sobre trabalho foram predominantemente associadas a ambos, seguido

pelo sexo masculino. Entretanto, vale ressaltar que dentro dessas respostas podem existir diferentes interpretações e trabalhos desiguais. De acordo com Olavarría (2008), as contratações para cargos gerenciais em corporações são representadas principalmente por homens, com idade produtiva de 30 a 40 anos. Já para as mulheres, ter um emprego é visto como uma forma necessária de ganhar dinheiro, empoderamento ou como suporte financeiro de seus parceiros. O autor presume que esse padrão pode ser encontrado em toda a América Latina.

O novo modelo global exige que homens e mulheres adotem determinados padrões em função do ganho econômico. As mulheres que desejam seguir no mercado de trabalho, devem diminuir a quantidade de filhos, adiar o processo ou até mesmo abrir mão da função materna; para os homens a vantagem é ser solteiro ou ter um relacionamento sem filhos. De acordo com o mercado de trabalho, ter filhos afeta mais as mulheres do que os homens, pois a maioria dos homens que têm filhos não convivem com eles. Assim, todas as obrigações passam a ser maternas. Além disso, o processo de gravidez e criação, desfavorece bem mais as mães do que os pais (mesmo quando vivem juntos), podendo ser citado como um motivo de evasão profissional (Olavarría 2008).

Alguns traços encontrados nos resultados, apresentaram simetria entre os gêneros como: *responsabilidade* (homens 9,8%; mulheres 26,4%) e *trabalho* (homens 19,7%; mulheres 11,4%). Apesar disso, a expressão desses traços respeita a lógica dos estereótipos que associam em maior quantidade responsabilidade às mulheres e trabalho aos homens. Essas atribuições evidenciam os papéis de homens como chefes de famílias e provedores de renda. Já as mulheres, são classificadas como modernas e multifacetadas, pois apesar de trabalharem fora, ainda cuidam da casa e dos filhos. Isso pode ser uma explicação para a maior atribuição de responsabilidade às mulheres encontradas nessa amostra.

Hirata e Kergoat (2007) afirmam que a divisão social do trabalho possui princípios que organizam de forma separada trabalhos masculinos e femininos. Essa separação é classificada hierarquicamente, de modo que o trabalho masculino vale mais do que o feminino, conforme a ideologia naturalista.

As profissões destinadas às mulheres são relacionadas ao contato público e relações interpessoais, o que está de acordo com os traços associados às mulheres nessa pesquisa. As profissões femininas exigem das mulheres comportamentos como alegria, bom humor e disposição para resolver problemas. Ressalta-se que as mulheres que não cumprem esses requisitos são vistas com estranheza (Formiga, 2006). De acordo com seu estudo, Alvez (2015) levanta uma hipótese de que o trabalho feminino está relacionado com atividades tradicionais: empregadas domésticas, cuidadoras, profissionais da beleza, secretárias, enfermeiras, professoras, costureiras, balconistas, pediatras entre outras.

Diante disso, é possível inferir que a atribuição de 69% do traço trabalho a ambos pode representar uma lógica assimétrica em suas peculiaridades. Homens e mulheres têm espaço no mercado, mas ocupam posições diferentes e enfrentam dificuldades desiguais, ou seja, entendem “trabalho” de formas diferentes.

Essa questão também pode ser analisada através de algumas correlações. De acordo com a Tabela 2, *trabalho* para ambos quando correlacionado com *força* para mulheres não demonstrou valores consideráveis, diferente disso, *trabalho* para ambos correlacionado com *força* para os homens, teve associação notável. Portanto, é possível dizer que a atribuição de força ao sexo feminino não é bem justificada pela participação no mercado trabalho. Em contrapartida, força associada ao masculino pode representar conquistas no trabalho. De acordo com Krech, Crutchfield e Ballachey (1973) a palavra trabalho pode ser entendida de diferentes formas, com significados que variam de acordo com a pessoa. Com base no modelo cultural,

homens e mulheres podem apresentar perspectivas diferentes mesmo quando pensam que estão falando sobre a mesma coisa.

Já no segundo enfoque, Olavarría (2008) conta que beleza é um traço cobrado como uma forma de garantir o sucesso. No ramo do trabalho existem pressões sociais que exigem a manutenção de corpos belos e saudáveis; no mínimo a manutenção do peso e adequação de roupas. Comumente os homens são menos cobrados por esses aspectos, o metrossexualismo (preocupação masculina com a aparência) tende a ser associado com a perda da masculinidade. Ao mesmo tempo um visual de falso desleixo é valorizado, tendo se convertido até em tendência de moda.

As respostas sobre beleza indicam que as mulheres são consideravelmente mais associadas ao traço, isso reflete uma realidade onde as mulheres são mais cobradas pelos padrões de beleza como formas de conquistar seus objetivos. Essas cobranças estão fortemente relacionadas ao aumento do consumo dos últimos tempos e também ao aumento acelerado de distúrbios, uma vez que, no senso comum, a linguagem adotada pela mídia e cultura vendem ideias cruéis voltadas para o atingimento de padrões irreais de beleza.

De acordo com Lambert (1995) isso surgiu a partir de pressões sociais que prevalecem até os dias atuais. A sociedade exige a manutenção da beleza (principalmente das mulheres) para que consigam se casar, ter filhos, amor ou sucesso na carreira. Segundo Beauvoir (1970), a seguinte representação feminina é considerada atemporal:

A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépidas, aventurosas, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza. Compreende-se que a preocupação da aparência física possa tornar-se para a menina uma verdadeira obsessão; princesas ou pastoras, é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiura associa-se cruelmente à maldade (Beauvoir, 1970, p.34)

Nesse trecho é claro como o pensamento antinômico molda o conteúdo dos thêmata, atitudes e os traços que adotamos. Nele a beleza é associada à bondade enquanto a feiura à maldade. Nesse sentido todas as mulheres devem almejar a beleza.

Isso acontece pois as ideias que formulam esses padrões se manifestam de forma abstrata em costumes, crenças ou na própria cultura. Essas ideias têm o poder de distorcer conceitos reais e instalar verdades deturpadas. De acordo com Oliveira e Amâncio (2002) as representações sociais que determinam os papéis são construídas por um universo simbólico comum, onde a cultura é um fator determinante.

### **Considerações sobre os sistemas sociais**

Os resultados indicam que a maioria dos thêmata continuam estáveis, com capacidades de intervir e formular as representações sociais assim como as ideologias. Essas fontes primeiras permanecem como organizadoras de argumentos.

Os pensamentos e a linguagem, formulados a partir desses termos iniciais, estão em conformidade com os papéis de gênero e estereótipos. Indo mais a fundo, é possível supor que os sentidos expressos na amostra são gerados com base nas posições discursivas. O discurso é estruturado pelas formações discursivas com as quais as pessoas se identificam. Assim, homens e mulheres discursivizam de acordo com o que é esperado culturalmente, socialmente e ideologicamente (Maingueaneau, 1997). Esses posicionamentos permitem verificar as diferentes posições ocupadas pelos sujeitos, onde os thêmata indicam a origem e o funcionamento de toda a sociedade e as ideologias atribuem os sentidos que criam e sustentam as relações de dominação.

Por mais que tenham sido apresentadas novas disposições dos papéis de gênero, o modelo atual condiz com os padrões estipulados por uma sociedade antecessora. A atribuição de traços ou papéis relacionados aos gêneros podem ter evoluído com o passar do tempo, porém

a simbologia por trás dessas estruturas não foram superadas. Para Orlandi (1996) os fatos construídos historicamente são naturalizados pelas ideologias.

Com base nos resultados, a maioria dos traços continuam sendo reproduzidos de forma mais resistente, os mais restritivos femininos foram: beleza, sensibilidade, delicadeza, emoção, e ternura. Já os masculinos foram egoísmo, agressividade e força, ao analisar a população mais jovem da amostra, (mesmo sendo o grupo mais igualitário) as respostas sobre esses traços tenderam reafirmar os padrões. Ou seja, até os mais jovens que trazem consigo novos modelos de pensamentos ainda reproduzem ideias primitivas, principalmente nos traços mais masculinos. De acordo com a literatura, isso pode ser entendido pela lógica dos papéis de gênero e também como uma resistência masculina em expressar traços que desvalorizem a masculinidade defendida pelo senso comum (Seidler 1991; Beauvoir 1970; Bourdieu 2002).

As respostas encontradas neste trabalho estão em acordo com estudo de Amâncio (1992), onde os traços positivos foram mais atribuídos aos homens e os negativos mais às mulheres, tal como no estudo de Rohden, (2001) no qual se conta como o discurso médico foi utilizado para desqualificar características femininas e enaltecer as masculinas. Mesmo quando a atribuição não está claramente direcionada a um gênero, é possível afirmar (de acordo com a lógica do pensamento antinômico) que a associação de um traço revela o seu oposto. A título de exemplo: dizer que os homens estão mais associados ao traço poder (valor positivo), estabelece a relação mulher sem poder (valor negativo).

Ao analisar essas respostas é possível perceber que independentemente dos argumentos utilizados para justificar a atribuição dos traços e dos papéis de gênero, o valor incógnito está nas formas simbólicas. Elas garantem que a significação e os sentidos sirvam ao sistema de dominação, assegurando a manutenção das relações desiguais. Portanto a ideologia (composta pelas formas simbólicas) trabalha por meio de elaborações de crenças e costumes (Thompson

2000). A ideologia age de forma tão furtiva que até os dominados reproduzem a dominação, como é o caso de algumas mulheres presentes nessa amostra.

A relevância dos sistemas sociais está justamente relacionada a dados como esses. Quando as ideias estão historicamente bem consolidadas o entendimento sobre as relações de gênero, o binômio homem/ mulher e as práticas sociais permanecerão estáveis por muito tempo. As mudanças ocorrerão somente através de questionamentos, produções científicas e mobilizações sociais.

### **Questionamentos e vicissitudes**

Algumas mudanças puderam ser observadas nos resultados; traços importantes vêm perdendo exclusividade como competição, razão, trabalho e poder. Isso revela novos posicionamentos femininos e maior igualdade de gênero. Um dos principais movimentos que vêm tentando mudar a valoração associada aos gêneros é o movimento feminista.

Mobilizações sociais como essa apresentam valores importantes para novas construções de pensamento e atribuição de papéis. Após a primeira onda do feminismo no século XIX, que conquistou direitos sociais, como o direito ao voto ou o acesso à educação; e a segunda onda, que almejava a obtenção de igualdade e abolição da opressão exercida pelos homens. A terceira onda é caracterizada pela alteração de reivindicações, o movimento deixou de lado o foco sobre as mulheres e passou a analisar as relações de gênero. Essa onda enfatiza ainda mais o ser subjetivo e suas particularidades. Com bases em teóricos como Foucault, a terceira onda valoriza a análise do discurso e seu poder de construção social (Narvaz & Koller, 2006).

Em decorrência dessas lutas as mulheres ganharam um espaço dentro da história. No início, especificamente nos Estados Unidos e Inglaterra, locais onde o movimento executou fortes reivindicações, a luta fez com que várias estudantes se mobilizassem em uma busca de materiais para discutir questões de seus interesses. Essa movimentação estudantil colocou sob

pressão os professores que foram praticamente obrigados a alterar o plano de ensino. O resultado disso foi o aumento de estudos sobre as mulheres e maior visibilidade para a história feminina de modo geral (Soihet & Pedro 2007).

A terceira onda marca uma fase do movimento fortemente orientada para a política. Preocupa-se com os papéis desempenhados por todas as camadas sociais e visa entender o sistema ideológico. A terceira onda é representada pela análise de classes, raças e etnias (Narvaz & Koller, 2006). Compreender o movimento feminista como um processo de construção de pensamento e linguagem, permite reformular teorias dedutivas como os thémata que influenciam nas representações sociais, estereótipos e ideologias.

Em relação a décadas anteriores, é possível perceber que algumas configurações têm sido alteradas. O aumento de discussões com temas de igualdade de gênero proporciona visibilidade e mudanças de comportamento em uma porcentagem da população.

Para Oliveira (1983), a mudança é contínua: os estudos sobre papéis de gênero têm corroborado para que os homens expressem mais comportamentos descritos como tipicamente femininos como a emoção e que as mulheres articulem mais sua capacidade de asserção e orientação para negócios, habilidades predominantemente descritas como masculinas. A estruturação da masculinidade também tem se beneficiado com novas configurações. Cabe lembrar que os homens também sofrem com a repressão social de traços que deveriam ser expressos tanto por homens quanto por mulheres.

Diante das informações expostas é possível dizer que o modelo de vítima e algozes não deve ser adotado, assim como a guerra entre os sexos deve deixar de ser descrita como uma realidade natural. A construção da masculinidade está diretamente ligada ao feminino, e vice-versa. Os movimentos femininos não foram os únicos motivos que estruturaram a masculinidade moderna; da mesma maneira, a heteronormatividade também causou insatisfações masculinas (Connel, 2015). E está em um processo constante de reformulação. De

acordo com isso, vale dizer que tudo que é construído pela sociedade pode ser mudado por ela mesma.

### **Considerações finais**

No decorrer deste trabalho foi ressaltada, diversas vezes, a importância de considerar todo o processo histórico da construção dos papéis de gênero. Obviamente, homens e mulheres não ocupam mais posições primitivas, mas esse modelo sustenta os estereótipos que são encontrados até hoje.

As pesquisas sobre feminino e masculino sofrem com alguns vieses, de acordo com Pleck (1995) muitos pesquisadores adotam reflexões consideradas limitadas como: a definição biológica ou somente a definição de gênero social. Para o autor, os papéis de gênero são construções psicológicas e sociais. Para Oliveira e Amâncio (2002) as significações que damos a conceitos, características pessoais ou traços é o que determina os papéis sociais. Assim, todas as representações contam com signos e significados sob formas verbais e não verbais.

É preciso entender que as escalas utilizadas em estudos sobre masculino e feminino associados ao conceito de ideologia, não conseguem medir as internalizações do sistema de crenças feitas pelos indivíduos, só é possível medir as significações feitas em níveis individuais e grupais. Nesse sentido, no presente estudo existem algumas limitações a serem apontadas. A falta de entendimento de algum termo ou significado de algum traço; o fato de todas as aplicadoras serem mulheres; a polissemia das palavras: mesmo que o conceito de papéis tenha um sentido geral, sustentado pela atribuição dos traços, cada pessoa pode atribuir um significado diferente para sustentar sua crença. Portanto, é possível medir somente as ideias gerais que são reproduzidas.

O contexto verbal também deve ser levado em consideração, uma vez que os traços foram apresentados fora de uma disposição sintagmática, ou seja fora de uma frase que enquadre o traço em uma situação prática. Nesse caso, foi necessário que o sujeito respondesse de acordo com seu contexto verbal interno: o indivíduo dá os significados. Mesmo que os traços possuam um sentido geral, cada indivíduo possui uma conotação distinta para sustentar o sentido, e isso não pode ser mensurado.

Por fim, todas as práticas sociais podem ser explicadas pela lógica dos thêmata, que se apresentaram de maneira consistente. É necessário reconhecer o poder que as instituições como: escola, igreja, família e estado possuem, em relação à manutenção das ideologias, e assimetrias. Como já foi dito, a desestabilização de modelos antiquados surge a partir de pensamentos críticos e ações efetuadas nas esferas políticas, culturais e sociais. Por outro lado, conservadores sempre surgirão com termos ideológicos para lutar contra os avanços. A construção de novas ideias nunca será um processo fácil, para Moscovici (1981) a mudança de ideias vem acompanhada de novos estilos de comportamentos que podem influenciar toda a sociedade.

Tendo isso em mente, estudos que pertentam modificar determinados ideais que perpetuam as assimetrias de gênero, devem focar na ressignificação da atribuição de significados. É necessário que se crie novas estruturas e parâmetros para o grupo dominado, isso pode ser feito reforçando que as mulheres trabalhem com traços considerados masculinos, como liderança, orientação para negócios e empoderamento. Dar um contexto verbal aos thêmata também deve ser uma forma de conscientizar pessoas que são contra inovações, entendendo que igualdade de gênero refere-se à oportunidades, inclusão e não discriminação. Assim, todos saem ganhando em um modelo de desenvolvimento que produz resultados tangíveis.

## Referências

- Alves, L.M.N. (2015). Masculino e feminino: uma construção social. *I Seminário Científico da FACIG. Sociedade, ciência e tecnologia*.
- Amâncio, L. (1992). As assimetrias nas representações de gênero. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (34), 9-22. Disponível em: <https://is.gd/Kunmda>. Acesso em 07/01/2019.
- \_\_\_\_\_. (1993). Gênero- representações e identidade. *Sociologia- Problemas e Práticas*, (14), 127-140.
- \_\_\_\_\_. (2003). O gênero no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, 687-714.
- Apólice. A revista do mercado de seguros. Mulheres são exemplo de comportamento seguro no trânsito. Disponível em: <https://www.revistaapolice.com.br/2018/03/mulheres-comportamento-transito/>. Acesso em 07/01/2019.
- Augoustinos, M., & Walker, I. (1995). *Social cognition*. Capítulo 11. The social psychological study of ideology (pp. 288-312). Londres: Sage.
- Barros, M.C., Natividade J.C., & Hutz, C.S. (2013). Construção e validação de uma medida de papéis de gênero. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 317-324.
- Batista, A.T., Freire, F.M., Ribeiro, K.C.S., Silva, J. & Saldanha, A.A.W. (2015). Evidências psicométricas do Bem Sex Role Inventory - BSRI no contexto nordestino. *Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito*, 3, 246-265. DOI: <https://doi.org/10.18351/2179-7137/ged.2015n3p246-265>
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro
- Bem, S. L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(2), 155-162.
- Blay, E. A. (1975). “Trabalho industrial x trabalho doméstico- A ideologia do trabalho feminino”. *Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas*: São Paulo, (15), 8-17.
- Bonetti A., Fontoura N., & Marins E. (2009). Sujeito de direitos? Cidadania feminina nos vinte anos da constituição cidadã. (Orgs.) *Políticas Sociais: acompanhamento e análise* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), (4), 199-257.
- Bourdieu, P. (1986). *The forms of capital. Handbook of theory and research for the sociology of education*. (Richard Nice, Trad.). (pp. 241-258). Westport: Greenwood.
- \_\_\_\_\_. (1998). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- \_\_\_\_\_. (2002). *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Bourdieu, P., & Eagleton, T. (1996). A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In Z. Zizek (Org.). *Um mapa da ideologia*, 265-278. Rio de Janeiro: Contraponto

- Brandini, V. (2007). Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: o corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe. *Contemporânea, revista de comunicação e cultura* 5, (1 e 2).
- Chauí, M. (1980). *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense
- Connell, R. (2015). Género e corporificação na sociedade mundial. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 3 (1), 281-287.
- Correio Brasiliense. Pesquisa do Detran comprova que mulheres estão menos presentes em acidentes. Disponível em: <https://bit.ly/2TPwHjZ>. Acesso em 07/01/2019.
- Coutinho, S.M.S., & Menandro, P.R.M. (2015). Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional. *Psicologia e Saber Social*, v.4, 52-71. DOI: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2015.13538>
- D'Amorim, M. A. (1997). Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. *Temas em Psicologia*, 5 (3), 121-134.
- Del Priore, M. (1994). *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Doise, W. (1984). *Social representations, inter-group experiments and levels of analysis*. R. Farr & S. Moscovici (Eds.) Social representations, 255-268. Cambridge: Cambridge University Press.
- Eagly, A.H., & Wood, W. (2011). Social role theory. In Paul, A.M. Van Lange, A. W.Kruglanski, A.W., E.T. Higgins, E.T. (Eds.) *Handbook of theories of social psychology*, 458-476. Sage. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781446201022>
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília
- Ferreira, M.C. (1995). Questionário estendido de atributos pessoais: Uma medida de traços femininos e masculinos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(2), 155-161.
- Ferreira, A.B.H. (2001). *O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Fisher, H.E. (1994). *Anatomía del amor Historia natural de la monogamia, el adulterio y el divorcio*. Barcelona: Anagrama.
- Formiga, N., & Camino, L. (2001) The dimension in the inventory of sexual roles of bem (BSRI): the masculinity and femininity on universitaries. *Estudos de Psicologia*, 18(2), 41-49.
- Formiga, N. S. (2004). As bases normativas do sexism ambivalente: A sutileza do preconceito frente as mulheres à luz dos valores humanos básicos. In: Marcus E. O. Lima e Marcos E. Perreira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: Editora UFBA. 259-276.
- \_\_\_\_\_ (2006). Diferença de gênero nos antecedentes das emoções de raiva, alegria e tristeza. *Revista científica eletrônica de psicologia*. 4(6), 1-16.

- Foucault, M. (2001). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (M. T. d. C. Albuquerque & G. Albuquerque, Trans.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2005). *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal
- Freire, S.A. (2014). *Análise de discurso. Procedimentos metodológicos*. Manaus: Instituto Census.
- Greenacre, M. J. (2007) *Correspondence Analysis in Practice*. 2 ed. Chapman & Hall/CRC. DOI: <https://doi.org/10.1201/9781420011234>
- Guareschi, P. A., Roso, A., & Amon, D. (2016). A atualidade das teorias críticas e a revitalização da categoria analítica ideologia na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 552-561. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p552>
- Guedes, M.E.F. (1995). Gênero, o que é isso? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 15(1-3), 4-11. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1414-98931995000100002>
- Hirata, H. & D, Kergoat (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132). DOI: <https://doi.org/10.1590/s0100-15742007000300005>
- Hofmann H. (2001) *Graphical tools for the exploration of multivariate categorical data*. Augsburg: Ziegeleistr.
- Jodelet, D. (2001) Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 17- 44.
- Kaur R. (2017) *Outros jeitos de usar a boca*. Planeta do Brasil.
- Kassambara, A., & Mundt, F. (2016). *factoextra: Extract and visualize the results of multivariate data analyses*. Recuperado de <https://CRAN.R-project.org/package=factoextra> Acesso em 5 setembro 2018.
- Krech, D., Ballachey, E.G., & Crutchfield, R.S. (1962). *Individual in society: a textbook of social psychology*. New York: McGraw-Hill Book Company.
- Lambert, E. Z. (1995). *A face do amor. A questão da beleza e libertação da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Laqueur, T. (1986). Orgasm, Generation, and the Politics of Reproductive Biology". In: C. Gallagher (ed.), *Making of the Modern Body*. Berkeley: University of California, 1-42. DOI: <https://doi.org/10.2307/2928434>
- Le Breton, D. (2006). *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes
- Lê, S., Josse, J., & Husson, F. (2008). FactoMineR: an R package for multivariate analysis. *Journal of Statistical Software*, 25(1), 1-18. DOI: [10.18637/jss.v025.i01](https://doi.org/10.18637/jss.v025.i01)
- Leal, T. (2016). “Elas são muito emotivas”: representações de gênero, emoções e trabalho no discurso jornalístico. *Fronteiras – estudos midiáticos*, 18(2). DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2016.182.06>

- Lima, L.C (2008). A Articulação Themata-Fundos Tópicos: por uma Análise Pragmática da Linguagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 243-246. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-37722008000200015>
- Lüdecke D (2018). *sjPlot: Data Visualization for Statistics in Social Science*. DOI: 10.5281/zenodo.1308157, R package version 2.6.2, <https://CRAN.Rproject.org/package=sjPlot>.
- Maingueaneau, D. (1997) *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes. Editora da UNICAMP. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.v1i1.176>
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes.
- Marques, A.M. (2011). Estudos da masculinidade e teoria feminista. *Géneros e Sexualidades: Interseções e Tangentes*. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS IUL)
- Melo Costa, I.I. (2016). *Processos de subjetivação do/no corpolinguagem no movimento da marcha das vadias: o Sintoma da ideologia*. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE: Brasil.
- Méndez, N. P. (2005). Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. *Mulher e Trabalho*, 5, 51-63.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_ (1981) *Psicología de las minorías activas*. Madrid: Morata.
- \_\_\_\_\_ (2003). *Representações sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S., & Vignaux, G. (2003). O conceito de themata. In S. Moscovici (Ed.), *Representações sociais: investigações em psicologia social* (215-250). Petrópolis: Vozes.
- Moya Morales, M. C., & Gómez B.C. (1991). *Psicología y género: um análisis de la profesión*. Manuscrito. Madrid, Instituto de la mujer.
- Musskopf, A. S. (2014). Coisas do Gênero. Desigualdade de gênero e as trajetórias latino americanas. *Reconhecimento, dignidade e esperança*, 19-29.
- Narvaz, M.G., & Koller, S.H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 647-654. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-73722006000300021>
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Neto, F.S.A., Costa, M.S. & Helal, D.H. (2016) Relações de trabalho e gênero: aspectos da desigualdade no mercado de trabalho brasileiro. *Cadernos de Estudos Sociais*, 31

- (1).Nogueira, C. M., (2010). As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. (Orgs), *Aurora*, Santa Catarina, IV(6), 59-62.
- Nye A. (1995) *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Olavarria, J. (2008) Globalización, género y masculinidades. Las corporaciones transnacionales y la producción de produtores. *Nueva Sociedad*, 218.
- Oliveira, L. S. O. (1983). *Masculinidade feminilidade androginia*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Oliveira, J. M. & Amâncio, L. (2002). Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (40), 45-61. Recuperado em 15 de janeiro de 2019, de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292002000300004&lng=pt&tlang=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292002000300004&lng=pt&tlang=pt).
- Oliveira, J.M. & Amâncio, L. (2017). Géneros e Sexualidades: intersecções e tangentes. Lisboa: *Centro de Investigação e de Intervenção Social* (CIS-IUL)
- Orlandi, E. (1996). Exterioridade e Ideologia. *Caderno de Estudos Lingüísticos* 30. 27-33. Campinas: IEL/UNICAMP.
- Paéz, D., & Vergara A. I. (1992) Conocimiento social de las emociones: evaluación de la relevancia teórica y empírica de los conceptos prototípicos de cólera, alegría, miedo y tristeza. *Aprendizaje Cognitiva*. 4 (1), 29-48.
- Pleck J. H. 1995 The gender role strain paradigm: an update. In: Levant, Ronald E. & Pollack, William S. (eds.). *A New Psychology of Men*. Dunmore: Basic Books, (23-49).
- R Core Team (2018). R: *A language and environment for statistical computing*. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em 13 de agosto de 2018.
- Rohden, F. (2001). *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz. DOI:<https://doi.org/10.7476/9788575413999>
- Rouquette, M.-L. (1996). Représentations et idéologie. In J.-C. Deschamps, J.-L. Beauvois (eds.), *Des attitudes aux attributions* (pp. 163-173), Grenoble: PUG.
- Santana, V.C. & Benevento, C.T. (2013). O conceito de gênero e suas representações sociais. *Revista Digital Buenos Aires*, 176 (17). Recuperado em 9 de fevereiro de 2018 de <http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>.
- Santos, T.C.B. (2010). Estereótipos femininos fomentados pelos meios de comunicação de massa. *Anais do X Encontro Estadual de história. O Brasil no Sul: Cruzando Fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria- RS*. Recuperado em 5 de junho de 2018 de <http://eeh2010.anpuh-rs.org.br>
- Scoot, J.W. (1986). *Gender: a useful category of historical analyses. The american Historical review*, 91(5), 1053-1075. DOI: <https://doi.org/10.2307/1864376>
- Seidler, V.J. (1991) *Recreating sexual politics: men, feminism and politics*. London: Routledge. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203857311>

- Soihet, R., & Pedro J.M. (2007). A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, 27(54), 281-300. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-01882007000200015>
- Spence, J.T., Helmreich, R.L. & Holahan, C.K. (1979). Negative and positive components of psychological masculinity and femininity and their relationships to self-reports of neurotic and acting out behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 1673-1682. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.37.10.1673>
- Thompson, J. B. (2000). Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9<sup>a</sup> ed. Capítulo 1. *O conceito de ideologia* (pp. 71-99). Petrópolis: Vozes.
- Wachelke, J. (2013). The symbolic structures of social life: integrative comments on the social thinking architecture. *Psicologia e Saber Social*, 2, 167-175. DOI: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2013.8791>
- Wickham, H. (2009). *ggplot2: Elegant graphics for data analysis*. Nova Iorque: Springer Verlag. DOI: 10.1007/978-0-387-98141-3
- Wolf, N. (1992). *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco.

## APÊNDICE 1

### Cartão de instruções

[EXPLICAR INFORMALMENTE A PESQUISA: CONVIDAR ALGUM ADULTO DA RESIDÊNCIA OU DO LOCAL A PARTICIPAR, SE HOUVER MAIS DE UM, CONVIDAR AO ACASO ALGUÉM]

Este questionário faz parte de uma pesquisa do Laboratório de Ideologia e Percepção Social, grupo de pesquisa vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. As perguntas abordam opiniões sobre o comportamento e as características de homens e mulheres em alguns contextos. A participação é completamente anônima. Não há nenhuma resposta certa ou errada. O que nos interessa é que você responda com sinceridade, que indique aquilo que você pensa mesmo. Na maior parte das questões, você deverá avaliar características ou atividades. Você deverá responder para cada uma delas o quanto você as atribui a homens ou mulheres, **escolhendo uma de cinco opções: Quase sempre do homem** - quando você achar que a característica ou atividade é sempre ou quase sempre típica dos homens; **Quase sempre da mulher** - quando você achar que é quase sempre típica das mulheres; **Mais do homem** - quando você achar que a característica ou atividade é mais frequentemente ligada aos homens que às mulheres, mas nem sempre; **Mais da mulher** - quando você achar que é mais frequentemente ligada às mulheres que aos homens, mas nem sempre; e **De ambos igualmente** - quando você achar que a característica ou atividade é típica de homens e mulheres igualmente, e não consegue associá-la nem um pouco mais a eles ou a elas. O aplicador repetirá essas opções sempre que for necessário. Em algumas questões, se você não conseguir formar uma opinião ou se decidir, assinale a opção “?”. Mas isso só deverá ser feito em último caso; tente associar as características ou atividades a homens e mulheres sempre que possível.

[APLICAR O QUESTIONÁRIO]

[EMAIL PARA CONTATO, SE O ENTREVISTADO SOLICITAR]

## APÊNDICE 2

### QUESTIONÁRIO – FOLHA DE RESPOSTAS

Na primeira parte, você ouvirá características pessoais e deverá indicar para cada uma delas se são aspectos: *Quase sempre do homem* (HH), *mais do homem* (H), *mais da mulher* (M), *quase sempre da mulher* (MM), ou *de ambos* igualmente (A).

[PARA O PESQUISADOR: MARCAR A OPÇÃO DE RESPOSTA COM X]

|                  |                             |
|------------------|-----------------------------|
| Emoção           | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Trabalho         | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Responsabilidade | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Sensibilidade    | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Cooperação       | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Força            | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Tolerância       | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Competição       | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Obediência       | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Razão            | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Egoísmo          | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Ternura          | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Agressividade    | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Delicadeza       | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Poder            | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Cuidado          | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Beleza           | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |
| Submissão        | (HH) (H) (A) (M) (MM) ( ? ) |

*Informações sociodemográficas*

|  |                  |                         |
|--|------------------|-------------------------|
| Sexo: (Masc) ( Fem )   | Idade: ____ anos | Bairro onde mora: _____ |
| Religião: ( Ateu ) ( Católico ) ( Evangélico ) ( Espírita ) ( Outra: _____ )   |                  |                         |
| (se for o caso) Considera-se praticante dessa religião? ( Sim ) ( Não )  |                  |                         |
| Renda estimada (soma dos salários ou rendas do indivíduo ou de sua família, se morar com ela): (até R\$ 937) (938-1.874) (1.875- 2.811) (2.812-4.685) (4.686-9.370) (9.371- 18.740) (+ de 18.740) ( Não sabe ) ( Não quis informar )   |                  |                         |
| Escolaridade:<br>( ) Nunca estudou ou não terminou a 4 <sup>a</sup> série do ensino fundamental (antigo primeiro grau);<br>( ) Terminou a 4 <sup>a</sup> série do ensino fundamental (antigo primeiro grau);<br>( ) Terminou a 8 <sup>a</sup> série do ensino fundamental (antigo primeiro grau);<br>( ) Terminou o ensino médio (antigo segundo grau) e não está cursando ensino superior (faculdade);<br>( ) Está cursando ensino superior (faculdade);<br>( ) Concluiu ensino superior (faculdade). |                  |                         |
| Situação de relacionamento:<br>( Solteiro ) ( Casado/a ) ( Namorando ) ( União estável ) ( Divorciado/a ) ( Viúvo/a )  |                  |                         |
| (se for o caso) Mora junto? ( Sim ) ( Não )      Tem filhos? ( Sim ) ( Não )   |                  |                         |
| Orientação sexual: ( Heterossexual ) ( Homossexual ) ( Bissexual ) Outra: _____  |                  |                         |

Pesquisador que aplicou o questionário: \_\_\_\_\_

Local da aplicação: \_\_\_\_\_

Data de aplicação: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_